Manual sobre a fé, a esperança e a caridade

Santo Agostinho

Santo Agostinho

Manual sobre a fé, a esperança e a caridade

Tradução: Souza Campos, E. L. de
TEODORO EDITOR
Niterói – Rio de Janeiro – Brasil
2018

Manual sobre a fé, a esperança e a caridade

Para Laurêncio

Santo Agostinho

Introdução[1]

Compus também um livro sobre a **Fé, a esperança e a caridade**, para responder a um pedido daquele a quem o dediquei e que me tinha solicitado um livrinho que não deveria sair de suas mãos. Isto é o que os gregos chamam de *enchiridion*, ou seja, manual.

Parece-me que eu expus nele muito exatamente o culto que se deve prestar a Deus e que constitui, certamente, a verdadeira sabedoria humana, segundo as santas Escrituras.

Este livro começa assim: *Eu não conseguiria expressar, meu caro filho Laurêncio, a alegria que me inspira sua ciência iluminada e o desejo que experimento de te ver no meio dos sábios*.

Capítulo I

A verdadeira sabedoria.

Eu não conseguiria expressar, meu caro filho Laurêncio, a alegria que me inspira sua ciência iluminada e o desejo que experimento

[1] Das *Revisões*. Livro II, cap. LXIII.

de te ver no meio dos sábios. Não daqueles dos quais é dito: *Onde está o sábio? Onde o erudito? Onde o argumentador deste mundo? Acaso não declarou Deus por loucura a sabedoria deste mundo?*[2], mas daqueles dos quais está escrito: *É no grande número de sábios que se encontra a salvação do mundo*[3] e que o Apóstolo apresenta como modelo aos cristãos, aos quais ele dirige estas palavras: *Quero que sejais sábios no tocante ao bem e simples no tocante ao mal*[4].

Capítulo II

A sabedoria humana é a piedade.

A sabedoria humana é a piedade. Este princípio está estabelecido no Livro de Jó, onde você pode ler este oráculo da própria sabedoria: "A piedade, eis a sabedoria".

Se você me perguntar o sentido que se deve dar aqui à palavra piedade, você o encontrará nitidamente explicado no termo grego *theosebeia* (*θεοσέβειαν*), que quer dizer culto a Deus. A língua grega também designa a piedade pela palavra *eusebeia (εύσέβεια)*, culto legítimo. Menos especial, este termo é, todavia, consagrado ordinariamente para designar o culto religioso. Mas, como o primeiro termo traz com ele a definição da coisa, ele é o mais adequado para fixar o caráter essencial da sabedoria.

---

[2] 1 Coríntios 1: 20.
[3] Sabedoria 6: 24.
[4] Romanos 16: 19. *Sed volo vos sapientes esse in bono et simplices in malo*.

Talvez você queira uma definição mais precisa. Você que quer que eu lhe apresente as maiores verdades de forma abreviada. Ou deseja que eu te explique este termo e que o ensine em poucas palavras como se deve honrar Deus?

Capítulo III

Honra-se Deus através da fé, da esperança e da caridade.

Se eu te responder que se deve honrar Deus através da fé, da esperança e da caridade, você vai me acusar de estender muito a precisão e me pedir uma explicação sucinta sobre estes três pontos. A saber, que é preciso acreditar, esperar e amar.

Este trabalho será uma resposta completa às questões que você me colocou em sua carta. Se você guardou uma cópia dela, você pode relê-las. Em todo caso, eu vou lembrá-las.

Capítulo IV

As questões colocadas por Laurêncio e as respostas de Santo Agostinho.

Você me escreveu dizendo que gostaria que eu compusesse para você o que se chama de um manual. Um texto que pode ser levado por toda parte e onde estejam tratadas as seguintes questões: “1ª O que se deve acreditar? Do que se deve suspeitar, sobretudo nos conflitos das heresias? 2ª Até que ponto a razão pode se tornar uma auxi-

liar da fé e qual é sua deficiência nos mistérios que só a fé revela? 3ª Onde começa e onde termina em nós a perfeição? Qual é o resumo da doutrina cristã? 4ª Qual é o fundamento verdadeiro e indestrutível da fé católica?"

Você saberá tudo o que é preciso saber sobre estes pontos, quando você souber exatamente o que é preciso acreditar, esperar e amar. É isto principalmente, ou melhor, é isto tudo que é preciso abraçar na religião. Quem combate estes princípios ou não é um cristão ou não passa de um herético.

O emprego da razão só é legítimo na medida em que as verdades são da alçada dos sentidos ou são capturadas pelo nosso intelecto. Quanto às coisas que não necessitam da esperança ou que ultrapassam e sempre ultrapassaram o alcance da mente humana, é preciso reportá-las sem hesitação ao testemunho dos autores que compuseram as Escrituras, tão justamente classificados como divinos, pois seus sentidos ou suas mentes receberam de Deus uma energia assaz poderosa para apreender as verdades sobrenaturais ou enxergá-las antecipadamente.

Capítulo V

Resposta à terceira e à quarta questão.

O espírito, uma vez penetrado pelos princípios da fé que age pelo amor, se esforça, por uma via pura, por chegar à contemplação

onde deve se revelar, aos corações santos e perfeitos, a inefável beleza cuja visão compõe a felicidade soberana.

Este é o princípio, este é o fim da perfeição: ela começa pela fé, ela termina na visão de Deus. Este também é o resumo do cristianismo.

Quanto ao fundamento verdadeiro e eterno da fé católica, este é o próprio Jesus Cristo. Diz o Apóstolo: *Quanto ao fundamento, ninguém pode pôr outro diverso daquele que já foi posto: Jesus Cristo*[5].

E que não se vá dizer que este fundamento não é essencial à fé católica, por que ele parece servir de ponto comum entre nós e alguns heréticos. Se examinarmos atentamente o conjunto das verdades ensinadas por Jesus Cristo, perceberemos que Jesus Cristo só pertence de nome a certos heréticos que pretendem o título de cristãos, mas que, na realidade, ele não reina no meio deles.

A demonstração desta verdade me levaria muito longe. Seria preciso, de fato, passar em revista todas as heresias antigas, atuais ou mesmo possíveis e mostrar, ao analisá-las, que elas só são cristãs de nome. Ora, esta discussão exigiria um conjunto de volumes, ou melhor, ela parece inesgotável.

[5] 1 Coríntios 3: 11.

Capítulo VI

O material que pode conter um manual.

Pelo contrário, você só espera de mim "um manual e não grossos volumes capazes de encher as prateleiras de uma biblioteca".

Retornando então aos três pontos que constituem o culto devido a Deus __ a fé, a esperança e a caridade __ é fácil ensinar o que é preciso acreditar, o que é preciso esperar e o que é preciso amar.

Trata-se de refutar os sofismas daqueles que combatem nossos princípios? Uma obra assim exige uma ciência profunda e extensa. E, para adquiri-la, não basta um manual; é preciso o entusiasmo de um coração abrasado pelo zelo.

Capítulo VII

O Símbolo e a Oração do Senhor reúnem a fé, a esperança e a caridade.

Veja o Símbolo e a Oração do Senhor; o que há de mais curto para ler ou ouvir e de mais fácil para gravar na memória?

Como o gênero humano estava esmagado pelo peso da miséria que tinha atraído o pecado e precisava da misericórdia divina, um profeta, anunciando o reino da graça, disse: *Todo o que invocar o nome do Senhor será poupado*[6]. Daí a origem da prece.

[6] Joel 3: 5. Cf. Atos 2: 21 e Romanos 10: 13.

Além disso, o Apóstolo, após ter invocado o testemunho do profeta e para atrair os olhos para a graça, logo acrescenta: *Como invocarão aquele em quem não têm fé?*[7] Daí a origem do Símbolo.

Você descobre na Oração do Senhor e no Símbolo as três virtudes fundamentais. É a fé que acredita e são a esperança e a caridade que rezam e, como as duas últimas não podem existir sem a primeira, a fé igualmente reza. Foi neste sentido que foi dito: *Como invocarão aquele em quem não têm fé?*

Capítulo VIII

Explicação geral da fé, da esperança e da caridade e sua união indissolúvel.

Mas, podemos esperar o que não acreditamos? Todavia, há coisas em que acreditamos sem esperá-las, pois, o que é o cristão que não acredita no castigo eterno reservado aos ímpios? Segue-se daí que não se espera esse suplício? Não. É bom acreditar que ele está suspenso sobre sua cabeça e, ao afastar seu pensamento com horror, não se espera, se teme.

Um poeta distinguiu claramente estes dois sentimentos: *Deixe ao medo um raio de esperança*[8].

[7] Romanos 10: 14.
[8] Lucano. *Farsalia*, II, 15.

Outro poeta, apesar da superioridade de seu gênio, não empregou a expressão própria neste verso: *Se posso esperar uma dor assim*[9].

Alguns gramáticos também citaram este verso como um exemplo de impropriedade. Segundo eles, o autor empregou *esperar* no sentido de *temer*[10].

A fé pode se ligar tanto ao bem quanto ao mal, pois, pode-se acreditar, sem que a fé seja ruim, tanto no bem quanto no mal.

A fé também pode ter como objeto o passado, o presente e o futuro. Por exemplo, acreditamos que Jesus Cristo ressuscitou. Isto é um fato passado. Que ele está sentado à direita de seu Pai. Isto é um fato presente. Que ele virá julgar todas as pessoas. Isto é um fato futuro.

A fé também se estende aos interesses alheios, tanto quanto aos nossos. De fato, acreditamos não apenas em nossa existência, como também na das outras pessoas e do mundo. Longe de ser eterna, ela teve um começo. Acreditamos em um grande número de mistérios que dizem respeito aos nosso semelhantes e até mesmo aos anjos.

---

[9] Virgílio. *Eneida*, livro V, 419.

[10] *Sperare*, como no grego *elpizein*, significa prever o bem ou o mal. Santo Agostinho sabia isto muito bem e não se esqueceu dos comentários gramaticais dos velhos poetas. Mas, ele quer definir nitidamente o objeto próprio da esperança, ou seja, a felicidade e precisa de um termo técnico. Se Lucano fornece este termo, ele o pega em Lucano. Esta é uma prova, entre mil outras, de que a análise filosófica foi uma causa mais ativa talvez do que a barbárie na decomposição do latim e o verdadeiro berço dos idiomas modernos.

Quanto à esperança, ela tem como objeto o bem e o futuro. Ela é, além disso, um sentimento todo pessoal.

A fé e a esperança, tendo um caráter distintivo, devem então ser designadas por um termo especial. No entanto, estas duas virtudes possuem um traço em comum: ambas estão relacionadas a um objeto invisível. Foi por isso que, na Epístola aos Hebreus, cujo testemunho foi invocado pelos apologistas mais ilustres, a fé foi definida assim: *É uma certeza a respeito do que não se vê*[11].

Sem dúvida que, quando uma pessoa pretende se reportar __ ou, se preferir, dar sua adesão __ não à autoridade das palavras, do testemunho ou do raciocínio alheio, mas à própria evidência que está à disposição de seus olhos, ela não enuncia uma opinião tão insensata que se tenha o direito de repreendê-la, de censurar suas pretensões e lhe dizer: "Você viu, então, você não acreditou". Isto poderia levar a crer que há uma contradição em dizer que uma coisa pode ser crível sem estar diante dos olhos.

Mas a fé tem em nós um sentido melhor definido. Nós chamamos assim a crença que faz nascer em nós o testemunho das divinas Escrituras e que se liga, por consequência, a um objeto invisível.

O Apóstolo disse, igualmente, da esperança: *Ver o objeto da esperança já não é esperança, por que o que alguém vê, como é que ainda o espera? Nós que esperamos o que não vemos, é com paciên-*

[11] Hebreus 11: 1.

cia que o aguardamos[12]. Portanto, ao termos fé nos bens que virão, só fazemos esperar.

O que dizer do amor? Sem ele a fé é inútil e, quanto à esperança, ela é inseparável dele. Como diz o apóstolo Tiago: *Os demônios creem e tremem*[13]. Mas, apesar da fé, eles não podem amar e nem esperar. Ou melhor, eles temem ver se realizar o que a fé nos ensina amar e esperar.

Também o apóstolo São Paulo aprova e exalta *a fé que opera pelo amor*[14]e, nesta condição, indissoluvelmente unida à esperança. Em resumo: o amor supõe a esperança, como a esperança supõe o amor e estes dois sentimentos são inseparáveis da fé.

Capítulo IX

Os princípios da fé, na própria ordem do símbolo e a ciência necessária ao cristão.

Pergunta-se o que é preciso acreditar em matéria de religião? Seria bem inútil procurar penetrar os segredos da natureza, à exemplo dos físicos[15], para falar como os gregos.

As propriedades e o número dos elementos; os movimentos regulares dos corpos celestes e seus eclipses; a estrutura do universo; as espécies e a organização dos animais; a formação das plantas, das

[12] Romanos 8: 24 e 25.
[13] Tiago 2: 19.
[14] Gálatas 5: 6.
[15] *Physicus.* Este termo corresponde à nossa palavra *naturalista*, em toda sua acepção.

pedras, das fontes, dos rios, das montanhas; as divisões do espaço e do tempo; os prognósticos da temperatura e mil outros fenômenos que os sábios descobriram ou se gabam de terem descoberto as leis. São muitas questões que os cristãos não devem se preocupar por não saber a fundo, pois até mesmo os sábios, seja qual for a superioridade de seu gênio, o fogo de seu entusiasmo, a extensão de seus trabalhos, não puderam descobrir tudo, seja recorrendo às hipóteses, seja à experiência dos séculos passados e, nas descobertas das quais eles se vangloriam, há mais probabilidade do que ciência de verdade.

Basta a um cristão saber que as coisas criadas, celestes ou terrestres, visíveis ou invisíveis, só possuem uma causa: a bondade do Deus verdadeiro e único que as tirou do nada; que todo ser está nele ou vem dele; que esse Deus é em três pessoas: o Pai, o Filho gerado do Pai, o Espírito Santo procedente de um e do outro, único e mesmo Espírito do Pai e do Filho.

Capítulo X

A origem do mal.

Criado pela Trindade, em quem o bem reside em sua plenitude e sua imutável perfeição, o mundo não reproduz essa bondade soberana, indefectível, imutável.

No entanto, cada coisa tem o grau do bem que lhe é próprio.

Tudo é bom[16] e, do acordo das partes entre elas nasce um conjunto de maravilhosa beleza.

Capítulo XI

O mal é apenas a negação do bem.

O mal tem seu lugar natural e legítimo na criação: é preciso ressaltar, através do contraste, o prêmio do bem e lhe dar um novo atrativo.

De fato, o Deus onipotente __ ao qual até mesmo os pagãos atribuem "um império soberano sobre a natureza"[17] __ jamais teria permitido, em sua bondade infinita, que o mal se misturasse com sua obra, se ele não fosse tão bom e tão poderoso para tirar o bem do próprio mal.

E, o que é o mal, se não é a negação do bem? No corpo, as doenças e os ferimentos são uma falha na saúde e isto é tão verdadeiro, que os remédios têm por efeito, não expulsar essas desordens do organismo para que elas possam sobreviver em outro lugar, mas destruí-las absolutamente.

Os ferimentos e as doenças não são substâncias; elas são apenas alterações da carne. Ora, sendo a carne uma substância, ela é, por isso mesmo, um bem, mas é um bem que pode modificar a doença, ou seja, a falta do bem que se chama saúde.

---

[16] Cf. Gênesis 1: 31. *Deus contemplou toda a sua obra e viu que tudo era muito bom*.
[17] Virgílio. *Eneida*, X, 100.

O mesmo acontece com a alma, quaisquer que sejam seus vícios. Os vícios não são todos uma privação dos bens que a alma tem em sua natureza? Se eles forem curados, eles não vão se refugiar em outro lugar; eles desaparecem do seio da saúde, com a qual eles são incompatíveis.

Capítulo XII

Todos os seres são bons. É a imperfeição de sua natureza que os sujeita à corrupção.

Sendo todos os seres a obra da bondade infinita, eles são, necessariamente, bons. Mas, como eles não podem possuir a bondade soberana e imutável de seu Criador, o bem neles é suscetível de diminuir ou aumentar.

Ora, toda diminuição do bem é um mal. No entanto, qualquer que seja essa degradação, ele supõe, necessariamente, uma substância que serve de suporte ao ser, por pouco que ele seja real e efetivo.

Imagine um ser tão limitado e tão imperfeito quanto você quiser. A bondade que compõe sua essência não poderia ser aniquilada sem que ele próprio seja aniquilado.

Se um ser que a corrupção não atingiu é digno de nossa admiração, aquele que sua própria essência torna absolutamente incorruptível, lhe é, sem dúvida nenhuma, superior.

Mas, quando uma substância se corrompe, essa corrupção, acarretando a perda de algum bem, se torna, por isso mesmo, um mal, pois, se ela não acarretasse a perda de nenhum bem, ela não lhe seria nociva. Ora, ela lhe é nociva, pois lhe acarreta a perda de algum bem.

Assim, na medida em que uma substância vai se corrompendo, ela conserva um bem do qual ela vai sendo insensivelmente despojada. Por consequência, se lhe restasse um grau qualquer de bondade que a corrupção não pudesse atingir, ela se tornaria essencialmente incorruptível e teria adquirido esse bem imenso pelo próprio efeito da corrupção.

Pelo contrário, ela não para de se corromper? Ela guarda, necessariamente, um bem suscetível de ser destruído pela corrupção. Se ela pudesse ser corrompida inteiramente e em seu fundo, todo vestígio de bem se apagaria e, só por isso, ela não existiria mais.

A corrupção só pode então aniquilar o bem reduzindo a própria substância ao nada.

Todo ser é, portanto, bom. Em um alto grau, se ele é isento de corrupção; em um grau menor, se ele está submetido aos seus efeitos. Quanto a negar que ele seja bom, seria preciso ser tolo ou estranho à filosofia, pois, se o ser fosse aniquilado pela corrupção, a própria corrupção desapareceria, já que não haveria mais substância onde ela pudesse existir.

Capítulo XIII

Nenhum mal existiria sem o bem.

É preciso então concluir que não há mal sem bem. O bem, sem nenhuma mistura do mal, é o bem absoluto. Unido ao mal é um bem corrompido ou corruptível. Mas o mal não poderia existir na ausência total do bem.

Daí uma consequência que parece estranha. Sendo toda substância essencialmente um bem, pretender que uma substância corrompida é má, é dizer, no fundo, que um bem é um mal e que só há mal quando existe o bem, pois toda substância é um bem e, para ser má, uma coisa deve existir.

O mal, para existir, supõe então um bem e, embora esta verdade pareça um paradoxo, o raciocínio no-la impõe como a consequência inevitável de um princípio necessário.

Seria preciso então ver cair sobre nossas cabeças esta sentença pronunciada pelo Profeta: *Ai daqueles que ao mal chamam bem e ao bem, mal, que mudam as trevas em luz e a luz em trevas, que tornam doce o que é amargo e amargo o que é doce!*[18]

É verdade que o Senhor disse: *A pessoa de bem tira boas coisas de seu bom tesouro. A má, porém, tira coisas más de seu mau tesouro*[19].

---

[18] Isaías 5: 20.
[19] Mateus 12: 35.

Ora, sendo o ser humano uma substância, um ser humano mau não é uma má substância? Por outro lado, se o ser humano, somente por ser uma substância, é um ser excelente, o ímpio não é um mal excelente?

Esta dificuldade não sobrevive a um exame mais atento. O mal, no ímpio, não é inerente à natureza humana e nem o bem à iniquidade. Somos bons por sermos humanos e somos maus por cometermos iniquidades.

Se então pretendermos que é um mal existir e um bem ser mau, incorremos no anátema do Profeta: *Ai daqueles que ao mal chamam bem e ao bem, mal*, pois censuramos no ser humano o que é obra de Deus e aprovamos nele o mal que é devido somente à iniquidade.

Portanto, todo ser, mesmo corrompido, é bom, na medida em que ele é um ser. Mas, na medida em que é corrompido, ele é mau.

Capítulo XIV

O mal nasce do bem.

O bem e o mal são, então, contrários aos quais não se poderia aplicar este axioma dos metafísicos: “duas qualidades contraditórias não podem existir em uma mesma substância”.

O ar não pode ser ao mesmo tempo escuro e transparente; o uma bebida, um alimento não podem ser ao mesmo tempo doce e

amargo; o branco e o negro, o belo e o feio não podem existir simultaneamente em uma mesma parte de um mesmo corpo.

Em geral, a identidade da substância exclui os contrários. Mas, não é o caso do bem e do mal. Por mais evidente que seja sua oposição essencial, eles se reúnem no mesmo ser.

O que eu digo? O mal não pode existir sem o bem e fora do bem, mas o bem pode existir fora do mal.

Imagine-se um ser humano e um anjo isentos de qualquer injustiça. Ora, estes dois seres são os únicos capazes de cair na injustiça. Será então um bem ser humano ou anjo e um mal ser injusto. Estes dois contrários mantém então uma relação tal que o mal não poderia existir sem um bem ao qual ele possa se ligar, pois, sem uma base capaz de se alterar, o vício não teria mais uma substância onde possa nascer e residir, já que todo vício supõe a alteração de um bem.

Assim, os males nascem dos bens e aí encontram seu suporte.

Imagine outro princípio de onde o mal possa sair e você não o encontrará, pois a substância do mal, enquanto substância, seria boa necessariamente. Assim, ela seria indefectível e, por consequência, um bem infinito, ou ela seria suscetível de se alterar e, por consequência, ofereceria ainda um bem somente sobre o qual a corrupção poderia agir.

Capítulo XV

Uma árvore boa não pode dar maus frutos?

Que não se vá acreditar que, ao dizermos que o mal sai do bem, nós nos colocamos em contradição com estas palavras do Senhor: *Uma árvore boa não pode dar maus frutos*[20].

Sem dúvida que, como também diz a Verdade soberana: *Colhem-se, porventura, uvas dos espinhos e figos dos abrolhos?*[21], por que a uva não vem dos espinhos. Mas, vemos cotidianamente vinhas e espinhos crescerem juntos em uma terra excelente.

Da mesma forma então que uma árvore má não pode produzir bons frutos, assim também uma vontade perversa não poderia ser um princípio de boas ações, mas a natureza humana, por mais excelente que ela seja, pode produzir tanto uma boa quanto uma má vontade. E, de fato, a primeira intenção culpada só encontrou, para germinar, duas naturezas excelentes: a do ser humano e a do anjo.

O Senhor, por fim, colocou este pensamento em plena luz, na mesma passagem onde falou da árvore e de seus frutos: *Ou dizeis que a árvore é boa e seu fruto bom, ou dizeis que é má e seu fruto, mau; por que é pelo fruto que se conhece a árvore*[22]. Ele nos revela suficientemente com isso que, se uma árvore boa não pode produzir maus frutos e nem uma árvore má bons frutos, a terra, à qual se diri-

[20] Mateus 7: 18.
[21] Mateus 7: 16.
[22] Mateus 12: 33.

gia este preceito, pode igualmente ver nascer estas duas espécies de árvores.

Capítulo XVI

A ciência não é um elemento essencial à felicidade.

Já que é assim, mesmo admirando o célebre verso de Virgílio: "Feliz aquele que pôde remontar até o princípio das coisas"[23], não vamos imaginar que o meio de chegar à felicidade é conhecer as leis que regem os magníficos movimentos dos corpos no universo, mistérios que a natureza mantém em sua últimas profundezas; saber "por que a terra treme; qual é o poder que faz o mar crescer em seus abismos, empurrá-lo para fora de seus limites e, em seguida, recuá-lo sobre ele mesmo"[24] e outros fenômenos análogos.

Devemos nos limitar a pesquisar as causas de onde provém os bens e os males e isso nos limites que impõe ao ser humano a necessidade de escapar dos erros e das misérias do quais esta vida é uma fonte fecunda.

Nosso objetivo é nos voltarmos para a beatitude que exclui a desordem do sofrimento, como as ilusões do erro. Se houvesse a obrigação para nós de remontarmos às leis dos fenômenos da natureza, nosso primeiro dever seria nos aprofundarmos nos segredos de nossas doenças.

---

[23] *Geórgia*, II, 490.
[24] Virgílio. *Geórgia*, II, 479-480.

No entanto, nossa insuficiência sobre este ponto é tal que recorremos aos médicos. Então, como não nos resignarmos com a impotência que temos de sondar as maravilhas do céu e da terra?

Capítulo XVII

No que consiste o erro. O erro não é sempre nocivo.

Devemos, sem dúvida, evitar o erro por todos os meios em nosso poder, tanto nas grandes quanto nas pequenas coisa. Mas, como há erros que são causados pela ignorância, não se pode concluir que a falta de conhecimento sempre leva ao erro.

Enganar-se é acreditar saber o que não se sabe, pois o verdadeiro caráter do erro é tomar o falso como verdadeiro. Mas, a gravidade do erro depende sobretudo do objeto que o ocasiona.

Tratando-se de um mesmo objeto, a ciência, sem dúvida nenhuma, vale mais do que a ignorância e a certeza do que a ilusão.

Tratando-se de objetos diferentes, se um sabe coisas úteis e outro coisas supérfluas ou mesmo nocivas; sob este ponto de vista, quem não preferiria a ignorância ao saber?

Há coisas que mais vale ignorar do que saber. Isto é tão verdadeiro que muitas vezes foi mais vantajoso se afastar, não digo do caminho da virtude, mas em viagem.

A nós mesmos aconteceu de nos enganarmos em uma encruzilhada da estrada e evitarmos assim uma emboscada onde um bando

de donatistas esperava com armas o momento de nossa passagem. Só pudemos chegar ao nosso destino tomando um longo desvio, mas, ao sabermos da armadilha que tínhamos evitado, nos felicitamos por nos termos desgarrado e demos graças a Deus.

Quem não preferiria, neste caso, a ilusão que engana o viajante ao verdadeiro conhecimento que possui o bandido?

Se então o maior de nossos poetas fez um amante dizer, no auge do desespero: *Eu te vi e, desconcertado, tornei-me o brinquedo de um funesto erro*[25], foi por que há erros felizes que, sem serem nocivos, produzem um bem.

Mas, indo a fundo nas coisas, já que o erro só consiste em tomar o verdadeiro pelo falso e o falso pelo verdadeiro, ter o certo como incerto e o incerto como certo, qualquer que seja a verdade ou a falsidade das coisas nelas mesmas; a humilhação e o aviltamento de nossa mente nesse estado só se compara com sua grandeza e sua nobreza, quando lhe basta, para expressar sua adesão, dizer simplesmente: *Sim, se é sim; não, se é não*[26].

Podemos apreciar toda a miséria desta vida quando, para se preservar, às vezes é necessário a ajuda do erro.

Longe de mim o pensamento de comparar com a vida humana a existência em que nossa alma deve viver da verdade e onde não há nem enganador e nem enganado. Mas, neste mundo, as pessoas ou

[25] Virgilio, *Écloga*, 8, 41
[26] Mateus 5: 37.

são enganadoras ou enganadas e é um erro muito maior mentir para enganar do que ser induzido ao erro acreditando na mentira.

No entanto, o horror da natureza humana pelo falso é do mesmo nível que sua propensão a evitar o erro e os mesmos que gostam de enganar não consentem em ser enganados.

O mentiroso, de fato, não é enganado pelo erro em que ele induz aquele que confia em suas palavras. Mas, se ele não se engana com a própria coisa cuja verdade ele cientemente altera, ele se engana ao imaginar que sua mentira não lhe traz nenhuma consequência danosa. O pecado é mais fatal ao seu autor do que àquele que é sua vítima.

Capítulo XVIII

Toda mentira é um pecado, mas sua gravidade é relativa. A intenção faz a mentira.

Aqui se levanta uma questão obscura e sutil, que as necessidades da polêmica nos obrigaram a tratar em uma obra considerável. Trata-se de saber se a pessoa de bem pode, algumas vezes, mentir.

Há pessoas que chegam até a defender que o perjúrio e a mentira, em matéria de religião e de fé, poderiam ser, em certas circunstâncias, um ato de virtude e de piedade.

Quanto a mim, penso que toda mentira é um pecado propriamente, mas sua gravidade está subordinada à intenção e à própria

natureza da falta. O pecado não tem a mesma gravidade se for o caso de quem mente para fazer o bem ou para causar um dano.

Causa-se menos prejuízo dar uma informação falsa a um viajante do que falsear os princípios que conduzem à vida eterna.

Não se poderia considerar um mentiroso aquele que disse uma falsidade acreditando dizer a verdade, pois ele estava mais enganado do que enganando. Neste caso, é preciso então ver a mentira mais como uma falta de reflexão daquele que fez muito apressadamente uma afirmação falsa e a considerou verdadeira.

Pelo contrário, mente-se, na medida em que isto depende de quem o faz, quando se dá por verdadeiro o que se acredita falso, pois, considerando-se somente a intenção, não se diz a verdade quando se fala contra o próprio pensamento, mesmo quando o que se diz é realmente verdade. É culpado de mentira quem diz a verdade com a boca e sem conhecê-la, mas, em seu coração, a intenção é de enganar.

Então, independentemente do próprio objeto sobre o qual recai o erro e examinando somente a intenção daquele que fala, está mais conforme à virtude dizer por ignorância uma coisa falsa, acreditando ser a verdade, do que se propor a mentir e encontrar a verdade sem querer. Em um, a palavra está de acordo com o pensamento e no outro, qualquer que seja o valo de sua afirmação, a boca expressa um

pensamento, mas o coração esconde outro e este é o caráter distintivo da mentira.

Quanto aos objetos sobre os quais recai a ilusão, avalia-se sua importância para estabelecer a gravidade do erro ou da mentira. Se é menos funesto ser enganado e enganar, no que toca aos interesses puramente humanos, é mil vezes mais desculpável mentir nas coisas que não dizem respeito à religião do que ser enganado sobre os princípios que é preciso acreditar ou saber necessariamente para honrar Deus.

Para esclarecer meu pensamento com um exemplo. Comparemos a mentira de uma pessoa que afirmasse que um morto ainda estava vivo com o erro daquele que acreditasse que Jesus Cristo deve morrer uma segunda, vez ao fim de um intervalo de tempo indeterminado. Não é infinitamente melhor mentir como o primeiro do que se enganar como o segundo? Não há uma desordem bem menor a arrastar alguém no primeiro caso, do que se deixar levar pelo segundo?

Capítulo XIX

O erro é sempre um mal, embora em graus diferentes.

Assim, então, de acordo com a natureza do objeto, o erro, uma hora é causa de um mal maior, outra hora de um mal menor e, sem ser nocivo, ele até mesmo produz algum bem.

O mal é imenso quando não se acredita nas verdades que conduzem à vida eterna ou quando se acredita em erros que arrastam para a danação. Ele é leve quando uma falsa avaliação nos atrai desgraças passageiras que a resignação cristã pode transformar em um bem. Este é o caso de uma pessoa que soubesse nos disfarçar sua maldade.

Quem considera uma pessoa má como sendo boa, mesmo sem ser vítima dela é o instrumento de um erro inocente e está incluído nesta maldição do Profeta: *Ai daqueles que ao mal chamam bem*[27].

Estas palavras devem ser entendidas como se referindo aos vícios, mais do que a pessoas. Por exemplo: ao se dizer que o adultério é um bem, incorre-se no anátema do Profeta. Mas, se qualificarmos uma pessoa como boa, por que acreditamos que ela seja casta e ignoramos seus desregramentos, o erro não tem mais como objeto o vício e a virtude, mas o próprio mistério que envolve as ações humanas. Ao considerá-la como boa e ao lhe atribuir uma virtude, acreditando que o adultério é um mal e a castidade um bem, nós lhe damos este qualificativo por que acreditamos que ela seja casta e ignoramos que ela vivem no adultério.

Por fim, se o erro se torna um meio de salvação, como eu sou um feliz exemplo, ele é de alguma utilidade para o ser humano.

[27] Isaías 5: 20.

E, quando eu digo que, em certos casos, pode-se enganar sem que isso resulte em um mal ou até mesmo resulte em um bem, eu não quero dizer que o erro, propriamente, não tenha nenhum mal ou seja um bem. Eu quero falar do mal que se evita ou do bem que se consegue, ao se afastar de seu objetivo. Em outros termos, os desregramentos que o erro não produz, ou as vantagens que decorrem dele.

Mesmo que a gravidade do erro esteja em proporção com a importância das coisas, ele é sempre um mal. Poder-se-ia, de fato, sem cair no erro, pretender que não há nenhum mal em tomar o falso como verdadeiro, em rejeitar o verdadeiro como falso, em ter como certo o que é incerto e reciprocamente?

Mas, há uma diferença profunda entre a ilusão que nos faz ver como boa uma pessoa má e a ausência de consequências perversas que poderiam advir disso. Há um erro, mas este mal não produziu outros, quando a pessoa má nos enganou mas não nos induziu ao mal.

Da mesma forma, há uma grande diferença em acreditar falsamente que se tomou o caminho certo e colher deste erro uma vantagem. Como, por exemplo, evitar uma emboscada dos celerados.

Capítulo XX

Nem todo erro é um pecado. A refutação do ceticismo da Nova Academia.

É preciso ver as faltas em um conjunto de erros. Por exemplo: abona-se a opinião de uma pessoa má, cujos costumes não se conhece. Um sonho nos apresenta fantasias que a imaginação entende como realidades e a realidade parece, algumas vezes, ser apenas um sonho. O apóstolo Pedro conta que, libertado de repente de suas correntes e de sua prisão, por um anjo, pensou que sonhava[28].

Na própria ordem física, confunde-se o áspero com o polido, o doce com o amargo, os perfumes com as catingas, o ruído de um carro com um trovão; a semelhança dos traços faz pensar que uma pessoa é outra, sobretudo quando a semelhança é gritante, como é o caso dos gêmeos e ela produz aquela "ilusão encantadora para os pais"[29], de que fala o poeta e outras coisas semelhantes.

Também não quero me propor a resolve o problema que tanto atormentou os sutis filósofos da Academia e nem examinar com eles se o sábio deve se abster de qualquer julgamento dogmático, para evitar cair no erro, ao tomar o falso pelo verdadeiro, pois, segundo eles, tudo é mistério e incerteza.

---

[28] Cf. Atos 12: 9.
[29] Virgílio. *Eneida*, X, 392.

Eu escrevei três livros sobre este assunto, no comecinho de minha conversão, para afastar as pilhas de contradições que poderiam interromper meus primeiros passos.

Acima de tudo, de fato, eu tenho que refutar os argumentos nos quais eles se baseiam, para demonstrar que a verdade é encontrável.

Nesse sistema, todo erro é uma falta e o único meio de evitá-lo é evitar, em todas as coisas, o julgamento, pois o erro consiste em aderir a aparências e não há nenhuma certeza nas ideias, por que o falso não apresenta nenhum caráter distintivo do verdadeiro, mesmo quando o verdadeiro está escondido sob aparências.

Esta é sua teoria e, para sustentá-la, eles abusam de todos os recursos da dialética; do mais sutil ao mais audacioso. Para nós, pelo contrário, *O justo vive pela fé*[30].

Mas, se toda adesão é impossível, a fé é destruída, pois, não se pode acreditar sem dar sua adesão à fé. Ora, há coisas verdadeiras, embora invisíveis, que é preciso acreditar, sob pena de não chegar jamais à vida bem-aventurada, ou seja, à vida eterna.

Desta forma, não sei muito se devemos discutir com filósofos que, longe de admitir a imortalidade da alma, nem mesmo sabem se vivem neste mundo.

O que foi que eu disse? Eles afirmam não saber o que eles sabem necessariamente. Não se pode, de fato, duvidar de nossa exis-

[30] Habacuc 2: 4.

tência, pois, sem a existência, não se é capaz de nada, nem mesmo de ignorar, já que, para ignorar, bem como para saber, é preciso primeiro existir.

Ao se recusarem admitir sua própria existência, eles pensam que evitam o erro, como se o próprio erro não fosse a prova incontestável de que eles existem, pois, se não existissem, não poderiam errar.

Nossa existência é, portanto, um fato tão verdadeiro quanto incontestável e este princípio gera um conjunto tão grande de verdades evidentes que a dúvida seria, com relação a isto, menos filosófica do que insensata.

Capítulo XXI

O erro, sem ser sempre uma falta, é essencialmente um mal.

Quanto às coisas sobre as quais a fé ou a dúvida, a certeza ou o erro, não contribuem em nada para a conquista do reino de Deus, a ilusão que faz tomar o verdadeiro como falso não provoca nenhuma falta, contanto que essa falta seja leve e sem consequências.

Para dizer tudo, erros assim, quaisquer que sejam suas naturezas e gravidades, estão fora do caminho que nos conduz a Deus. Em outros termos: d*a fé que opera pelo amor*[31].

[31] Gálatas 5: 6.

Não foi se afastar desse caminho a ilusão encantadora que fez os gêmeos confundirem seus pais, a crença do apóstolo Pedro que, em um sonho, tomou uma fantasia de sua imaginação como realidade, inclusive sobre a partida do seu anjo libertador[32]. Da mesma forma o patriarca Jacó não deixou esse caminho, quando imaginou que seu filho, que ainda vivia, tinha sido devorado por um animal cruel[33].

Somos vítimas dessas ilusões e desses erros, sem perder a fé em Deus e nem deixar o caminho que leva para ele. Sob este ponto de vista, eles não são pecados. No entanto, precisamos incluí-los nos males desta vida, onde a vaidade domina com tanto império que nela tomamos sem parar o falso como verdadeiro, o verdadeiro é sacrificado ao falso e o incerto é visto como evidente.

Por mais que esses erros sejam estranhos à fé que nos conduz por um caminho seguro e infalível à felicidade eterna, eles fazem parte da miséria no meio da qual estamos ainda mergulhados.

Nossas faculdades morais e físicas estariam ao abrigo do erro, se já desfrutássemos da verdadeira e soberana felicidade.

Capítulo XXII

Toda mentira é um pecado.

Pelo contrário toda mentira deve ser vista como um pecado, por que o ser humano, sabendo a verdade ou se enganando, ele se

[32] Cf. Atos 12, 9.
[33] Cf. Gênesis 37: 33.

afasta por causa de sua fraqueza natural e deve falar como pensa. Pouco importa aqui que sua linguagem expresse a verdade ou a contradiga; o importante é que ele seja sincero.

A mentira só consiste em falar contra seu pensamento e com a intenção de enganar. As palavras não foram feitas para esconder o pensamento, mas para comunicá-lo.

É, portanto, um pecado utilizar a linguagem para enganar, desviando-a de seu objetivo primitivo. Não vamos justificar a mentira sob o pretexto de que ela pode ser útil.

Sob este argumento poderíamos inocentar um pobre que cometeu um furto proveitoso em segredo a um rico, sem lhe provocar nenhum dano. No entanto, jamais se poderia sustentar que o furto não é um pecado.

Poderíamos também ver no adultério uma forma de favor, ao consentir em satisfazer a paixão de uma mulher que parecia disposta a morrer de amor e que teria depois tempo para se purificar através do arrependimento. No entanto, um relacionamento tão infame assim é, incontestavelmente, um pecado.

Por que a castidade é tão difícil, a nosso ver, a verdade é menos bela? Não gostaríamos, no interesse alheio, de cometer um adultério, por gostaríamos de cometer uma mentira?

Não se poderia negar, sem dúvida, que mentir com o único objetivo de salvar uma pessoa, já é progredir muito na virtude. Mas, o

que merece então o louvor e o reconhecimento, aos olhos do mundo, é a benevolência, muito mais do que a própria virtude. Basta que este seja desculpado, não aprovado. Sobretudo quando se é herdeiro do Novo Testamento e que se deve seguir este preceito: *Dizei somente: sim, se é sim; não, se é não. Tudo o que passa além disto vem do Maligno*[34].

É por que este mal não deixa de se infiltrar na vida humana que os coerdeiros de Jesus Cristo clamam: *Perdoai nossas ofensas*[35].

Capítulo XXIII

A bondade de Deus é o princípio de todos os bens. O mal vem da revolta da vontade nos seres de perfeição limitada.

Explicações mais longas ultrapassariam os limites desta obra. Examinemos então agora, quais são as causas do bem e do mal, na medida em que devemos conhecê-las para caminhar com segurança no caminho que leva ao reino onde a morte não estará mais associada à vida, o erro à verdade, a inquietude à felicidade.

Sobre este ponto, devemos acreditar, sem a menor dúvida, que a bondade de Deus é o princípio de todos os bens que são o privilégio de nossa natureza, enquanto que os males tem por causa a revolta que separa, do bem imutável, a vontade dos seres onde o bem está sujeito à mudança; ou seja: do anjo e do ser humano.

[34] Mateus 5: 37.
[35] Mateus 6: 12.

Capítulo XXIV

O mal tem uma segunda causa: a ignorância e a concupiscência.

Eis então qual é o primeiro mal da criatura racional. Em outros termos, qual é nela a primeira privação do bem.

A revolta da vontade teve, como consequência imediata e involuntária, a ignorância do dever e a concupiscência e, na sequência, o erro e dor, que são seus companheiros naturais.

Quando somos ameaçados por estes dois males, nossa alma procura evitá-los e é este movimento que chamamos de medo.

Quando possuímos o objeto de nossas cobiças, o erro nos impede de sentir o perigo e o vazio. Nossa alma é então dominada pelo prazer corruptor onde ela se abandona aos transportes de uma alegria insensata. Essas paixões, filhas da necessidade e não da abundância são a fonte de todas as misérias que esmagam a criatura racional.

Capítulo XXV

Os castigos do pecado.

No entanto, no próprio seio de sua miséria, o ser inteligente não conseguiria perder o gosto da felicidade.

Esses males, é verdade, são comuns tanto aos seres humanos quanto aos anjos, cuja rebelião foi, justamente, condenada pela justiça do Senhor. Mas o ser humano tem, além disso, um castigo especial a sofrer: a destruição de seu corpo.

Deus, de fato, o tinha ameaçado com este castigo, se ele viesse a pecar. Ele lhe tinha concedido o privilégio da liberdade, mas quis sujeitá-lo às suas leis, oferecendo-lhe a imagem ameaçadora da morte. Foi com esta condição que ele o colocou em um jardim de delícias; fraca imagem da vida mais feliz que ele levaria por sua fidelidade às leis da justiça.

Capítulo XXVI

A pena acarretada pelo pecado de Adão é transmitida a toda sua descendência.

Expulso do Éden após seu erro, ele prendeu à sua condenação e à sua pena, todos os seus descendentes, corrompidos nele como sua fonte. Por consequência, toda descendência que devia nascer dele e de sua mulher __ culpada e condenada como ele __ e sair dessa concupiscência carnal que tinha sido a causa e que permaneceu sendo o castigo por sua desobediência; toda essa descendência, eu digo, foi submetida ao pecado de sua origem e, por consequência, às ilusões e às dores de todas as espécies, que levam ao castigo eterno onde ele cai com os anjos rebeldes seus corruptores, seus mestres e seus companheiros de infortúnio.

Por isso, como por um só homem entrou o pecado no mundo e, pelo pecado, a morte, assim, a morte passou a todo o gênero huma-

no, por que todos pecaram[36]. O mundo, nesta passagem do Apóstolo, designa o gênero humano inteiro.

Capítulo XXVII

O estado do ser humano após o pecado de Adão e a misericórdia de Deus com relação a ele.

Assim ficou o estado do ser humano: o gênero humano inteiro, sob o peso de sua condenação, ficou mergulhado no mal; ou melhor, só fez cair de um mal em outro e, confundido com os anjos culpados, ele expiou sua revolta ímpia. Não se pode ver menos o efeito da cólera divina nas desordens atraentes às quais uma concupiscência cega e sem freio arrasta os ímpios, do que nas penas evidentes e sensíveis que eles sofrem, apesar deles.

No entanto, o Criador, com sua bondade, manteve o dom da existência e da imortalidade para os anjos maus, que, sem essa ajuda, teriam sido aniquilados.

Quanto aos seres humanos, embora a fonte propriamente corrompida e maldita, ele não deixou de criar e de vivificar os elementos que formam seu corpo, dispor seus membros, manter a vivacidade de seus sentidos, de alimentá-los em todo tempo e em todos os lugares.

[36] Romanos 5: 12.

Ele preferiu tirar o bem do mal a suprimir o próprio mal. Se ele tivesse desejado que a queda do ser humano fosse irreparável, como a dos anjos criminosos, ele não teria agido com justiça?

O ser que tinha abandonado Deus, que só fez uso de seu poder para esfregar os pés e transgredir o mandamento tão suave que devia observar de seu Criador, que tinha desonrado em si mesmo a imagem de seu Pai e fechou obstinadamente os olhos para sua luz, que se libertou do jugo salutar da lei divina falsificando sua liberdade; esse ser não merecia se ver abandonado para sempre e expiar seu crime com um castigo eterno?

Esta teria sido sua sorte, se Deus só tivesse consultado sua justiça invés de sua misericórdia e a tivesse empregado com tanto mais brilho quanto aqueles que ela libertou gratuitamente de sua pena foram mais indignos dela.

Capítulo XXVIII

A sorte dos anjos bons.

Quando uma parte dos anjos abandonou Deus em seu orgulho ímpio e foram precipitados das alturas dos céus para as trevas mais profundas da atmosfera terrestre, a tropa fiel dos anjos continuou a participar da felicidade e da santidade de Deus.

O que não vemos aqui é um anjo, primitivamente caído e amaldiçoado, dar nascimento a toda uma posteridade, que recebesse,

como a descendência humana, a mácula do pecado original e ficasse submetida em massa ao castigo de seu autor.

O arcanjo que se tornou posteriormente o Tentador arrastou alguns companheiros para os sonhos de seu orgulho, como para sua queda. Os outros permaneceram unidos a Deus com uma pia obediência e, através de um favor que não receberam os rebeldes, eles adquiriram a certeza de que sua felicidade estaria, dali por diante, ao abrigo de quaisquer mudanças e de qualquer vicissitude.

Capítulo XXIX

A parte do gênero humano que se ergue de sua queda substitui os anjos banidos do céu.

Quais foram os desígnios do Deus Criador e árbitro do universo? Nem todos os anjos se revoltaram contra ele e ele então condenou, com uma sentença irrevogável, aqueles que tinham se perdido. Quanto àqueles que não tomaram parte da revolta, ele concedeu a doce certeza de que sua felicidade estava assegurada para sempre.

À outra parte de criaturas racionais, ou seja, o gênero humano, se perdeu totalmente com o pecado original e os crimes que livremente acrescentaram a ele. Deus permitiu então que ela se erguesse em parte de sua queda, para preencher os vazios provocados no céu pela catástrofe de Satã.

As Escrituras, de fato, prometem aos justos que *Eles jamais poderão morrer, por que são iguais aos anjos, são filhos de Deus e por que são ressuscitados*[37].

Assim, a Jerusalém celeste nossa mãe, a Cidade de Deus, longe de ver diminuir o número de seus habitantes, talvez se torne ainda mais populosa e mais florescente.

Não sabemos o número dos justos e nem o dos demônios que os filhos da Igreja __ essa mãe santa que pareceu neste mundo estar atacada pela esterilidade __ estão destinados a substituir no seio da paz eterna e da felicidade que perderam os rebeldes.

O número desses cidadãos privilegiados, tal como ele é ou que será um dia, só está presente no pensamento do Divino Arquiteto, que *chama à existência as coisas que estão no nada*[38] e que dispõe *tudo com medida, quantidade e peso*[39].

Capítulo XXX

O ser humano não se levanta com seus méritos, mas com o poder da graça.

Seria então através do mérito de seus atos que poderia se levantar a parte do gênero humano que Deus prometeu libertar e admitir em seu reino eterno?

[37] Lucas 20: 36.
[38] Romanos 4: 17
[39] Sabedoria 11: 20.

Longe de nós este erro. Que bem, de fato, poderia realizar, antes de ter sido arrancado de sua miséria, aquele que se perdeu? Seria através de um livre esforço de sua vontade? Não, sem dúvida, pois, ao abusar da liberdade, o ser humano perdeu esse privilégio e perdeu a si mesmo; ele se suicidou.

Uma pessoa que se mata abusa de sua existência e, no mesmo ato, ela a perde e não consegue recuperá-la com sua própria energia. Da mesma forma, o abuso da liberdade gerou a perda da liberdade, que pereceu com o triunfo do pecado.

O ser humano é feito escravo daquele que o venceu[40]. Estas palavras são, seguramente, do apóstolo Pedro e, como elas são infalíveis, o escravo do pecado pode ter outra liberdade além daquela que o faz encontrar no pecado um irresistível atrativo?

Servir livremente é executar com prazer a vontade de seu senhor. Se então o escravo do pecado só é livre para pecar, ele não poderia obervar a justiça livremente, sem ter sido libertado do pecado e envolvido pelos laços da própria justiça.

A verdadeira independência aparece na alegria que inspiram o bem realizado, a pia servidão e a submissão ao mandamento.

Mas, como o ser humano, vendido e entregue ao pecado, encontrará essa liberdade no bem, se ele não for emancipado por Aque-

[40] 2 Pedro 2: 19.

le que disse: *Se o Filho vos libertar, sereis verdadeiramente livres*[41]. Ora, antes de sentir se operar nele esse prodígio, o ser humano é impotente para realizar o bem livremente.

Ele poderia então se vangloriar de realizar o bem com um ato de sua vontade sem estar inflado pelo orgulho insensato cujos movimentos o Apóstolo reprime, quando nos diz: *É gratuitamente que fostes salvos mediante a fé*[42].

Capítulo XXXI

A fé e as boas obras são um dom de Deus.

Para retirar do ser humano o pensamento de que a fé é uma inspiração de seu próprio sentido, mais do que um dom do céu e após ter declarado em outro lugar de suas cartas de que é um *homem que recebeu da misericórdia do Senhor a graça de ser digno de confiança*[43], o Apóstolo acrescenta às palavras que acabamos de citar: *Isto não provém de vossos méritos, mas é puro dom de Deus. Não provém das obras, para que ninguém se glorie*[44].

E ele ainda prossegue, para impedir que se acredite que os fieis são estéreis em boas obras: *Somos obra sua, criados em Jesus Cristo*

[41] João 8: 36.
[42] Efésios 2: 8.
[43] 1 Coríntios 7: 25.
[44] Efésios 2: 8 e 9.

para as boas ações, que Deus, de antemão, preparou para que nós as praticássemos[45].

Assim nos tornamos verdadeiramente livres: quando Deus nos faz assim. Em outros termos, quando ele forma e cria em nós, eu não digo o ser humano, já que ele já realizou esta obra, mas o ser humano de justiça e isto é a obra da graça, para que sejamos *a nova criatura*[46], criada em Jesus Cristo, segundo estas palavras do Profeta: *Ó meu Deus, criai em mim um coração puro*[47].

É, de fato, bem evidente que o coração, como órgão, já havia sido criado.

Capítulo XXXII

A boa vontade depende de Deus.

O ser humano é tentado a se orgulhar, não apenas de suas boas obras, mas também de sua iniciativa e a encontrar nele mesmo o princípio de seu mérito, cuja recompensa natural seria a liberdade de fazer o bem? Então que ele escute estas palavras do pregador da graça: *É Deus quem, segundo o seu beneplácito, realiza em vós o querer e o executar*[48]. E estas outras: *A escolha não depende daquele que quer, nem daquele que corre, mas da misericórdia de Deus*[49].

---

[45] Efésios 2: 10.
[46] Gálatas 6: 15.
[47] Salmo 50: 12.
[48] Filipenses 2: 13.
[49] Romanos 9: 16.

Seguramente que o ser humano, na idade da razão, não pode acreditar, esperar e amar, sem querer. Ele é incapaz de conquistar o prêmio da vitória se ele não corre voluntariamente[50]. Como então isso *não depende daquele que quer, nem daquele que corre, mas da misericórdia de Deus*, se a própria vontade não estiver predisposta pelo Senhor, assim como está escrito?

Não fosse assim, se estas palavras só tivessem sido ditas para marcar que a vontade humana deve se aliar à misericórdia de Deus, seria preciso entender com isso que a vontade humana é impotente sem a misericórdia divina. Ao mesmo tempo em que a misericórdia divina é impotente sem a ajuda da vontade humana.

Se todo o sentido desta passagem não consiste em ver nas palavras: *A escolha não depende daquele que quer, nem daquele que corre, mas da misericórdia de Deus*, que a vontade humana, reduzida a ela mesma, não conseguiria atingir o objetivo, por que não adotar a proposição contrária, que seria: "A escolha não depende da misericórdia de Deus, mas daquele que quer, daquele que corre", já que, reduzida a ela mesma, a vontade divina é impotente?

Ora, não um cristão tão imprudente a ponto de admitir esta interpretação, que contradiz, evidentemente, as palavras do Apóstolo.

---

[50] Cf. Filipenses 3: 14. *Persigo o alvo, rumo ao prêmio celeste, ao qual Deus nos chama, em Jesus Cristo*.

Esta palavra atribui então toda influência a Deus. Assim, ele dispõe a vontade do ser humano para receber seu socorro e a ajuda ainda quando ela está disposta.

A boa vontade precede vários dons de Deus no ser humano. Mas ela não precede a todos e, dentre aqueles que ela não se antecipa, é preciso contar ela mesma. Esta distinção entre os benefícios de Deus está nitidamente marcada nas Escrituras, pois, lá é dito, por um lado que: *Deus meu, sua misericórdia me antecipa*[51] e, por outro: *A vossa bondade e misericórdia hão de seguir-me*[52].

Em outros termos, ela se antecipa à nossa vontade, para lhe inspirar o desejo do bem e ela segue nossas resoluções, para que elas não sejam estéreis.

Também nos é ordenado que oremos *pelos que nos maltratam e perseguem*[53] e que, obstinados, não vivem na piedade. Isto não é pedir a Deus que crie neles o bom querer que lhes falta.

É-nos ordenado que peçamos para receber. Isto não é unicamente para ver realizar os desejos de nossa vontade pelo próprio autor de nossa boa vontade?

Rezamos então por nossos inimigos para que a misericórdia de Deus os proveja com a mesma boa vontade que foi provida a nós

[51] Salmo 58: 11. *Deus meus, misericordia ejus præveniet me*.
[52] Salmo 22: 6.
[53] Mateus 5: 44.

mesmos e rezamos por nós para que a misericórdia não deixe de nos acompanhar.

Capítulo XXXIII

A necessidade de um mediador e no que consiste a cólera de Deus.

O gênero humano foi então inteiro envolvido em uma justa condenação. Todos os seres humanos se tornaram os filhos da ira, sobre a qual foi escrito: *Ante a vossa ira, passaram todos os nossos dias. Nossos anos se dissiparam como um sopro*[54].

É também esta ira que Jó comenta assim: *O homem nascido da mulher vive pouco tempo e é cheio de ira*[55].

Nosso Senhor fala igualmente: *Aquele que crê no Filho tem a vida eterna. Quem não crê no Filho não verá a vida, mas sobre ele pesa a ira de Deus*[56]. Observemos bem que ele não diz "sobre ele virá", mas sim *sobre ele pesa*, por que ela nasce com o ser humano.

Foi por isso que o Apóstolo disse: *Éramos como os outros, por natureza, verdadeiros objetos da ira divina*[57].

Estando todos os seres humanos envolvidos nessa ira, por causa do pecado original e ainda agravado por suas faltas pessoais, foi preciso um Mediador para reconciliá-los com Deus e apaziguar sua

[54] Salmo 89: 9.
[55] Jó 14: 1. (Septuaginta)
[56] João 3: 36.
[57] Efésios 2: 3.

ira, através de um sacrifício extraordinário, do qual os sacrifícios da antiga Lei e dos Profetas não passavam de sombra.

É este o dogma que o Apóstolo expõe, quando diz: *Se, quando éramos ainda inimigos, fomos reconciliados com Deus pela morte de seu Filho, com muito mais razão, estando já reconciliados, seremos salvos por sua vida. Portanto, muito mais agora, que estamos justificados pelo seu sangue, seremos por ele salvos da ira*[58].

Por fim, ao falarmos da ira divina, não queremos dizer uma reação apaixonada, semelhante àquela que experimenta uma pessoa irritada. Isto é uma metáfora para designar, com uma reação do coração humano, a vingança divina sempre justa.

Quando então somos reconciliados com Deus através de nosso Mediador e recebemos o Espírito Santo que nos transforma em filhos do Senhor, de acordo com estas palavras: *Todos os que são conduzidos pelo Espírito de Deus são filhos de Deus*[59], isto é uma graça que recebemos, por intermédio de Nosso Senhor Jesus Cristo.

Capítulo XXXIV

E encarnação do Verbo e a refutação dos apolinaristas.

O dogma do Mediador exigiria um longo desenvolvimento que correspondesse à grandeza do tema. Mas a linguagem humana pode se elevar até à sublimidade desse mistério?

[58] Romanos 5: 10 e 9.
[59] Romanos 8: 14.

Como encontrar palavras suficientemente sublimes para explicar que *O Verbo se fez carne e habitou entre nós*[60]e que, para nos iniciar na fé em Jesus Cristo, Filho único do Deus todo poderoso, seu Pai, nasceu do Espírito Santo e da Virgem Maria?

O Verbo, ao se encarnar, revestiu-se com a carne, por efeito de seu poder divino, mas não transformou em carne sua divindade.

A palavra carne aqui é apenas uma metonímia, onde se toma a parte pelo todo e que designa o ser humano, como nesta passagem de São Paulo: *Pela observância da Lei nenhuma carne será justificada diante dele*[61].

A encarnação não deixou de lado nenhuma parte da natureza humana; qualquer dúvida sobre este ponto seria uma blasfêmia[62]. Mas ela assumiu essa natureza sem nenhum dos pecados que a prejudicam.

Não se trata aqui do ser humano que é feito da união dos sexos; uma obra da concupiscência da carne e, desta forma, maculado pelo pecado e que deve ser purificado pelo banho da regeneração. Não, é o ser humano tal como devia nascer de uma virgem, cuja fé, livre de toda paixão, fecundou o ventre casto.

Se Cristo, mesmo em seu poder, tivesse alterado a integridade de sua mãe, ele não seria mais o filho de uma virgem. Seria em vão

---

[60] João 1: 14.
[61] Romanos 3: 20. *Ex operibus legis non justificabitur omnis caro coram illo*.
[62] Refutação aos apolinaristas.

__ ó blasfêmia! __ que a maternidade virginal de Maria seria proclamada pela Igreja inteira e que, virgem como ela e como ela mãe, gera a cada dia seus membros.

Queira, sobre este tema, ler a carta que dirigi a uma pessoa ilustre: Volusiano[63]. Se cito seu nome é mais por estima do que por amizade.

Capítulo XXXV

Jesus Cristo é tanto Deus como ser humano.

Jesus Cristo, Filho de Deus, é tanto Deus como ser humano. Ele é Deus na eternidade e ser humano no tempo. Deus, por que ele é o Verbo encarnado e por que *o Verbo era Deus*[64]. Humano, por que ele reuniu, na unidade de sua pessoa divina, uma alma e um corpo. Por consequência, ele se fez um com seu Pai[65], como Deus e, como humano, ele vê seu Pai acima dele[66].

Filho único de Deus por essência e não por graça, ele se fez Filho do homem para se tornar também pleno de graça. Dessas duas naturezas se formou a pessoa única de Cristo, segundo estas palavras do Apóstolo: *Sendo ele de condição divina, não se prevaleceu de sua igualdade com Deus*[67] __ pois ele tinha este privilégio em sua natu-

[63] Carta 137.
[64] João 1: 1.
[65] Cf. João 10: 30. *Eu e o Pai somos um*.
[66] Cf. João 14: 28. *Vou para junto do Pai, por que o Pai é maior do que eu*.
[67] Filipenses 2: 6.

reza __ *mas aniquilou-se a si mesmo, assumindo a condição de escravo e assemelhando-se aos homens*[68], sem perder, no entanto, sua natureza divina e nem se degradar.

Foi assim que ele se tornou inferior a Deus sem deixar de ser igual a ele. Um em duas naturezas; inferior como humano e igual, se for considerado nele o Verbo.

O Filho de Deus e o Filho do homem; o Filho do homem e o Filho de Deus são uma só e única pessoa.

O Deus e o humano não formam nele um Filho duplo de Deus; ele é simplesmente Filho de Deus.

Ele não teve começo como Deus, mas nasceu no tempo como humano.

Seu nome é Nosso Senhor Jesus Cristo.

Capítulo XXXVI

A graça brilha na humanidade de Jesus Cristo.

Esse mistério faz brilhar, com toda sua grandeza, a graça divina.

Que privilégio teve a humanidade unida a Jesus Cristo, para merecer a honra sublime de entrar na unidade pessoal do Filho de Deus? Ela merecera anteriormente, pela pureza das intenções, o entusiasmo pelo bem e a santidade dos atos, o privilégio de formar com

[68] Filipenses 2: 7.

Deus uma só pessoa? Ela já tinha existido e obtido, por um mérito incomparável, esse incomparável favor? Não.

Desde o primeiro instante da encarnação, o ser humano não foi nada além do que o Filho de Deus e, por consequência, formou com ele um único Deus, tendo o Verbo divino se incorporado a ele para se fazer carne.

Assim, da mesma forma como o ser humano é somente um pessoa formada pela união de uma alma e de um corpo, assim também Cristo é somente uma pessoa formada pela união do Verbo com a humanidade.

De onde vem então essa glorificação da natureza humana, que ela não poderia conseguir com seus próprios méritos e que não passa, evidentemente, de um puro favor?

Não apareceu a graça infinita de Deus, com uma evidência irresistível, nesse mistério, considerado com as luzes da fé, para fazer a humanidade compreender que ela é justificada de seus pecados através da graça onipotente que preservou o ser humano em Jesus Cristo do poder de pecar?

Este pensamento se revela nas palavras com que o anjo saudou Maria, ao vir lhe anunciar o prodígio de sua humanidade. Ele disse: *Ave, cheia de graça, o Senhor é contigo*[69]. Quase em seguida ele acrescentou: *Não temas, Maria, pois encontraste graça diante de*

[69] Lucas 1: 28.

Deus[70]. A plenitude da graça que ela encontrou perante Deus foi a condição para ela se tornar mãe de seu Senhor, ou melhor, do Senhor do universo.

O que diz João Evangelista sobre o próprio Jesus Cristo? *O Verbo se fez carne e habitou entre nós e vimos sua glória, a glória que o Filho único recebe do seu Pai, cheio de graça e de verdade*[71].

A expressão *O Verbo se fez carne* corresponde à expressão *cheio de graça*.

A glória que o Filho único recebe do seu Pai é o atributo Daquele que é *cheio de verdade*, pois o Verbo, filho de Deus por natureza e não pela graça, se uniu tão estreitamente à humanidade, pela virtude da graça, que ele se tornou, ao mesmo tempo, o Filho do homem.

Capítulo XXXVII

O nascimento de Jesus Cristo, enquanto obra do Espírito Santo, é um efeito da graça.

Ao mesmo tempo em que ele é Filho único de Deus, Jesus Cristo, Nosso Senhor, é nascido do Espírito Santo e da Virgem Maria.

Ora, o Espírito Santo é o dom de Deus e, como é igual ao seu princípio, ele próprio é Deus e não é inferior ao Pai e nem ao Filho.

[70] Lucas 1: 30.
[71] João 1: 14.

O que prova então a intervenção do Espírito Santo no nascimento de Jesus Cristo como ser humano, se não é a ajuda da graça?

Desta forma, o que respondeu o anjo à Virgem, quando ela lhe perguntou como se realizaria o mistério que ele lhe revelara, já que ela não conhecia homem? *"O Espírito Santo descerá sobre ti e a força do Altíssimo te envolverá com a sua sombra. Por isso o ente santo que nascer de ti será chamado Filho de Deus"*[72].

E, quando José, que tinha respeitado a virgindade de Maria, resolveu devolvê-la como adúltera, o que lhe disse o anjo? *"José, filho de Davi, não temas receber Maria por esposa, pois o que nela foi concebido vem do Espírito Santo"*[73]. Em outros termos, o que você vê como fruto do adultério é obra do Espírito Santo.

Capítulo XXXVIII

Jesus Cristo não é filho do Espírito Santo, mas tem Maria como mãe.

Devemos dizer com isso que o Espírito Santo é o Pai de Jesus Cristo como humano? Com este argumento, Deus Pai teria gerado o Verbo; o Espírito Santo teria gerado o ser humano; Jesus Cristo, composto destas duas substâncias, seria, ao mesmo tempo, Filho de Deus como Verbo e, como ser humano, Filho do Espírito Santo, que,

[72] Lucas 1: 35.
[73] Mateus 1: 20.

desempenhando o papel de pai, teria fecundado o ventre de uma Virgem. Mas, quem ousaria sustentar um erro desses?

Seria supérfluo ressaltar as consequências revoltantes desta proposição. Ela é tão revoltante propriamente que nenhum ouvido fiel poderia ouvi-la sem se horrorizar.

Então, assim como reconhecemos no símbolo, que Jesus Cristo Nosso Senhor é Deus e que, como humano, nasceu do Espírito Santo e da Virgem Maria, ele é, tanto numa quanto noutra natureza, Filho único do Pai todo poderoso, donde procede o Espírito Santo.

Mas, como dizer que Jesus Cristo nasceu do Espírito Santo, se este não o gerou? Seria por que ele é sua obra? Pois, se Jesus Cristo Nosso Senhor é, como Deus, aquele por quem tudo foi criado[74], ele criou ele mesmo em sua humanidade, *descendente de Davi quanto à carne*[75], para utilizar as palavras do Apóstolo.

Mas, a criatura que a Virgem concebeu e colocou no mundo não é obra da Trindade inteira, mesmo que ela só pertença à pessoa do Filho? A Trindade, em seus atos, não oferece uma união indissolúvel? Como então atribuir unicamente esta obra ao Espírito Santo? Não devemos ver a ajuda da Trindade na obra atribuída a uma pessoa divina?

Esta última explicação é verdadeira e poderíamos citar, em apoio a ela, um grande número de exemplos. Mas, por que nos reter-

[74] Cf. João 1: 3.
[75] Romanos 1: 3.

mos mais tempo neste ponto? O que perturba a razão é saber como Jesus Cristo nasceu do Espírito Santo, sem ser seu Filho sob nenhuma condição.

Deus ter criado o mundo é razão para dizer que o mundo é Filho de Deus e que nasceu dele? Não. O que podemos dizer é que o mundo foi criado, tirado do nada, produzido ou formado pelo poder divino[76].

No entanto, reconhecemos no Símbolo que Jesus Cristo nasceu do Espírito Santo e da Virgem Maria e, já que ele nasceu de ambos, como ele não seria o Filho do Espírito Santo e da Virgem Maria? Este é o ponto difícil de explicar, pois o Espírito Santo não é seu pai, da mesma forma como Maria é sua mãe. Isto é uma coisa certa.

Capítulo XXXIX

A origem não pressupõe, necessariamente, a filiação.

Erraríamos se admitíssemos, por princípio, que todo ser produzido por outro deve ser considerado seu filho.

Eu não me deterei aqui para observar que o ser humano se reproduz em um filho de uma maneira diferente como ele vê seus cabelos crescerem em sua cabeça, os vermes pulularem em seu corpo. Isso seria rebaixar, com uma indigna comparação, a majestade do meu tema. Mas, nos atreveremos a chamar de filhos da água os fieis

[76] A encarnação é nitidamente distinta dessa imanação divina que é o princípio do panteísmo.

que nascem da água e do Espírito Santo? Não. Nós lhes damos Deus como pai e a Igreja como mãe.

É desta forma que Jesus Cristo, embora nascido do Espírito Santo, não é seu filho, mas de Deus. Produzir e dar nascimento a um filho são coisas bem diferentes. Eu quis mostrar esta distinção, ao tomar os cabelos como comparação.

Acrescento que se pode levar o nome de filho sem ter este direito de nascença. É o caso do filho adotivo e, quando se diz filhos maus do inferno, não se está dizendo que eles saíram do inferno, mas que eles são destinados a cair nele, da mesma forma como são chamados de filhos do reino celeste os fiéis aos quais ele está reservado.

Capítulo XL

O nascimento de Jesus Cristo através da ação do Espírito Santo revela a graça que uniu o Verbo à humanidade em uma só pessoa.

Se então não é necessário que um ser seja o filho daquele do qual nasceu e que se pode mesmo levar o título de filho sem tê-lo por direito de nascença, Jesus Cristo __ enquanto nascido do Espírito Santo e da Virgem Maria, sem ter um como pai, mas tendo a outra como mãe __ é uma prova clara da graça divina.

Foi por ela, de fato, que a humanidade de Jesus Cristo, sem nenhum mérito anterior, formou, desde o primeiro instante de sua existência, uma união pessoal com o Verbo tão indissolúvel que o Filho

de Deus se tornou inseparável do filho do homem e o filho do homem do Filho de Deus.

Desta forma, a encarnação tornou natural, ao homem-Deus, a graça que afastou dele todo pecado.

Ora, essa graça devia ser marcada pelo Espírito Santo que, mesmo sendo Deus por essência, é , no entanto, chamado de *dom de Deus*[77].

Para desenvolver suficientemente este tema __ se é que somos capazes disso __ seria preciso muito tempo.

Capítulo XLI

Jesus Cristo e o pecado.

Jesus Cristo, tendo sido concebido e formado fora das volúpias sensuais da concupiscência, não pôde contrair a mácula do pecado original.

Intimamente ligado, por um mistério inefável da graça, ao Verbo; Filho único do Pai, por essência e não pela graça, fazendo com ele uma só pessoa indivisível, ele não podia contrair pecado.

No entanto, sua semelhança com a carne de pecado que o revestia o fez ser chamado de pecado, que devia expiar através de seu sacrifício[78].

---

[77]

[78] Cf. Romanos 8: 3 e 4. *O que era impossível à Lei, visto que a carne a tornava impotente, Deus o fez. Enviando, por causa do pecado, o seu próprio Filho numa carne semelhante à do pecado, condenou o*

De fato, na antiga Lei, os sacrifícios oferecidos pelos pecados eram chamados de *pecados*[79] e Jesus Cristo é realmente esse sacrifício do qual os antigos eram apenas símbolos.

Foi por isso que o Apóstolo, após ter dito: *Em nome de Cristo vos rogamos: reconciliai-vos com Deus!*[80], ele acrescenta logo em seguida: *Aquele que não conheceu o pecado, Deus o fez pecado por nós, para que nele nós nos tornássemos justiça de Deus*[81].

Segundo uma variante de alguns exemplares incorretos, o Apóstolo teria dito: *Aquele que não conheceu o pecado fez pecado por nós*, como se Jesus Cristo tivesse se tornado pecador para nos salvar!

Não, o Apóstolo disse que Deus, com quem devemos nos reconciliar, *Deus fez pecado aquele que não conheceu o pecado*. Em outros termos, Deus fez de Jesus Cristo a vítima por nossos pecados, para nos reconciliarmos com ele, através dos méritos desse sacrifício.

Jesus Cristo se tornou então pecado, para que nos tornássemos justiça. Não a nossa, mas a de Deus. Não em nós mesmos, mas nele. O pecado é nossa obra e não dele. Não era nele, mas em nós que ele residia. Nele, ele só estava no exterior, na carne de pecado com a qual ele foi sacrificado.

---

pecado na carne, a fim de que a justiça, prescrita pela Lei, fosse realizada em nós, que vivemos não segundo a carne, mas segundo o espírito.

[79] Cf. Oséias 4: 8. *Eles se nutrem com o pecado de meu povo e são ávidos por suas iniquidades*.

[80] 2 Coríntios 5: 20.

[81] 2 Coríntios 5: 21.

Desta forma, inocente de todo pecado, ele morreu, por assim dizer, para o pecado, morrendo na carne que tinha toda aparência de pecado.

Puro, em sua vida, da mácula primitiva do pecado, ele nos arrancou da morte onde o pecado nos havia mergulhado e nos devolveu à vida nova que ele marcou com o selo de sua ressurreição.

Capítulo XLII

O batismo.

O sacramento do batismo opera em nós os efeitos desse mistério. Todos aqueles que recebem essa graça morrem para o pecado __ como se diz que Jesus Cristo morreu para o pecado, ao morrer na carne __ e saem do banho sagrado com uma vida nova, como Jesus Cristo saiu do túmulo em sua ressurreição e isso, seja em qualquer idade que ele tenha.

Capítulo XLIII

Os pecados apagados no batismo.

Desde a criança recém-nascida até o adulto bem idoso, todos devem ser submetidos ao batismo, por que todos nele morrem para o pecado. A criança morre para o pecado original e as pessoas de mais idade morrem, além disso, para todos os pecados que acrescentaram, em sua vida, àquele que trouxe ao nascer.

Capítulo XLIV

O singular trocado pelo plural e reciprocamente.

Ao dizer aqui que as pessoas morrem para o pecado no batismo, não se fala de um único pecado, pois, não há dúvida de que o batismo apaga todos aqueles que foram cometidos por pensamentos, palavras ou ações. Toma-se o singular pelo plural, através de uma figura de linguagem bem conhecida.

Eles enchem os flancos do monstro de um soldado armado[82], diz Virgílio, o que pode ser entendido aqui como falando de uma tropa de soldados.

Lemos igualmente nas Santas Escrituras: *"Roga ao Senhor que afaste de nós a serpente"*[83]. Esta expressão designa o grande número de serpentes que atormentava o povo.

Exemplos semelhantes são inúmeros. Reciprocamente, designa-se o pecado original por um número plural, ao dizer que se batizam os recém-nascidos para a remissão de seus pecados. Neste caso emprega-se o plural pelo singular.

É neste sentido que o Evangelho diz, ao fazer alusão à morte de Herodes: *Morreram os que atentavam contra a vida do menino*[84].

Encontra-se igualmente no Êxodo: *Fizeram para si deuses de ouro*[85], embora só tivessem fabricado um bezerro de ouro.

---

[82] *Eneida*, II, 20.
[83] Números 21: 7.
[84] Mateus 2: 20.

Os próprios israelitas clamavam: *"Eis, ó Israel, os teus Deuses que te tiraram do Egito"*[86], tomando o plural pelo singular.

Capítulo XLV

O pecado original é complexo.

No entanto, esse pecado que, *por um só homem entrou*[87] no mundo e *passou a todo o gênero humano* e que torna o batismo necessário, mesmo aos recém-nascidos, esse pecado, eu digo, é muito complexo.

Nele descobrimos, ao analisá-lo, um grande número de pecados. O orgulho, por que o ser humano preferiu a independência à submissão às leis divinas; o sacrilégio, por que ele não acreditou nas palavras de Deus; o homicídio, por que o ser humano precipitou a si mesmo na morte; o adultério espiritual, por que a pureza do espírito humano foi corrompida pela eloquência insidiosa da serpente; o furto, por que foi colocada a mão em um alimento que tinha sido proibido; a cupidez, por que os desejos foram além das necessidades.

Enfim, esse pecado talvez ainda reúna um grande número de outros que uma análise mais aprofundada faria facilmente ressaltar.

---

[85] Êxodo 32: 31.
[86] Êxodo 32: 4.
[87] Romanos 5: 12.

Capítulo XLVI

O pecado original não é o único que é transmitido com o sangue.

É uma opinião muito plausível que as crianças estão implicadas em seu nascimento na falta de nossos primeiros pais e também nas iniquidades da família onde nascem, pois elas estão submetidas a esta sentença divina: *Castigo a iniquidade dos pais nos filhos, até a terceira e a quarta geração daqueles que me odeiam*[88], pelo tempo que elas não foram submetidas à regeneração do Novo Testamento.

Foi este benefício que o profeta Ezequiel revelou, quando anunciou que os filhos não herdarão mais os crismes de seus pais e que Israel veria um dia ser desmentido este provérbio: *Os pais comeram uvas verdes, mas são os dentes dos filhos que ficam embotados*[89].

Assim, renasce-se para ser purificado de todas as faltas que se traz ao nascer, pois os pecados que se comete após o batismo têm a penitência como remédio.

A regeneração só foi então estabelecida para reparar as faltas do nascimento e isto é tão verdadeiro que o Profeta, embora nascido de um casamento ilegítimo, pôde dizer: *Eis que nas iniquidades sou concebido e nos pecados minha mãe me concebeu*[90]. Ele não diz na iniquidade ou no pecado. Por mais justas que sejam estas expressões,

---

[88] Deuteronômio 5: 9.
[89] Ezequiel 18: 2.
[90] Salmo 50: 7. *Ecce enim in iniquitatibus conceptus sum et in peccatis concepit me mater mea*.

o plural lhe pareceu preferível. Por quê? Por que o pecado que foi comunicado a todas as pessoas e que, pela sua enormidade, alterou tão completamente a natureza humana que ela foi condenada a morrer, reúne nele mesmo, como acabo de dizer, um grande número de pecados. É por que as faltas pessoais dos pais, sem viciar a natureza tão profundamente, não deixam de pesar sobre sua descendência; a menos que a misericórdia de Deus a liberte, por um favor totalmente gratuito.

Capítulo XLVII

Em que geração se interrompe a transmissão das faltas.

As faltas dos ancestrais, cuja sequência remonta até Adão, levantam uma questão que não é inútil examinar.

A questão é esta: a criança, ao nascer, está envolvida na rede de faltas e crimes daqueles que a precederam, de tal sorte que, em sua origem, ela está tão corrompida quando mais longa for a sequência de seus ancestrais, ou a vingança que Deus ameaça exercer sobre a posteridade de um pai culpado se interrompe na terceira ou quarta geração?

Neste caso, Deus não gostaria de estender para mais adiante os efeitos de sua justiça e a temperaria com sua misericórdia, para não agravar o castigo eterno que sofreria essa descendência desafortunada, se ela não recebesse o benefício da regeneração. Seria muito pe-

sada a responsabilidade, se a criança contraísse no seu nascimento as faltas de todos os seus ancestrais, desde a origem do mundo e estivessem condenadas a receber essa pena.

Em uma questão tão grave, as Escrituras, interrogadas com atenção, talvez dessem uma resposta. Mas eu não poderia afirmar isso e nem negar. Isto seria, de minha parte, uma imprudência.

Capítulo XLVIII

O pecado original só pode ser apagado por Jesus Cristo.

Quanto ao pecado que foi cometido na morada e no seio da mais alta felicidade e que, pelo seu próprio excesso, provocou a condenação do gênero humano em seu autor e, por assim dizer, em sua raiz, ele só pode ser apagado por Jesus Cristo, mediador entre Deus e a humanidade[91], pois só Jesus Cristo pôde nascer sem precisar ser regenerado.

Capítulo XLIX

O batismo de João não tinha a virtude de regenerar.

De fato, o batismo de João, que o próprio Jesus recebeu, não tinha a virtude de regenerar. O ministério do precursor __ como havia sido dito: *Preparai o caminho do Senhor*[92]__ tinha somente o

[91] Cf. 1 Timóteo 2: 5 e 6. *Por que há um só Deus e há um só mediador entre Deus e os seres humanos: Jesus Cristo, humano que se entregou como resgate por todos*.
[92] Lucas 3: 4.

objetivo de preparar a vinda daquele que exclusivamente podia dar à humanidade uma vida nova.

Jesus Cristo não batiza somente com água, como João Batista, mas também com o Espírito Santo[93], para que todos aqueles que acreditam nele sejam regenerados pelo Espírito Santo, que, tendo gerado Jesus Cristo, retirou dele a necessidade de renascer.

Desta forma, o Pai fez estas palavras serem ouvidas: "*Tu és meu filho, eu 'hoje' te gerei*"[94]. Não se deve entender aqui o dia em que Jesus foi batizado, mas o dia sem fim da imóvel eternidade.

Deus revelou assim que a humanidade que ele falava estava unida à pessoa de seu Filho único, pois o dia que não tem início e nem fim só pode ser expresso pela palavra hoje.

Ao receber o batismo das mãos de João Batista, Jesus não se purificou na água de nenhuma iniquidade; ele quis dar um grande exemplo de humildade. O batismo não encontrou nenhuma mácula para apagar nele, da mesma forma como a morte não encontrou nele nenhum crime para punir.

Assim, o demônio, vencido e esmagado pela fulgurante inocência, mais do que pelo poder de Jesus Cristo, foi legitimamente condenado a perder __ pela injusta morte que ele fez sofrer a vítima sem pecado e sem mácula __ as almas que o pecado submeteria ao seu império.

---

[93] Cf. Marcos 1: 8: *"Eu vos batizei com água; ele, porém, vos batizará com o Espírito Santo"*.
[94] Salmo 5: 7.

Se então, Jesus Cristo se submeteu ao batismo, como à morte, foi para cumprir o ministério que lhe traçou sua compaixão pela humanidade, sem que ele fosse obrigado a isso por uma necessidade que o tornaria digno de piedade.

Um só homem tinha introduzido o pecado no mundo[95], ou seja, na natureza humana. Um só homem tinha que apagá-lo[96].

Capítulo L

Jesus Cristo apaga todos os pecados.

No entanto, há uma diferença: um introduziu somente um pecado no mundo e o outro destrói esse pecado e todos aqueles que se juntaram a ele.

Isto foi o que fez o Apóstolo dizer: *Com o dom gratuito, não se dá o mesmo que com a falta. Pois se a falta de um só causou a morte de todos os outros, com muito mais razão o dom de Deus e o benefício da graça obtida por um só homem, Jesus Cristo, foram concedidos copiosamente a todos*[97].

De fato, o pecado original basta para fazer incorrer na condenação. A graça, pelo contrário, justifica não apenas do pecado co-

[95] Cf. Romanos 5: 12. *Por um só homem entrou o pecado no mundo e, pelo pecado, a morte, assim, a morte passou a todo o gênero humano, por que todos pecaram*.
[96] Cf. Romanos 5: 19. *Assim como pela desobediência de um só homem foram todos constituídos pecadores, assim pela obediência de um só todos se tornarão justos*.
[97] Romanos 5: 15.

mum a todo o gênero humano, mas também dos pecados particulares de cada pessoa.

Capítulo LI

A necessidade de ser regenerado em Jesus Cristo.

O Apóstolo acrescenta: *Como pelo pecado de um só a condenação se estendeu a todos os homens, assim por um único ato de justiça recebem todos os homens a justificação que dá a vida*[98].

Com isto se revela claramente que todos os filhos de Adão estão submetidos à sua condenação e que eles só escapam dela através da regeneração em Jesus Cristo.

Capitulo LII

O batismo é representação da morte e da ressurreição de Jesus Cristo.

Após ter exposto __ nos limites e segundo o plano de sua Epístola __ como a graça de um só justificou aqueles que o pecado de um só tinha feito condenar, o Apóstolo celebra na cruz de Jesus Cristo o mistério augusto do santo batismo, nos fazendo compreender que o batismo em Jesus Cristo é apenas a representação de sua morte e que sua morte na cruz é apenas a imagem da remissão do pecado.

[98] Romanos 5: 18.

À sua morte real corresponde também a remissão efetiva de nossos pecados e, à sua ressurreição verdadeira, a verdadeira justificação de nossas almas.

Escutemos estas palavras: *Então que diremos? Permaneceremos no pecado, para que haja abundância da graça?*[99]

Antes, de fato, ele havia dito: *Onde abundou o pecado, superabundou a graça*[100].

Vemos bem que ele se pergunta se é preciso perseverar no pecado, para que a graça seja multiplicada com as faltas, mas ele responde: *De modo algum*. E continua assim: *Nós, que já morremos ao pecado, como poderíamos ainda viver nele?*

Depois, para mostrar que estamos mortos para o pecado, ele clama: *Ignorais que todos os que fomos batizados em Jesus Cristo, fomos batizados na sua morte?*

Se então o batismo em Jesus Cristo é apenas a representação da morte para o pecado, as crianças que batizamos em Jesus Cristo morrem para o pecado, pois elas são batizadas na imagem de sua morte. É a todos que se aplica esta passagem: *todos os que fomos batizados em Jesus Cristo, fomos batizados na sua morte*.

Morremos todos então, para o pecado, no batismo. Isto é tudo o que o Apóstolo quer provar.

---

[99] Romanos 6: 1.
[100] Romanos 5: 20.

Ora, para qual pecado a criança pode morrer ao se regenerar, se não é para o pecado que ela traz ao nascer? É preciso então aplicar também aos recém-nascidos estas palavras: *Fomos, pois, sepultados com ele, na sua morte, pelo batismo, para que, como Cristo ressurgiu dos mortos pela glória do Pai, assim nós também vivamos uma vida nova. Se fomos feitos o mesmo ser com ele por uma morte semelhante à sua, sê-lo-emos igualmente por uma comum ressurreição. Sabemos que o nosso velho homem foi crucificado com ele, para que seja reduzido à impotência o corpo (outrora) subjugado ao pecado, e já não sejamos escravos do pecado. (Pois, quem morreu, libertado está do pecado). Ora, se morremos com Cristo, cremos que viveremos também com ele, pois sabemos que Cristo, tendo ressurgido dos mortos, já não morre, nem a morte terá mais domínio sobre ele. Morto, ele o foi uma vez por todas pelo pecado; porém, está vivo, continua vivo para Deus! Portanto, vós também considerai-vos mortos ao pecado, porém vivos para Deus, em Cristo Jesus*[101].

O Apóstolo se propôs provar que não devemos perseverar no pecado para ver a graça se multiplicar com nossos erros, pois, *Nós, que já morremos ao pecado, como poderíamos ainda viver nele?,* ele disse.

[101] Romanos 5: 1-11.

Depois, para mostrar que estamos mortos para o pecado, ele acrescentou: *Ignorais que todos os que fomos batizados em Jesus Cristo, fomos batizados na sua morte?*

Desta forma, o fim de seu discurso responde ao começo. Ele nos apresentou, de fato, a morte de Jesus Cristo como sendo apenas a morte para o pecado e, por consequência, para a carne, com a qual ele havia se revestido e que tinha sido chamada de pecado, por que oferecia todas as aparências do pecado.

É então a todos aqueles que são batizados em Jesus Cristo, qualquer que seja sua idade, que se dirigem estas palavras: *Considerai-vos mortos ao pecado*, a exemplo de Jesus Cristo, *porém vivos para Deus, em Cristo Jesus*.

Capítulo LIII

A cruz, a sepultura, a ressurreição, a ascensão de Jesus Cristo são símbolos da vida cristã.

Com esta condição, a crucificação de Jesus Cristo, sua sepultura, sua ressurreição no terceiro dia, sua ascensão ao céu, onde está sentado à direita do Pai, todos estes eventos reais e que não devem ser vistos como simples alegorias, são símbolos místicos da vida cristã neste mundo.

O que é dito sobre sua crucificação? *Os que são de Jesus Cristo crucificaram a carne, com as paixões e concupiscências*[102].

Sobre sua sepultura: *Fomos, pois, sepultados com ele na sua morte pelo batismo para que, como Cristo ressurgiu dos mortos pela glória do Pai, assim nós também vivamos uma vida nova*[103].

Sobre sua ressurreição: *Se fomos feitos o mesmo ser com ele por uma morte semelhante à sua, sê-lo-emos igualmente por uma comum ressurreição*[104].

Sobre sua ascensão ao céu, onde está sentado à direita do Pai: *Se, portanto, ressuscitastes com Cristo, buscai as coisas lá do alto, onde Cristo está sentado à direita de Deus. Afeiçoai-vos às coisas lá de cima e não às da terra. Por que estais mortos e a vossa vida está escondida com Cristo em Deus*[105].

Capítulo LIV

O julgamento final.

Quanto ao artigo do Símbolo que nos obriga a acreditar que Jesus Cristo descerá do céu para julgar os vivos e os mortos, ele não oferece a mesma analogia com os atos de nossa vida. Ele tem por objetivo não o passado, mas o futuro, tal como deve se realizar na consumação dos séculos.

---

[102] Gálatas 5: 24.
[103] Romanos 6: 4.
[104] Romanos 6: 5.
[105] Colossenses 3: 1-3.

É neste sentido que fala o Apóstolo, quando ele diz: *Quando Cristo, vossa vida, aparecer, então também vós aparecereis com ele na glória*[106].

Capítulo LV

O duplo sentido da expressão: os vivos e os mortos.

Podemos entender de duas maneiras a expressão *os vivos e os mortos*.

Os vivos podem, de fato, designar aqueles que, no momento do julgamento final, estarão ainda nos laços da carne. Os mortos são aqueles que já estão separados do corpo o que devem se separar dele, antes da chegada do soberano Juiz.

Ou então, os vivos representam os justos e os mortos, os ímpios, já que os justos serão igualmente julgados.

Às vezes a palavra *julgamento* tem um sentido terrível, como nesta passagem: *Aqueles que praticaram o mal ressuscitarão para serem condenados*[107]. Outras vezes, ela é tomada em bom sentido, como neste outro lugar: *Pela honra de vosso nome, salvai-me, meu Deus! Por vosso poder, fazei-me justiça*[108].

---

[106] Colossenses 3: 4.
[107] João 5: 29.
[108] Salmo 53: 3. *Deus, in nomine tuo salvum me fac et in virtute tua judica me*.

O julgamento de Deus, de fato, terá por objetivo separar os bons dos maus, para que, libertados do mal e afastados da pena que espera os culpados, os justos sejam colocados à direita[109].

Também o profeta Davi clamou: *Fazei-me justiça, ó Deus*, acrescentando, como que para explicar seu pensamento: *e defendei minha causa contra uma nação ímpia*[110].

Capítulo LVI

O Espírito Santo e a Igreja. As relações entre a Igreja Triunfante e a Igreja Militante.

Após ter formulado em poucas palavras, como exige um símbolo, nossa fé em Jesus Cristo Nosso Senhor, Filho único de Deus, nós acrescentamos que acreditamos no Espírito Santo, para reunir as três pessoas da Trindade, que é o próprio Deus.

Em seguida mencionamos a santa Igreja. Nada de mais lógico que a criatura racional e que faz parte da Jerusalém livre[111], devesse ser mencionada após o Criador, ou seja, a Trindade soberana, pois tudo o que acaba de ser relatado sobre a humanidade de Jesus Cristo devia sê-lo aqui, já que só há uma pessoa no Filho único de Deus.

---

[109] Cf. Mateus 25: 32 e 33. 32. *Todas as nações se reunirão diante dele e ele separará uns dos outros, como o pastor separa as ovelhas dos cabritos. Colocará as ovelhas à sua direita e os cabritos à sua esquerda*.
[110] Salmo 42: 1.
[111] Cf. Gálatas 4: 26. *A Jerusalém lá do alto é livre e esta é a nossa mãe*.

A ordem natural exigia então que se associasse no Símbolo a Igreja à Trindade. Isto foi unir a casa àquele que a ocupa, o templo à divindade, a cidade ao fundador.

Ora, trata-se aqui não apenas da Igreja que viaja nesta terra, que louva o nome do Senhor do por do sol à aurora[112] e canta um cântico novo após a libertação do cativeiro de outrora, mas também da Igreja celeste, que permaneceu fiel ao Deus seu criador e que jamais experimentou as consequências funestas da queda.

Essa Igreja bem-aventurada é composta pelos santos anjos e assiste, como deve, sua irmã em viagem. Elas devem se reunir um dia na eternidade e elas já formam uma só, graças à caridade que as une. É uma única Igreja estabelecida para adorar um único Deus.

Assim, ela não quer, nem em sua universalidade e nem em suas partes, receber as honras divinas. Ela se recusa a ver um Deus em tudo o que faz parte do templo que o Deus incriado formou com os seres divinos criados por ele.

Se então o Espírito Santo fosse criatura invés de criador, ele seria, sem dúvida nenhuma, uma criatura racional, pois esta é a primeira das criaturas. Ele não viria então antes da Igreja, no símbolo da fé, pois ele faria parte da Igreja que está nos céus e, longe de ter um templo, ele próprio ajudaria para formar um templo divino.

[112] Cf. Salmo 112: 3. *Desde o nascer ao pôr do sol, seja louvado o nome do Senhor*.

Ora, ele tem seu templo, que é mencionado pelo Apóstolo, quando ele diz: *Não sabeis que o vosso corpo é templo do Espírito Santo, que habita em vós, o qual recebestes de Deus?*[113]

Antes ele havia dito: *Não sabeis que vossos corpos são membros de Cristo?*[114]

Já que o Espírito Santo tem um templo, como ele não seria Deus? Talvez ele seja inferior a Jesus Cristo, que possui os membros como templo?

Entre o templo de Deus e o do Espírito Santo não há diferença, pois o Apóstolo, após haver dito: *Não sabeis que sois o templo de Deus*, ele acrescenta: *e que o Espírito de Deus habita em vós?*[115]

Há então um templo onde habita Deus, ou seja, onde residem, com o Espírito Santo, o Pai e o Filho, já que este último, ao falar de seu corpo, que o tornou cabeça da Igreja neste mundo, que ele *tem o primeiro lugar em todas as coisas*[116], disse: *"Destrua este templo e eu o reerguerei em três dias"*[117].

Esse templo onde reside Deus __ em outros termos, a Trindade inteira __ é a Santa Igreja, que abrange todo o céu e a terra em sua universalidade.

---

[113] 1 Coríntios 6: 19.
[114] 1 Coríntios 6: 15.
[115] 1 Coríntios 3: 16.
[116] Colossenses 1: 18.
[117] João 2: 19.

Capítulo LVII

A felicidade inalterável da Igreja no céu.

O que poderíamos dizer sobre a Igreja celeste, se não é que ela não inclui os ímpios e que ninguém foi ou será jamais degradado, desde o dia em que *Deus não poupou os anjos que pecaram, mas os precipitou nos abismos tenebrosos do inferno onde os reserva para o julgamento*[118].

Capítulo LVIII

A hierarquia dos anjos.

Como descrever essa feliz sociedade do alto? Quais são os traços que distinguem os anjos e estabelecem entre eles uma hierarquia?

A palavra anjo é comum a todos os espíritos celestes e o apóstolo Paulo nos revela claramente isso nesta passagem: *A qual dos anjos disse alguma vez: "Assenta-te à minha direita até que eu ponha os teus inimigos por escabelo dos teus pés?"*[119]

No entanto, há entre eles arcanjos. Esses arcanjos se confundem com as virtudes? Quando o Salmista diz: *Louvai-o, todos os seus anjos. Louvai-o, todas as suas virtudes*[120], não devemos ver nessas virtudes os próprios arcanjos?

---

[118] 2 Pedro 2: 4.
[119] Hebreus 1: 13.
[120] Salmo 148: 2. *Laudate eum, omnes angeli ejus ; laudate eum, omnes virtutes ejus.*

Que diferença há entre os tronos, as dominações, os principados, as potências; o que parece constituir, para o Apóstolo, toda a hierarquia celeste?[121]

Responda quem puder estas questões, mas, sobretudo, sem dizer nada sem provar. Quanto a mim, acho melhor reconhecer aqui minha ignorância. Nem mesmo sei se o sol, a lua e os outros astros fazem parte da sociedade dos anjos. Para um grande número de pessoas eles são apenas corpos luminosos privados de sentimento e inteligência.

Capítulo LIX

A forma sob a qual os anjos apareceram.

Como explicar também qual é a forma que os anjos assumem para se manifestar aos seres humanos? Uma hora eles têm um corpo visível e até mesmo palpável e outra hora, pelo contrário, eles se revelam através de um efeito todo espiritual e não aos olhos do corpo, mas aos da alma, colocando-se internamente e aí se fazendo ouvir, sem que os ouvidos sejam atingidos externamente, como testemunha o Profeta: "O anjo que falava em mim me disse"[122].

Observe-se a expressão "em mim". Ele não disse que o anjo lhe havia dirigido a palavra.

---

[121] Colossenses 1: 16. *Nele foram criadas todas as coisas nos céus e na terra; as criaturas visíveis e as invisíveis. Tronos, dominações, principados, potestades; tudo foi criado por ele e para ele.*
[122] Zacarias 1: 9. *Et dixit ad me angelus qui loquebatur in me*.

Algumas vezes os anjos aparecem durante o sono e falam dando a impressão de se tratar de um sonho. Lemos, de fato, no Evangelho: *Eis que um anjo do Senhor lhe apareceu em sonhos e lhe disse*[123]. Em visões assim, os anjos não aparecem, evidentemente, sob uma forma material. Daí surge uma questão dificílima: trata-se de saber como os patriarcas lavaram seus pés[124], ou como Jacó manteve com um deles uma luta tão terrível[125].

Quando surgem dificuldades assim e procuramos explicá-las através de hipóteses, na medida de nossas forças, podemos encontrar nisso um útil exercício mental. Mas, é preciso manter uma sábia reserva nesse exame e evitar qualquer prejulgamento sistemático. É realmente tão necessário afirmar, negar, definir e distinguir em questões que se pode ignorar sem nenhum perigo?

Capítulo LX

Os artifícios de Satã para se disfarçar de anjo de luz.

Um ponto mais essencial é saber reconhecer os artifícios empregados por Satã para se transformar em anjo de luz[126]; suas seduções poderiam nos arrastar para algum abismo.

---

[123] Mateus 1: 20.
[124] Cf. Gênesis 18: 4 e 19: 2.
[125] Cf. Gênesis 32: 24.
[126] Cf. 2 Coríntios 11: 13 e 14. *Esses tais são falsos apóstolos, operários desonestos, que se disfarçam em apóstolos de Cristo, o que não é de espantar. Pois, se o próprio Satanás se transfigura em anjo de luz.*

Ele produz sobre os sentidos uma ilusão, sem abalar a mente e nem afastá-la dos princípios com que a luz guia a conduta de toda alma fiel? A piedade não fica exposta a algum perigo? Ele contradiz, em seus atos ou em suas palavras, a santidade dos anjos? Sua hipocrisia, mesmo quando somos enganados, não faria a fé cristã correr algum perigo?

Quando ele procura nos conduzir para seus fins sob a máscara da virtude, precisamos ter então a atenção bem vigilante, para reconhecer suas armadilhas e para não nos deixarmos arrastar atrás dele. E quem poderia escapar de suas artimanhas infernais sem a inspiração e a ajuda do alto?

Essa luta perigosa tem então uma vantagem: é advertir o ser humano para não confiar em suas próprias forças ou na de outros e de só contar com a ajuda a Deus, que é o apoio universal de seus filhos. Nada é mais saudável a qualquer pessoa verdadeiramente religiosa, do que essa desconfiança.

Capítulo LXI

Jesus Cristo não está morto para os anjos. No que a redenção toca os anjos.

Retornando à Igreja formada pelos santos anjos e as virtudes de Deus, suas grandezas nos serão reveladas quando formos enfim in-

corporados a ela e quando participarmos de sua felicidade inalterável.

Se conhecemos melhor aquela que peregrina neste mundo é por que somos membros dela e por que ela é composta de pessoas semelhantes a nós.

Foi por ela que o Mediador, inocente de qualquer pecado, pagou o resgate do pecado e é ela que pode dizer: *Se Deus é por nós, quem será contra nós? Aquele que não poupou seu próprio Filho, mas que por todos nós o entregou, como não nos dará também com ele todas as coisas?*[127]

Jesus Cristo não está morto para os anjos. No entanto, eles tomam parte dos benefícios dessa morte. Os humanos que ela comprou e livrou do mal, se reconciliam, de alguma forma, com eles e acabam com a separação que o pecado tinha estabelecido entre o céu e a terra. Além disso, a redenção preenche os vazios que a revolta produziu nas fileiras dos anjos.

Capítulo LXII

Jesus Cristo é um princípio de união e de paz.

Iluminados pela divindade, cuja eterna contemplação faz sua felicidade, os santos anjos sabem o número dos eleitos que deve for-

[127] Romanos 8: 31 e 32.

necer o gênero humano para restabelecer a Cidade Celeste em sua integridade primitiva.

Foi por isso que o Apóstolo disse: *Ele nos manifestou o misterioso desígnio de sua vontade, que em sua benevolência formara desde sempre, para realizá-lo na plenitude dos tempos; desígnio de reunir em Cristo todas as coisas, as que estão nos céus e as que estão na terra*[128]. No céu, por que aqueles que devem lá substituir os anjos caídos são originários do gênero humano. Na terra, por que as pessoas predestinadas à vida eterna são libertadas da corrupção original e regeneradas.

Foi assim que, através de um único sacrifício, representado na antiga Lei por um grande número de vítimas simbólicas, o Mediador reconciliou o céu com a terra e a terra com o céu, *Porque aprouve a Deus fazer habitar nele toda a plenitude e por seu intermédio reconciliar consigo todas as criaturas, por intermédio daquele que, ao preço do próprio sangue na cruz, restabeleceu a paz a tudo quanto existe na terra e nos céus*[129].

[128] Efésios 1: 9 e 10.
[129] Colossenses 1: 19 e 20.

Capítulo LXIII

A paz do reino dos céus ultrapassa qualquer inteligência.

A paz de Deus, como está escrito, *excede toda a inteligência*[130]. Nós só conceberemos uma ideia dela no céu.

O que é, de fato, paz no céu, se não é concórdia restabelecida entre o céu e a terra? No céu reina uma paz inalterável. Nada lá perturba a concórdia dos espíritos criados, seja entre eles, seja com o Criador.

Essa *paz*, que *excede toda inteligência*, só é inacessível para nós. Ela não está acima da inteligência dos anjos que contemplam eternamente a face do Pai. Quanto a nós, por mais elevadas que sejam nossas concepções, nós só percebemos imperfeitamente as coisas e só *vemos como por um espelho, confusamente*[131], mas, quando nos tornarmos *iguais aos anjos*[132], nós o veremos como os espíritos bem-aventurados: *face a face. Hoje* conhecemos *em parte, mas então* conheceremos *totalmente, como* somos conhecidos[133]. Estaremos unidos com eles no mesmo espírito de paz, por que os amaremos na mesma medida como eles nos amam.

---

[130] Filipenses 4: 7.
[131] 1 Coríntios 13: 12.
[132] Lucas 20: 36.
[133]

Nesse dia conheceremos a paz que reina entre os anjos, por que aquela que desfrutaremos será igualmente pura e igualmente profunda e não ultrapassará mais nossas inteligências.

Eu não falo aqui dos sentimentos de paz que Deus tem para com os anjos; nem seus corações e nem os nossos conseguiriam mensurar sua extensão, pois, se a felicidade de toda criatura inteligente que é chamada à vida feliz depende de Deus, Deus encontra nele mesmo a felicidade.

É preciso então fazer exceção a Deus, nesta passagem: *A paz de Deus excede toda a inteligência*. Acima do alcance dos santos anjos, este mistério não pode ultrapassar Aquele que é seu princípio e seu autor.

Capítulo LXIV

A remissão dos pecados.

Toda divisão se apaga entre nós e os anjos, mesmo aqui neste mundo, quando nossos pecados são remidos.

Assim, o artigo do Símbolo relativo à Igreja é imediatamente seguido do dogma da remissão dos pecados. É por isso que sobrevive a Igreja que está neste mundo e que não se vê perecer para sempre aquele que *tinha se perdido e foi achado*[134].

[134] Lucas 15: 24.

Mesmo todo aquele que recebeu o batismo __ que é destinado a apagar, através de sua virtude regeneradora, o pecado original e todos os pecados atuais cometidos anteriormente ao batismo, através de pensamentos, palavras ou ações __ mesmo todo aquele, eu digo, que tenha recebido esse benefício incomparável, que é o princípio de uma vida nova e a expiação de toda falta pessoal ou herdada, não conseguiria viver, no entanto, após ter atingido a idade da razão, sem a graça da remissão dos pecados, por mais fecunda que seja sua conduta nos atos de justiça.

De fato, os filhos de Deus, em sua vida perecível, não deixam de lutar contra a morte.

Diz-se, com razão: *Todos os que são conduzidos pelo Espírito de Deus são filhos de Deus*[135]. No entanto, eles não poderiam ser governados pelo Espírito Santo e nem caminhar na via dos filhos de Deus sem se abandonar, de tempos em tempos, como os filhos do homem, à inclinação de seu próprio espírito, sob o impulso do *corpo corruptível* que *torna pesada a alma*[136]e das paixões. É assim que eles caem no pecado.

Mas, os pecados diferem segundo sua gravidade e, se todo crime é um pecado, não se pode concluir que todo pecado seja um crime. Podemos então dizer que os santos, enquanto estão neste mundo, levam uma vida isenta de qualquer crime. Mas, *se dizemos que não*

[135] Romanos 8: 14.
[136] Sabedoria 9: 15.

temos pecado, enganamo-nos a nós mesmos e a verdade não está em nós[137].

Capítulo LXV

Quais crimes são redimidos pela Igreja. Fora da Igreja os pecados não podem ser redimidos.

A santa Igreja tem o poder de perdoar os grandes crimes? Sim, sem dúvida e não é preciso se desesperar pela misericórdia divina, se a penitência for proporcional ao pecado. Diante de um crime tão grave que mereça a excomunhão, a penitência deve ser medida menos pela duração do que pela própria intensidade do arrependimento, pois, "um coração contrito e humilhado Deus não despreza"[138].

No entanto, sendo a arrependimento algo interior e que, comumente, não se revela exteriormente através de palavras ou outros sinais, de maneira que ele só é visível para Aquele aos quais os gemidos não estão ocultos[139], os líderes de nossas igrejas sabiamente determinaram a duração da penitência para dar plena satisfação à própria Igreja, no seio da qual são remidos os pecados. Este é um poder divino que, fora dela, não existe, pois ela exclusivamente rece-

[137] 1 João 1: 8.
[138] Salmo 50: 19. *Sacrificium Deo spiritus contribulatus ; cor contritum et humiliatum, Deus, non despicies*.
[139] Cf. Salmo 37: 10.

beu este dom do Espírito Santo[140], que é o único capaz de conceder a remissão dos pecados, o penhor da vida eterna.

Capítulo LXVI

A remissão dos pecados tem por objetivo prevenir o julgamento futuro.

De fato, os pecados só são remidos para prevenir o julgamento futuro. É com rigor que se executa esta sentença terrível: *Um pesado jugo acabrunha os filhos de Adão, desde o dia em que saem do seio materno, até o dia em que são sepultados no seio da mãe comum*[141].

Os recém-nascidos, embora regenerados no batismo, são frequentemente atacados pelas dores mais cruéis. Daí surge uma consequência muito simples: os sacramentos têm por objetivo fortificar nossas esperanças nos bens futuros, mais do que servirem para adquirir ou conservar as prosperidades neste mundo.

Às vezes parece que Deus esquece o crime e o deixa impune. Mas não, o castigo só é adiado. Não é sem razão que se chama *o dia do juízo*, o dia em que deve aparecer o Juiz dos vivos e dos mortos.

Às vezes, pelo contrário, a pena sucede o crime e, se esse crime foi remido, ele não provoca nenhum castigo no tempo futuro. Daí ocorre que, ao falar das penas temporais às quais os pecadores que

---

[140] Cf. Coríntios 1: 21 e 22. *Ora, quem nos confirma a nós e a vós em Cristo e nos consagrou, é Deus. Ele nos marcou com o seu selo e deu aos nossos corações o penhor do Espírito*.
[141] Eclesiástico 40: 1.

entraram em graça com Deus são condenados neste mundo e que os preservam das penas futuras, o Apóstolo disse: *Se nos examinássemos a nós mesmos, não seríamos julgados. Mas, sendo julgados pelo Senhor, ele nos castiga para não sermos condenados com o mundo*[142].

Capítulo LXVII

Todos os fiéis, sejam quais forem seus crimes, serão salvos pelo fogo?

É opinião de algumas pessoas que, permanecendo-se fiel ao nome de Jesus Cristo, após ter sido incorporado pelo batismo à Igreja, não se afastando dela nem pelo cisma e nem pela heresia, tendo cometido os maiores crimes sem apagá-los pela penitência ou resgatá-los através de boas obras e perseverando até o último suspiro no pecado, escapar-se-á da danação passando pelo fogo, sendo a duração do suplício, sem dúvida, proporcional às faltas e não eterno.

As pessoas que, memo permanecendo católicas, admitem esta opinião, me parecem movidas por uma piedade humana para com os criminosos. As Escrituras respondem totalmente ao contrário disso, quando são consultadas.

Eu compus sobre esta questão uma obra intitulad*a* **A fé e as obras**. Lá, segundo as luzes que Deus me comunicou, demonstrei

[142] 1 Coríntios 11: 31 e 32.

que a fé que salva é aquela cujas características o apóstolo Paulo definiu nesta passagem: *Estar circuncidado ou incircunciso de nada vale em Cristo Jesus, mas sim a fé que opera pelo amor*[143].

Ora, se a fé só é fecunda em más ações, não há dúvida de que, como diz o apóstolo Tiago, ela *é morta em si mesma*[144], pois, segundo ele, *De que aproveitará, irmãos, a alguém dizer que tem fé, se não tiver obras? Acaso esta fé poderá salvá-lo?*[145]

Mas, se uma pessoa carregada de crimes, só precisar acreditar para ser salva pelo fogo; se é este o verdadeiro sentido da passagem em que o bem-aventurado Paulo diz: *Ele será salvo, porém passando de alguma maneira através do fogo*[146]; precisamos admitir que a fé é capaz de salvar sem as obras e, por consequência, Paulo contradiz seu companheiro no apostolado. Ou melhor, ele contradiz a ele mesmo, já que, mais adiante, ele clama: *Acaso não sabeis que os injustos não hão de possuir o Reino de Deus? Não vos enganeis: nem os impuros, nem os idólatras, nem os adúlteros, nem os efeminados, nem os devassos, nem os ladrões, nem os avarentos, nem os bêbados, nem os difamadores, nem os assaltantes hão de possuir o Reino de Deus*[147].

---

[143] Gálatas 5: 6.
[144] Tiago 2: 17.
[145] Tiago 2: 14.
[146] 1 Coríntios 3: 15.
[147] 1 Coríntios 6: 9 e 10.

Ora, como o céu estaria fechado a esses pecadores endurecidos pelo crime, se a fé em Jesus Cristo bastasse para salvá-los?

Capítulo LXVIII

O fogo purificador nesta vida.

Como a linguagem dos Apóstolos sobre este ponto é muito clara e muito explícita para ser classificada como erro, só nos resta levantara qualquer contradição entre estes dois testemunhos incontestáveis e a passagem um pouco obscura onde Paulo declara que, *Quanto ao fundamento, ninguém pode pôr outro diverso daquele que já foi posto: Jesus Cristo. Agora, se alguém edifica sobre este fundamento, com ouro, ou com prata, ou com pedras preciosas, com madeira, ou com feno, ou com palha, a obra de cada um aparecerá. O dia do julgamento demonstrá-lo-á. Será descoberto pelo fogo; o fogo provará o que vale o trabalho de cada um*[148].

Ora, a madeira, o feno e a palha podem muito bem representar aqui uma paixão pelas coisas do mundo. Elas são honestas, propriamente, mas são poderosas o suficiente para tornar dolorosa a perda desses bens efêmeros.

Jesus Cristo tem, em um coração devorado por tais lamentações, um lugar fundamental? Em outros termos, sabemos colocar

[148] 1 Coríntios 3: 9-13.

Jesus Cristo acima de tudo e preferir perder os bens deste mundo a fé? Assim, se é salvo pelo fogo.

Pelo contrário, preferimos, nos dias de provações, nos apegar aos bens perecíveis do mundo do que a Jesus Cristo? Desta forma, não construímos sobre o inabalável fundamento, pois preferimos então o acessório ao necessário, já que a base de um edifício é seu elemento essencial.

O fogo mencionado pelo Apóstolo não passa então de uma provação passageira do edifício erguido sobre o eterno fundamento; seja em ouro, em prata ou em pedras preciosas; seja em feno, em palha ou em madeira. Pois ele acrescenta: *O fogo provará o que vale o trabalho de cada um. Se a construção resistir, o construtor receberá a recompensa. Se pegar fogo, arcará com os danos. Ele será salvo, porém passando de alguma maneira através do fogo*[149].

Tanto uma como a outra obra será submetida à prova do fogo. Assim, o fogo designa a violência das tribulações, como está dito expressamente em outro trecho das Escrituras: *A fornalha testa as jarras do oleiro; a prova do infortúnio, as pessoas justas*[150]. O infortúnio é, de fato, às vezes na vida, a prova do fogo que o Apóstolo menciona.

---

[149] 1 Coríntios 3: 13-15.

[150] Eclesiástico 27: 6. Cf. com 2: 5. *É pelo fogo que se experimentam o ouro e a prata e as pessoas agradáveis a Deus, pelo cadinho da humilhação*.

Suponhamos dois fiéis. Um, todo ocupado com as coisas do Senhor e com os meios de agradá-lo, constrói, sobre o fundamento da fé em Jesus Cristo, um edifício de ouro, de prata e de pedras preciosas. O outro, ocupado com as coisas do mundo e com os meios de agradar sua mulher[151], constrói, sobre o mesmo fundamento, um edifício de madeira, de feno e de palha. A obra do primeiro resiste à chama, por que ele não está preso aos bens do mundo e é insensível à sua perda. A obra do segundo é consumida, por que não conseguiria perder sem lamentações os bens que possuiu com amor.

Mas este último, se lhe for proposto escolher entre Jesus Cristo e o mundo, se ele preferir Jesus Cristo e sacrificar esses bens para sua fé, mesmo lamentando ser privado deles, ele se salva sem dúvida, mas como que através de um incêndio. Ele é devorado pelas lamentações por ter perdido os bens que o aprisionavam. Mas sua dor não ataca e nem consome o fundamento inabalável cuja solidez protege de qualquer dano.

Capítulo LXIX

O fogo purificador no outro mundo.

Há no outro mundo uma prova semelhante? Não seria nada de extraordinário e poderíamos nos colocar esta questão.

[151] Cf. 1 Coríntios 7: 33 e 34. *O casado preocupa-se com as coisas do mundo, procurando agradar à sua esposa. A mesma diferença existe com a mulher solteira ou a virgem. Aquela que não é casada cuida das coisas do Senhor, para ser santa no corpo e no espírito. Mas a casada cuida das coisas do mundo, procurando agradar ao marido.*

Por uma lei mais ou menos misteriosa, pode haver fiéis que se purificam nas chamas de seu apego excessivo às coisas deste mundo e que se salvam suportando um suplício cuja extensão está em relação com a intensidade de seus desejos mundanos.

Mas este não pode ser o caso daqueles que não *hão de possuir o Reino de Deus*[152]. A não ser que tenham obtido, através de uma justa penitência, o perdão de seus crimes. Com a expressão *justa penitência* eu quero dizer sobretudo que eles não devem ser parcos em boas obras. As escrituras, de fato, atribuem às boas obras uma virtude tão poderosa que o Senhor avisa que ele colocará as pessoas, no último dia, à sua direita ou à sua esquerda, de acordo com sua abundância ou esterilidade em boas obras. Ele dirá a uns: *Vinde, benditos de meu Pai, tomai posse do Reino que vos está preparado desde a criação do mundo*[153]. E, aos outros, ele dirá: *Retirai-vos de mim, malditos! Ide para o fogo eterno destinado ao demônio e aos seus anjos*[154].

[152] 1 Coríntios 6: 10.
[153] Mateus 25: 34.
[154] Mateus 25: 41.

Capítulo LXX

Sem a mudança, as boas obras não apagam os crimes.

Que não se imagine, no entanto, que as boas obras apagam os crimes que interditam o acesso ao céu, na medida em que se continua a cometê-los. É preciso primeiro mudar o comportamento.

Encontramos nas boas obras um meio de atrair a misericórdia de Deus com relação às faltas passadas e não para comprá-la para sempre e adquirir o privilégio de pecar impunemente.

Deus, *a ninguém deu licença para pecar*[155]. Ele tem piedade de nossas faltas passadas e só as perdoa quando lhe oferecemos uma justa satisfação.

Capítulo LXXI

A Oração do Senhor apaga as faltas leves.

Quanto às faltas leves e fugazes de cada dia, que são inseparáveis da vida humana, a Oração do Senhor basta, a cada dia, para expiar.

Pai Nosso que estais nos céus[156] é uma expressão bem natural na boca daqueles que foram regenerados por esse Pai, através da água e do Espírito[157].

---

[155] Eclesiástico 15: 21.
[156] Mateus 6: 9.
[157] Cf. João 3: 5. *"Em verdade, em verdade te digo: quem não renascer da água e do Espírito não poderá entrar no Reino de Deus"*.

Esta prece apaga então as faltas leves de cada dia. Ela serve até mesmo para expiação das faltas graves de uma vida passada no crime, se os fiéis renunciam às suas desordens e retornam à virtude por via da penitência. Mas, para isso é preciso que, após ter pedido a Deus sinceramente que ele perdoe *nossas ofensas*, que não são jamais extintas, nós lhe digamos com a mesma sinceridade: *como nós perdoamos a quem nos tem ofendido*. Em outros termos, é preciso que perdoemos primeiro. É uma boa obra, de fato, conceder o perdão a quem nos pede.

Capítulo LXXII

As diversas formas de boas obras.

Todas as boas ações que pode prestar a piedade estão ligadas a estas palavras do Senhor: *Dai antes em esmola o que possuís e todas as coisas vos serão limpas*[158].

Fazer boa ação não é somente apaziguar a fome do pobre, extinguir sua sede, cobrir sua nudez, acolher o viajante, dar abrigo ao fugitivo, visitar o doente ou o prisioneiro, resgatar o cativo, apoiar o fraco, guiar o cego, consolar o aflito, cuidar do ferido, reencaminhar a pessoa perdida em seu caminho, dar conselho ao indeciso; enfim, dar a cada um a ajuda que sua situação necessita.

[158] Lucas 11: 41.

Fazer boa ação é perdoar as ofensas, é corrigir um subordinado com uma pena rigorosa ou com lições severas, perdoando-o do fundo do coração ou pedindo a Deus que o perdoe e a boa ação aqui consiste não somente em perdoar a ofensa ou o dano, mas também em castigar ou repreender o culpado, pois, seguimos, com relação a ele, as inspirações da piedade.

Geralmente, muitos bens são concedidos às pessoas em detrimento de suas vontades, levando em conta menos seus desejos e sim seus interesses, por que elas não possuem inimigos mais terríveis do que elas mesmas e amigos mais devotados do que seus supostos inimigos. Enganadas por esta ilusão, elas retribuem o bem com o mal e se esquecem de que o cristão deve responder até mesmo o mal com a caridade[159].

As boas obras assumem então diversas formas e, quando as praticamos, nós contribuímos para quitar nossas dívidas.

Capítulo LXXIII

A boa ação mais nobre é perdoar seus inimigos.

De todas as boas ações, a mais sublime é aquela que consiste em perdoar sinceramente as ofensas.

---

[159] Cf. Mateus 5: 46 e 47. *Se amais somente os que vos amam, que recompensa tereis? Não fazem assim os próprios publicanos? Se saudais apenas vossos irmãos, que fazeis de extraordinário? Não fazem isto também os pagãos?;* Romanos 12: 17. *Não pagueis a ninguém o mal com o mal. Aplicai-vos a fazer o bem diante de todos*; Romanos 12: 21. *Não te deixes vencer pelo mal, mas triunfe sobre o mal com o bem.*

Não é um símbolo de grandeza de alma ser benevolente e generoso com quem nunca nos prejudicou. O cúmulo da benevolência e da magnanimidade é amar nosso inimigo e retribuir seu ódio e suas ofensas com a caridade e as boas obras, obedecendo a este mandamento do Senhor: *Amai vossos inimigos, fazei bem aos que vos odeiam, orai pelos que vos maltratam e perseguem*[160].

Mas os filhos de Deus mais perfeitos só atingem esse ideal que cada fiel deve aspirar, substituindo as fraquezas humanas por este sentimento divino, com a ajuda das preces, das lutas e das pequenas vitórias. Muito pouco se encontram pessoas que se possa acreditar que tenham o magnífico privilégio de dizer com verdade: *Perdoai as nossas ofensas, assim como nós perdoamos a quem nos tem ofendido*.

No entanto, esta confissão está cumprida, sem nenhuma dúvida, quando, bastante imperfeitos ainda para amar nossos inimigos, cedemos às suas preces e lhes perdoamos sinceramente as ofensas que cometeram contra nós.

Nós mesmos, de fato, solicitamos o perdão de nossas faltas, ao fazer esta súplica: *assim como nós perdoamos a quem nos tem ofendido*. Isto não é o mesmo que dizer: “Conceda o perdão de nossas faltas, como nós concedemos o perdão aos nossos inimigos, quando eles nos pedem?”

[160] Mateus 5: 44.

Capítulo LXXIV

Deus só perdoa aqueles que perdoam.

Não se pode considerar como inimiga a pessoa que, lamentando seu erro, vai pedir perdão àquela que ofendeu.

Encontra-se tanta doçura em amar quanto havia repugnância no coração que estava movido pelo ódio.

Mas se as preces e o arrependimento do culpado não conseguem nos tocar, não acreditamos que o Senhor perdoe nossos pecados.

A verdade é incapaz de enganar. Podemos ter lido ou ouvido o Evangelho, sem saber quem é Aquele que disse de si mesmo: *"Eu sou o caminho, a verdade e a vida; ninguém vem ao Pai senão por mim"*[161]?

A Verdade então, após ter nos ensinado a rezar, acrescenta, para nos mostrar a importância do preceito: *Se perdoardes às pessoas as suas ofensas, vosso Pai celeste também vos perdoará. Mas se não perdoardes às pessoas, tampouco vosso Pai vos perdoará*[162].

Que estouro de trovão! Quem não despertar, não está adormecido, está morto. Mas Deus, no entanto, pode reanimar até mesmo os mortos.

---

[161] João 14: 6.
[162] Mateus 6: 14 e 15.

Capítulo LXXV

A boa ação não purifica se não houver correção.

Os pecadores que vivem no crime sem a intenção de corrigir seus costumes e que, no meio de seus erros e desordens, não deixam de prodigalizar boas obras, alimentam-se com uma ideia quimérica, se tomam literalmente estas palavras do Senhor: "Faça boas ações e tudo será puro em você"[163].

Eles não compreendem estas palavras em sua profundidade. Se eles querem descobrir seu sentido, que escutem a quem Jesus Cristo as dirige: *Enquanto Jesus falava, pediu-lhe um fariseu que fosse jantar em sua companhia. Ele entrou e pôs-se à mesa. Admirou-se o fariseu de que ele não tivesse se lavado antes de comer. Disse-lhe o Senhor: "Vós, fariseus, limpais o que está por fora do vaso e do prato, mas o vosso interior está cheio de roubo e maldade! Insensatos! Quem fez o exterior não fez também o conteúdo? Dai antes em esmola o que possuís e todas as coisas vos serão limpas"*[164].

Pois bem! Os fariseus não tinham fé em Jesus Cristo. Eles eram incrédulos, eles não eram regenerados na água e no Espírito Santo. Tudo seria puro neles somente por darem esmolas, com o mesmo espírito que fazem os pecadores?

---

[163] Lucas 11: 41.
[164] Lucas 11: 37-41.

É impuro quem não foi purificado pela fé de Jesus Cristo que "purifica os corações"[165] e, como diz o Apóstolo: *Para os puros, todas as coisas são puras. Para os corruptos e descrentes, nada é puro; até a sua mente e consciência são corrompidas*[166].

Como então tudo seria puro para os fariseus, somente com o fato de darem esmolas sem terem a fé? E como teriam fé aqueles que não quiseram acreditar em Jesus Cristo e nem se regenerar através de sua graça?

No entanto, tudo é verdadeiro nas palavras que eles ouviram: "*Dai antes em esmola o que possuís e todas as coisas vos serão limpas*".

Capítulo LXXVI

A boa obra consiste primeiramente em ter piedade de si mesmo e viver corretamente.

Queremos seguir nas boas obras a ordem natural? Precisamos primeira fazê-la a nós mesmos.

A boa obra é uma consequência da piedade. Ora, foi dito da piedade: *Tem compaixão de tua alma, torna-te agradável a Deus*[167].

Nós nos regeneramos para agradar a Deus, que o erro, com razão, nos maculou desde o início. Esta é a primeira boa obra que fa-

[165] Cf. Atos 15: 8 e 9. *Deus, que conhece os corações, testemunhou a seu respeito, dando-lhes o Espírito Santo, da mesma forma que a nós. Nem fez distinção alguma entre nós e eles, purificando pela fé os seus corações*.
[166] Tito 1: 15.
[167] Eclesiástico 30: 24.

zemos. Nós lamentamos nossa indigência e suspiramos após a misericórdia de Deus, reconhecendo a justiça da sentença que nos condenou ao infortúnio e da qual o Apóstolo diz: *Pelo pecado de um só a condenação se estendeu a todo o gênero humano*[168].

Depois, damos graças infinitas a essa caridade infinita sobre a qual o mesmo Apóstolo diz: *Eis aqui uma prova brilhante do amor de Deus por nós: quando éramos ainda pecadores, Cristo morreu por nós*[169].

É assim que, ao fazer uma admissão sincera de nossa pobreza e ao amar Deus com o mesmo amor que recebemos da graça, vivemos com piedade e com justiça.

Ora, os fariseus não pensavam em sua indigência e nem na caridade de Deus. Eles se limitavam a dar o dízimo de seus bens e pagavam o dízimo sobre as ervas de valores menores, invés de começar por tomarem eles mesmos como objetos de sua piedade e de suas boas obras e de seguir a ordem natural da caridade: *Amarás teu próximo como a ti mesmo*[170].

Quando então Jesus os censurou por levarem muito longe a limpeza exterior e estarem totalmente sujos por dentro, por causa das rapinagens e da iniquidades, ele lhes mostrou que há uma boa obra que o ser humano deve fazer a ele mesmo e que exclusivamente é

[168] Romanos 5: 18.
[169] Romanos 5: 8.
[170] Lucas 10: 27.

capaz de purificar o coração: *Dai antes em esmola o que possuís e todas as coisas vos serão limpas*[171].

Depois, para fazê-los sentir a força do preceito que eles negligenciavam, ele acrescentou: *Ai de vós, fariseus*[172], como se dissesse: "Eu vim lhes ensinar a espécie de boa obra que vocês devem fazer, para que tudo seja puro em vocês".

Ai de vós, fariseus, que pagais o dízimo da hortelã, da arruda e de diversas ervas; "Estas boas obras eu conheço; não acreditem que elas são os verdadeiro objetos de minhas reprovações".

Desprezais a justiça e o amor de Deus[173]. "Esta sim é a boa obra que purificaria sua alma de toda sujeira, assim como a água purifica seu corpo".

A palavra toda compreende ao mesmo tempo a alma e o corpo. *Fariseu cego! Limpa primeiro o interior do copo e do prato, para que também o que está fora fique limpo*[174], é dito em outro lugar.

Por fim, Jesus Cristo não quer dar a entender que ele despreza as boas obras sobre os bens temporais, pois ele acrescenta logo: *É necessário praticar estas coisas* __ou seja, observar a justiça e o amor de Deus __ *sem contudo deixar de fazer aquelas outras coisas*[175], ou seja, as boas obras sobre os bens da terra.

---

[171] Lucas 11: 41.
[172] Lucas 11: 42.
[173] Lucas 11: 42.
[174] Mateus 23: 26.
[175] Lucas 11: 42.

Capítulo LXXVII

A boa obra só é eficaz com a condição de se renunciar às iniquidades.

Que não se pense então que, por causa das boas obras, em dinheiro ou em ações, se possa comprar o direito de perseverar nos crimes e nas desordens de todos os tipos.

Isto é um erro, pois não se comete somente o crime, mas se ama o crime e se gostaria de jamais ter que renunciar a ele, se fosse garantida a impunidade.

Ora, *quem ama a iniquidade, odeia sua alma*[176] e aquele que odeia sua alma, longe de ter piedade por ela, a trata cruelmente. Ao amá-lo segundo o mundo, ele a odeia segundo Deus. Se ele quisesse lhe fazer a boa obra que purificaria de todas as sujeiras, ele a odiaria segundo o mundo e a amaria segundo Deus.

Mas, por menor que seja uma boa obra, não se pode realizá-la sem recebê-la Daquele que ignora a necessidade. Daí vem estas palavras: *A misericórdia de Deus me precederá*[177].

[176] Salmo 10: 6. *Qui autem diligit iniquitatem, odit animam suam*.
[177] Salmo 58: 11. *Deus meus misericordia ejus præveniet me*.

Capítulo LXXVIII

Há pecados que, na avaliação humana, são atos inocentes.

É Deus e não o ser humano que pesa as faltas em seus julgamentos e decide sobre sua gravidade. Sabemos, de fato, que os próprios Apóstolos foram tolerantes com a fraqueza humana.

Este foi o caso da concessão feita pelo venerável Paulo às pessoas casadas: *Não vos recuseis um ao outro, a não ser de comum acordo, por algum tempo, para vos aplicardes à oração e depois retornai novamente um para o outro, para que não vos tente Satanás por vossa incontinência*[178].

Segundo estas palavras, pareceria que os esposos podem, sem nenhum pecado, ter menos em vista os filhos, que são o objetivo do casamento, do que os prazeres dos sentidos e isso para evitar que a incontinência não os arraste para a fornicação, o adultério e todos os inumeráveis excessos da impudicícia e aos quais leva a paixão acesa pelo Tentador. Pareceria, repito, que nesse relacionamento não há nenhum pecado. Mas o Apóstolo acrescenta: *Isto digo como concessão, não como ordem*[179].

Ora, como não ver em um ato o que o Apóstolo, com toda sua autoridade, apenas perdoa?

---

[178] 1 Coríntios 7: 5.
[179] 1 Coríntios 7: 6.

O mesmo acontece quando ele diz: *Quando algum de vós tem litígio contra outro, como é que se atreve a pedir justiça perante os injustos, em vez de recorrer aos irmãos santos?*[180]

E, um pouco depois: *Quando tendes contendas desse gênero, escolheis para juízes pessoas cuja opinião é tida em nada pela Igreja. Digo-o para confusão vossa. Será possível que não há entre vós um homem sábio, nem um sequer que possa julgar entre seus irmãos? Mas um irmão litiga com outro irmão e isso diante de infiéis!*[181]

Não entendendo estas palavras, podemos acreditar que é menos pecado ter um processo do que fazê-lo ser julgado fora da Igreja. Mas o Apóstolo logo acrescenta: *Na verdade, já é um mal para vós o fato de terdes processos uns contra os outros*[182].

A explicação seria que se tem o direito ao seu lado e que é diante de uma injustiça que se deseja se expor a uma sentença dos tribunais? O Apóstolo se antecipa a estes argumentos e explicações, acrescentando: *Por que não preferis sofrer injustiça? Por que não preferis ser espoliados?*[183]

Eu retorno assim às palavras do próprio Jesus Cristo: *Se alguém te citar em justiça para tirar-te a túnica, cede-lhe também a*

[180] 1 Coríntios 6: 1.
[181] 1 Coríntios 6: 4-6.
[182] 1 Coríntios 6: 7.
[183] 1 Coríntios 6: 7.

capa.[184] E, em outro lugar: *Ao que tomar o que é teu, não lho reclames*[185].

Deus proibiu então aos seus que entrem em contestações por interesses temporais e é de acordo com este princípio que o Apóstolo vê como um pecado o processo judicial.

No entanto, como ele permite aos cristãos submeterem suas diferenças a um tribunal cristão, no seio da Igreja e proíbe com veemência que se recorra aos juízes de fora da Igreja, está claro que ele só permite essa liberdade por condescendência para com os fracos.

É por faltas deste tipo ou também para os pecados mais leves, que cometemos por pensamentos e por palavras e às quais o apóstolo São Tiago faz alusão ao dizer: *Todos nós caímos em muitos pontos*[186], que precisamos várias vezes ao dia rogar ao Senhor para que *perdoai as nossas ofensas* e, sobretudo, não mentir com relação ao compromisso que assumimos ao dizer: *assim como nós perdoamos a quem nos tem ofendido*[187].

[184] Mateus 5: 40.
[185] Lucas 6: 30.
[186] Tiago 3: 2.
[187] Mateus 6: 12.

Capítulo LXXIX

Há pecados que são muito graves, embora pareçam leves.

Seríamos tentados a ver como leves algumas faltas, se as Escrituras não deixassem claro que elas têm mais gravidade do que se pensa.

Acreditaríamos que, *Aquele que disser*, ao seu irmão, *"Louco!", será condenado ao fogo da Geena*[188], se a própria Verdade não tivesse pronunciado esta sentença?

Mas ela coloca o remédio ao lado do mal, estabelecendo imediatamente uma lei de reconciliação com nossos irmãos: *Se estás, portanto, para fazer a tua oferta diante do altar e te lembrares de que teu irmão tem alguma coisa contra ti, deixa lá a tua oferta diante do altar e vai primeiro reconciliar-te com teu irmão. Só então vem fazer a tua oferta*[189].

Seria de se imaginar que haveria uma falta grave em observar *festas ou luas novas ou sábados*[190], como fazem aqueles que, para começar ou não começar certas coisas, seguem *dias, meses, estações e anos*[191], segundo o preconceito insensato de que há épocas fatalmente felizes ou críticas? Mas, podemos medir a gravidade desse pecado pelo terror que ele inspira ao Apóstolo e que o faz dizer aos

[188] Mateus 5: 22.
[189] Mateus 5: 23 e 24.
[190] Colossenses 2: 16.
[191] Gálatas 4: 10.

Gálatas supersticiosos: *Temo que os meus esforços entre vós tenham sido em vão*[192].

Capítulo LXXX

O horror ao crime se enfraquece com o hábito.

Há mais: o hábito enfraquece ou até mesmo apaga a sensibilidade para os com os pecados, qualquer que seja sua enormidade ou abominação. Acaba-se por não mais escondê-lo e, que digo, até mesmo a apregoá-lo e se vangloriar dele. O Salmista diz: *O pecador se gloria até de sua cupidez, o cobiçoso blasfema e despreza a Deus*[193].

Essa iniquidade que se apregoa é chamada de grito nas santas Escrituras. Diz Isaías a propósito dessa má vinha: *A vinha do Senhor dos exércitos é a casa de Israel e os homens de Judá são a planta de sua predileção. Esperei deles a prática da justiça e eis o sangue derramado; esperei a retidão e eis os gritos de socorro*[194].

Também encontramos essa expressão no Gênesis: *É imenso o clamor que se eleva de Sodoma e Gomorra e o seu pecado é muito grande*[195].

De fato, estas cidades eram um teatro de infâmias que, longe de serem reprimidas, eram cometidas à luz do dia e eram quase uma lei.

---

[192] Gálatas 4: 11.
[193] Salmo 9: 24.
[194] Isaías 5: 7.
[195] Gênesis 18: 20.

Da mesma forma, em nossos tempos, há o hábito tão consagrado de crimes __ menos abomináveis sem dúvida __ que nem ousamos mais excomungar o leigo que os pratica e nem mesmo degradar um clérigo.

Daí o clamor que me escapou há alguns anos quando, ao explicar a Epístola aos Gálatas, cheguei nesta passagem: *Temo que os meus esforços entre vós tenham sido em vão*[196]. Eu me vi forçado a exclamar: "Ai dos pecados humanos que nos enchem de horror somente quando são inabituais! Mas os comuns, que para serem apagados foi derramado o sangue do Filho de Deus, mesmo que sejam tão grandes que fecham o reino dos céus a quem os comete, nos vemos muitas vezes forçados a presenciá-los, a tolerá-los e, tolerando-os, muitas vezes cometemos alguns. Deus queira que não cometamos todos aqueles que não podemos impedir!"[197]

Eu não sei, mas me parece que fui então arrastado pela dor para bem longe.

Capítulo LXXXI

Duas causas do pecado: a ignorância e a fraqueza. A necessidade da graça para superar estes obstáculos.

Repetirei aqui um ponto da doutrina muitas vezes explicado em minhas obras. Nossos pecados estão relacionados a duas causas: a

[196] Gálatas 4: 11.
[197] *Comentários sobre a Epístola aos Gálatas*, cap. 35.

ignorância, que nos impede de conhecer nosso dever e a fraqueza, que no impede de cumpri-lo quando temos consciência dele.

É preciso, sem dúvida, combater essa dupla doença. No entanto, sucumbiremos nessa luta se Deus não nos assistir, não somente nos esclarecendo sobre nossos deveres, mas também acrescentando, à luz que cura o intelecto, um encanto suficientemente poderoso para nos tornar insensíveis às seduções dos objetos que nos arrastam para o pecado, com plena consciência de causa, seja pelo desejo de possuí-lo, seja pelo medo de perdê-lo.

Não somos então simplesmente pecadores, como éramos quando pecávamos por ignorância; somos prevaricadores, já que, estando instruídos na Lei, ousamos fazer o que ela proíbe ou não fazer o que ela nos ordena.

Assim, após termos pedido perdão por nossas faltas __ *Perdoai as nossas ofensas, assim como temos ofendido a quem nos tem ofendido* __ temos que pedir também que ele nos conduza e nos afaste do pecado e *não nos deixe cair em tentação*[198].

Precisamos, repito, invocar Aquele que o Salmista chama ao mesmo tempo de *minha luz e minha salvação*[199], para que ele dissipe nossa ignorância e fortifique nossa fraqueza.

---

[198] Mateus 6: 12 e 13.
[199] Salmo 26: 1.

Capítulo LXXXII

A penitência é uma graça de Deus.

A própria penitência, por mais merecida que seja, quando a Igreja a inflige segundo suas regras, nem sempre é cumprida. Isso ocorre por causa de nossa fraqueza. Uma falsa vergonha que, no fundo, não passa do medo do desconforto, nos faz preferir a estima do mundo às humilhações da penitência que a justiça nos impõe.

Por consequência, precisamos da misericórdia divina, não somente ao fazer a penitência, mas também para nos propormos a cumpri-la.

Não fosse assim, o Apóstolo não teria dito sobre certos incrédulos: *Que Deus lhes conceda o arrependimento e o conhecimento da verdade*[200].

Da mesma forma também, antes de falar das lágrimas amargas derramadas por Pedro, o Evangelista nos diz: *O Senhor olhou para Pedro*[201].

Capítulo LXXXIII

O pecado contra o Espírito Santo

Se não se acreditar que a Igreja tem o poder de perdoar os pecados, se for desprezado o dom inestimável da munificência divina e

[200] 2 Timóteo 2: 25.
[201] Lucas 22: 61.

se se for movido pelo sentimento de incredulidade, torna-se culpado de um irremediável pecado contra o Espírito Santo[202], em quem os pecados são remidos por Jesus Cristo.

Esta é uma questão muito delicada e eu já tratei dela em uma obra especial[203] e a esclareci, na medida em que me foi possível.

Capítulo LXXXIV

A ressurreição da carne.

Chego ao mistério da ressurreição da carne. Não se trata aqui de algumas ressurreições milagrosas seguidas por uma segunda morte, mas da ressurreição definitiva e para a eternidade, semelhante à de Jesus Cristo.

Sobre esta questão, eu não sei como ser breve ao responder às dificuldades que ela levanta comumente.

Um ponto essencial e que nenhum cristão deve colocar em dúvida é que todos os que nasceram ou que nascerão, que estão mortos ou que morrerão, retomarão um dia seus corpos.

[202] Cf. Mateus 12: 32. *Todo o que tiver falado contra o Filho do Homem será perdoado. Se, porém, falar contra o Espírito Santo, não alcançará perdão nem neste século nem no século vindouro*.
[203] Sermão LXXI.

Capítulo LXXXV

Os abortos.

A primeira questão é saber se as crianças que viveram no ventre materno e que nascem antes do tempo poderão renascer.

Se a criança já estava formada, ela ressuscitará. Esta afirmação deve ser entendida de um modo geral. Se for o caso de um embrião informe, não é natural acreditar que ele será aniquilado como são todas as sementes que não germinaram?

No entanto, a ressurreição não terá a capacidade de completar uma organização incompleta? Quem poderá negar isso, ainda que não ouse afirmá-lo?

Se for este o caso, os corpos receberão o desenvolvimento que teria sido a obra do tempo, da mesma maneira que eles não terão mais as consequências danosas do tempo. Nenhum ser será privado das formas e das propriedades que uma vida mais longa lhe teria propiciado. Da mesma forma como ele não será desfigurado pela ação danosa do tempo, sua organização será terminada, se ela estiver incompleta e renovada, se tiver sido alterada[204].

[204] Cf. *A Cidade de Deus*, livro XXII, cap. 13 e 14.

Capítulo LXXXVI

O início da vida no ventre materno.

A ciência poderia colocar aqui uma questão e empregar a análise mais delicada para examiná-la, se, todavia, os pesquisadores da mente humana pudessem ir tão longe.

Eu me refiro à ocasião em que o embrião começa a viver. Não haveria nele uma vida latente anterior aos movimentos que a revelam?

Não se poderia negar, sem ser imprudente, que a vida animou as crianças que são arrancadas aos pedaços, para que ela não faça a mãe morrer, permanecendo em suas entranhas.

Ora, desde que a vida começou, a morte se torna possível. Eu não vejo então por que um feto que a morte atingiu estaria excluído da ressurreição dos mortos.

Capítulo LXXXVII

Os monstros; como eles ressuscitarão?

Quanto aos monstros que vivem após seu nascimento, mesmo que por alguns instantes, não se poderia dizer que eles não ressuscitarão ou acreditar que eles ressuscitarão em sua forma estranha, sem ter visto desaparecer as faltas ou os excessos de sua organização.

Certa vez nasceu no Oriente, como asseguram testemunhos oculares dignos de fé e como conta em suas cartas o padre Jerônimo,

de santa memória, um monstro com duas cabeças e quatro mãos. Longe de nós pensarmos que ele renascerá com esse corpo duplo e que os órgãos destinados a formar dois gêmeos não comporão dois seres distintos!

Assim então, as crianças chamadas de monstros por que possuem órgãos incompletos ou supérfluos ou desmesuradamente disformes, retomarão as justas proporções do corpo humano. Cada alma terá um corpo. Todo corpo duplo em seu nascimento será reduzido aos seus membros essenciais e só terá os órgãos necessários que compõem o conjunto perfeito e harmonioso do corpo humano.

Capítulo LXXXVIII

O corpo se recomporá, qualquer que seja a maneira como seus elementos morreram.

A argila com que é formada a carne humana não desaparece jamais perante Deus.

Mesmo que ela seja reduzida a cinzas ou pó, que se transforme em vapor e despareça pelos ares, que sirva para formar a substância de outros corpos ou até mesmo se decomponha em seus elementos primitivos; enfim, que se torne alimento dos animais e até mesmo do ser humano e seja assimilada por sua carne; pouco importa, ela retornará em um instante à alma que a tinha animada inicialmente e tinha

presidido a formação de sua vida e seu desenvolvimento em um ser humano.

Capítulo LXXXIX

Como voltarão os supérfluos ao corpo.

Enfim, a matéria que se transforma em cadáver após a partida da alma, recuperará os elementos que havia perdido pela dissolução e que haviam passado para diferentes corpos, sob as formas mais diversas, sem que esses elementos retomem o lugar que ocupavam no corpo.

Suponhamos que os cabelos caídos sob a tesoura se juntem e que as partículas de unhas tantas vezes cortadas se reúnam. Não é concebível que formas sem medida e graça, por ocasião da ressurreição, assumam, como querem os incrédulos, as proporções mais chocantes.

Se uma estátua de bronze fundido for despedaçada ou reduzida a uma só massa informe e o artista queira recompô-la com a mesma quantidade de metal, qualquer que seja a parte de material empregada para refazer este ou aquele membro, a restauração não seria menos completa, se todo o metal da estátua primitiva entrasse na nova composição.

Da mesma forma, Deus, esse maravilhoso e inimitável artista, saberá recompor em um instante nosso corpos com os elementos que

o constituíam, sem que sua integridade seja alterada por que os cabelos e as unhas, invés de reaparecerem sob esta forma, se fundirão ao conjunto, se combinando com outros órgãos, pela atenção do divino artista em não deixar nenhuma desproporção em suas obras.

Capítulo XC

A altura e os traços não apresentarão irregularidade.

Não seria menos ilógico pretender que as pessoas não terão a mesma altura, por que elas têm, neste mundo, uma altura diferente ou que uns retomarão sua obesidade e outros sua magreza.

Se estiver nos desígnios do Criador que cada pessoa, mesmo guardando os traços originais de sua figura, tenha igualmente parte dos dons da beleza física, ele saberá modificar a matéria de cada indivíduo, sem lhe retirar a menor parcela e sem que lhe custe completar o que, porventura, faltar, já que ele criou do nada tudo o que ele quis.

Se, pelo contrário, cada corpo, após a ressurreição deve apresentar diferenças sem irregularidades, um pouco como as nuances de várias vozes que compõem uma sinfonia, sua substância servirá para expressar as belas formas que a tornarão dignas de entrar no coro dos anjos e de agradá-los com um gracioso conjunto.

Toda desproporção será desconhecida no céu. Lá não haverá forma que não seja bela, por que a beleza será a própria condição de sua existência.

Capítulo XCI

Os corpos dos santos ressuscitarão em sua substância, dali por diante, incorruptível.

Os corpos dos santos ressuscitarão então sem defeito e sem desproporção. Eles serão então livres da corrupção, da gravidade e de toda espécie de entraves. Sua agilidade só será igual à sua felicidade. É sob esta condição que ele é chamado nas Escrituras de espiritual, mesmo permanecendo um corpo e não um puro espírito.

Da mesma forma como se diz atualmente que um corpo é animado, sem que ele seja, por isso, uma alma, assim também ele será espiritual, sem ser, por isso, imaterial.

Quanto à corrupção que pesa sobre a alma[205] e às paixões que colocam a carne contra o espírito, elas desaparecerão. O corpo não será mais carnal e é neste sentido que ele é chamado de celeste.

Assim, o Apóstolo diz: *Nem a carne nem o sangue podem participar do Reino de Deus* e, para explicar nitidamente seu pensamento, ele acrescenta: *a corrupção não participará da incorruptibilida-*

[205] Cf. Sabedoria 9: 15. *O corpo corruptível torna pesada a alma*.

de[206]. A expressão *corrupção* é o comentário das palavras *carne e sangue*; a *incorruptibilidade* é sinônimo de *reino de Deus*.

Como substância, a carne não desaparecerá. O corpo de Jesus Cristo é chamado de carne no Evangelho, depois da ressurreição[207].

E por que o Apóstolo diz: *Semeado corpo animal, ressuscita corpo espiritual*[208]? É por que entre o espírito princípio de vida, livre de toda influência exterior e a carne obediente e submissa, reinará uma harmonia tão perfeita que não experimentaremos mais a luta entre eles em nós mesmos. Tanto externa quanto internamente não encontraremos mais forças antagonistas.

Capítulo XCII

A situação dos corpos dos condenados após a ressurreição.

Os infelizes que não foram libertados pela graça do Mediador da condenação universal que provocou a falta do primeiro ser humano, retomarão sem dúvida seus corpos, mas só os retomarão para serem punidos com Satã e seus anjos.

Eles ressuscitarão com os defeitos e deformidades que tinham quando vivos? Este é um problema cuja solução seria inútil procurar. Seria supérfluo se preocupar com a beleza ou a feiura mais ou menos provável de corpos destinados a uma eternidade de penas muito reais.

---

[206] 1 Coríntios 15: 50.
[207] Cf. Lucas 24: 39. *"Vejam minhas mãos e meus pés; sou eu mesmo. Apalpem e vejam; um espírito não tem carne nem ossos, como veem que tenho"*.
[208] 1 Coríntios 15: 44.

Não procuramos saber também como seus corpos seriam ao mesmo tempo incorruptíveis e capazes de sofrer ou corruptível e incapazes de morrer, pois, o que é a vida sem a felicidade e a incorruptibilidade sem uma existência protegida da dor?

Sofrer sem poder morrer é a própria morte, se posso falar assim, que nunca morre. Uma dor eterna que atormenta sem cessar não passa de uma corrupção sem fim. Isto é o que as Escrituras chamam de *segunda morte*[209].

Capítulo XCIII

Quais dos condenados sofrerão o suplício mais suave

No entanto, a primeira morte, que separa a alma do corpo, seria tão desconhecida do ser humano quanto a segunda, que prende a alma ao corpo culpado, se ninguém tivesse pecado.

Aqueles que não tiverem acrescentado nenhuma falta ao pecado original sofrerão o suplício mais leve. Quanto àqueles que tiverem cometido também novos pecados, a gravidade de seu castigo será proporcional à gravidade de suas faltas.

[209] Apocalipse 2: 11 (*Quem tiver ouvidos, ouça o que o Espírito diz às igrejas: "O vencedor não sofrerá dano algum da segunda morte"*); 20: 6 (*Feliz e santo é aquele que toma parte na primeira ressurreição! Sobre eles a segunda morte não tem poder, mas serão sacerdotes de Deus e de Cristo e reinarão com ele durante os mil anos*) e 20: 14 (*A morte e a morada subterrânea foram lançadas no tanque de fogo. A segunda morte é esta: o tanque de fogo*).

Capítulo XCIV

A verem os castigos dos reprovados, os santos apreciarão melhor sua felicidade.

Ao verem os anjos maus e os reprovados condenados a um suplício eterno, os santos compreenderão melhor os benefícios que a graça de Deus os cumulou.

Esse espetáculo lhes mostrará com toda a evidência a verdade destas palavras do Salmista: *Cantarei a bondade e a justiça. A vós, Senhor, salmodiarei*[210].

Efetivamente, só se será libertado pelo efeito da misericórdia totalmente gratuita, como só se será condenado por um julgamento legítimo.

Capítulo XCV

Os julgamentos secretos de Deus no mistério da predestinação serão então revelados.

Então serão esclarecidos mistérios hoje em dia impenetráveis. A saber: por que, de dois recém-nascidos, um foi eleito pela misericórdia e o outro rejeitado pela sentença divina? E a criança privilegiada não deve ignorar a pena que teria incorrido se a graça não tivesse vindo em seu socorro. Por que então uma delas foi escolhida preferencialmente, quando ambas estavam nas mesmas condições?

[210] Salmo 100: 1.

Por que ainda há almas que não viram se realizar prodígios em seu favor que as teriam beneficiado na execução de penitência, enquanto que esses milagres forem concedidos a outras sem lhes retirar a incredulidade.

O Senhor diz expressamente: *Ai de ti, Corozaim! Ai de ti, Betsaida! Por que se tivessem sido feitos em Tiro e em Sidônia os milagres que foram feitos em vosso meio, há muito tempo elas se teriam arrependido sob o cilício e a cinza*[211].

Não de pode acreditar que Deus tenha se recusado injustamente a salvá-las. Ela poderiam ser salvas, se quisessem.

Esclarecidos então pela sabedoria divina, compreendemos então uma verdade a qual está ligada a fé dos cristãos, sem ter ainda a plena inteligência. Veremos, eu digo, o quanto a vontade de Deus é certa, imutável e eficaz e como ele não quer tudo o que poderia, embora ele não queira nada que não possa realizar.

Enfim, sentiremos a verdade destas palavras: *Nosso Deus está nos céus; ele faz tudo o que lhe apraz*[212]. Estas palavras não passariam de mentira, se a vontade de Deus fosse às vezes impotente ou, o que seria mais humilhante ainda, se seu poder encontrasse na vontade humana um obstáculo aos seus desígnios.

Nada é feito fora da vontade do Onipotente. Em tudo ele age ou permite agir.

---

[211] Mateus 11: 21.
[212] Salmo 113: 11.

Capítulo XCVI

Deus faz o bem, mesmo deixando que se faça o mal.

Não se poderia duvidar de que Deus não age bem, mesmo quando ele deixa o mal agir, pois ele só o permite com um justo desígnio e sua bondade é inseparável de sua justiça.

Assim, embora o mal, enquanto mal, não possa ser um bem, no entanto, é um bem o mal existir com o bem, pois, se não fosse bom que o mal existisse, Deus, o bem supremo absoluto, não o permitiria, já que ele pode tão facilmente impedir o que ele não quer quanto fazer o que ele quer.

Duvidar desta verdade é abalar o símbolo da fé desde sua primeiras palavras, pois ali se declara que se acredita em *Deus Pai todo poderoso*. A onipotência seria uma palavra vã, se Deus não pudesse executar tudo o que ele quer e sua vontade fosse limitada em seus efeitos pela vontade de um ser criado.

Capítulo XCVII

A vontade humana pode entravar a vontade de Deus, quando ele resolveu salvar uma alma?

Examinemos então como este princípio se concilia com estas palavras infalíveis do Apóstolo: *Deus, nosso Salvador, deseja que todos se salvem*[213], pois, já que nem todos são salvos e até mesmo os

[213] Timóteo 2: 3 e 4.

eleitos são uma minoria, poderíamos acreditar que nem todos os desígnios de Deus são cumpridos e que sua vontade é entravada pela vontade humana.

Comumente, de fato, dizemos que, se nem todos são salvos é por que eles não querem. Esta explicação não conviria aos recém-nascidos, cujo exemplo há pouco examinamos, já que eles são incapazes ainda de querer ou de não querer. Se tivermos que tomar como atos voluntários os movimentos cegos com os quais se debatem contra a cerimônia do batismo, seria preciso dizer que os salvamos contra suas vontades.

O próprio Senhor se expressa mais claramente em uma interpelação à ímpia Jerusalém: *Quantas vezes eu quis reunir teus filhos, como a galinha reúne seus pintinhos debaixo de suas asas... e tu não quiseste!*[214]

A vontade de Deus seria então limitada pela vontade humana e a fraqueza seria capaz, com suas resistências, de derrotar a onipotência? No que se torna então esse poder infinito, que faz tudo o que quer no céu e na terra, se ele quis reunir os filhos de Jerusalém sem poder conseguir fazer isso?

Não é melhor admitir que Jerusalém não quis ver Deus reunir seus filhos e que ele, apesar dela, reuniu todos aqueles que ele bem quis?

[214] Mateus 23: 37.

Tanto no céu quanto na terra, Deus não é uma hora senhor de seus atos e outra hora impotente para realizar seus desígnios. *Ele faz tudo o que lhe apraz*.

Capítulo XCVIII

Embora Deus possa converter a todos, ele não é injusto ao não converter todos.

O delírio da impiedade pode chegar a dizer que Deus não tem o poder de conduzir ao bem, quando e como ele quiser, as vontades perversas que ele resolveu mudar?

Quando ele quer, ele age por misericórdia e se não o faz, ele obedece à sua justiça, pois, *ele tem misericórdia de quem quer e endurece a quem quer*[215].

O Apóstolo, com esta linguagem, quis mostrar o poder da graça. Antes ele já havia citado os dois filhos concebidos por Rebeca, sobre os quais, *Antes mesmo que fossem nascidos e antes que tivessem feito bem ou mal algum, para que fosse confirmada a liberdade da escolha de Deus, que depende não das obras, mas daquele que chama, foi dito a Rebeca: "O mais velho servirá o mais moço"*[216] E ele cita, em apoio a estas palavras, o testemunho do Profeta: *"Eu amava Jacó, mas Esaú eu odiava"*[217].

[215] Romanos 9: 18.
[216] Romanos 9: 11 e 12.
[217] Malaquias 1: 2 e 3.

Depois, percebendo que este linguajar poderia desconcertar as mentes muito fracas para penetrar as profundezas da graça, ele acrescenta: *Que diremos, pois? Haverá injustiça em Deus? De modo algum!*[218]

Parece, de fato, injusto que Deus ame um e odeie outro, sem levar em conta seus atos bons ou maus. E que não se acredite que o Apóstolo pensa nos atos bons ou maus que eles deveriam executar um dia e que Deus tem a presciência, pois, invés de dizer que a escolha de Deus *não depende das obras*, ele teria dito *obras futuras*. Isto teria sido uma maneira conveniente de resolver o problema, ou melhor, de eliminá-lo. Mas, não. Após ter perguntado: *Haverá injustiça em Deus?*, ele prova que não, acrescentando que Deus *disse a Moisés: "Farei misericórdia a quem eu fizer misericórdia; terei compaixão de quem eu tiver compaixão"*[219].

De fato, não teria sido loucura acusar Deus de injustiça por que ele pune legitimamente aquele que merece ou por que concede a graça a quem não merece?

O Apóstolo então conclui, com razão: *A escolha não depende daquele que quer, nem daquele que corre, mas da misericórdia de Deus*[220].

---

[218] Romanos 9: 14.
[219] Romanos 9: 15.
[220] Romanos 9: 16.

Desta forma, os dois filhos de Rebeca nasceram filhos da ira; consequência natural não de suas faltas pessoais, mas do pecado de Adão, que os tinha envolvido em sua condenação.

Por consequência, Aquele que disse: "*Terei compaixão de quem eu tiver compaixão*", amou Jacó por consequência de uma misericórdia totalmente gratuita e tomou ódio por Esaú por consequência de uma sentença de sua justiça.

Como essa sentença atingiu a ambos, Jacó, ao se comparar a Esaú, reconheceu que, se ele havia escapado da pena que o outro recebera pela mesma falta, ele devia isso não a alguma prerrogativa de mérito e de virtudes, mas à graça toda pura de Deus, por que esse favor *não depende daquele que quer, nem daquele que corre, mas da misericórdia de Deus*.

Por um mistério tão sublime quanto fecundo, as Escrituras, se considerarmos seus traços mais gerais e, por assim dizer, sua fisionomia, parece reproduzir sem cessar esta verdade: *Quem quiser se vangloriar, vanglorie-se no Senhor*[221].

[221] 1 Coríntios 1: 31.

Capítulo XCIX

Deus concede a graça por sua bondade infinita, assim como endurece sem injustiça. O princípio que nos separa dele.

Após ter louvado a misericórdia de Deus nestes termos: *A escolha não depende daquele que quer, nem daquele que corre, mas da misericórdia de Deus*, o Apóstolo destaca sua justiça e com razão, pois, sendo a injustiça estranha a Deus, aquele que não experimenta os efeitos de sua misericórdia, longe de ser vítima de uma injustiça, é objeto de seus julgamentos.

Então ele acrescenta imediatamente: *Por isso, diz a Escritura ao faraó: "Eis o motivo por que te suscitei, para mostrar em ti o meu poder e para que se anuncie o meu nome por toda a terra"*[222].

E ele resume seu pensamento nesta conclusão, onde aparece o duplo efeito da misericórdia e da justiça: *Portanto, ele tem misericórdia de quem quer e endurece com quem quer*[223].

Em outros termos: Deus concede a graça por sua misericórdia infinita e endurece sem ser injusto, de sorte que não há que se vangloriar de seus méritos, por ser salvo e ser condenado deve ser visto como um justo castigo. Somente a graça separa os eleitos dos condenados, já que uma falta comum a ambos foi contraída ao nascer e os envolveu indistintamente na mesma condenação.

---

[222] Romanos 9: 17.
[223] Romanos 9: 18.

Dir-me-ás talvez: "Por que ele ainda se queixa? Quem pode resistir à sua vontade?"[224] Talvez se chegue até a jogar a responsabilidade dos crimes sobre Aquele que *tem misericórdia de quem quer e endurece com quem quer*.

Não nos envergonhemos então por dar a mesma resposta que o Apóstolo deu: *Mas quem és tu, ó homem, para contestar Deus? Porventura o vaso de barro diz ao oleiro: "Por que me fizeste assim?" Ou não tem o oleiro poder sobre o barro para fazer, da mesma massa, um vaso de uso nobre e outro de uso vulgar?*[225]

Há mentes insensatas que pensam que o Apóstolo não conseguiu encontrar resposta satisfatória e, por falta de argumentos, fechou a boca dos contraditores. Mas, não há um argumento vitorioso nestas palavras: *Mas quem és tu, ó homem?* Em uma só frase o Apóstolo convida o ser humano a medir o alcance de sua inteligência nesses temíveis problemas e dá uma resposta contundente, pois, se ele não pode compreender estas verdades, o que responderá a Deus? E, se ele a compreende, ele não é igualmente reduzido ao silêncio?

Neste último caso, de fato, ele vê claramente que o gênero humano, separado de Deus em sua origem, foi condenado por uma sentença tão justa que os seres humanos poderiam ter sido abandonados em massa à sua própria sorte, sem que Deus pudesse receber a mais leve acusação de injustiça.

---

[224] Romanos 9: 19.
[225] Romanos 9: 20 e 21.

Ele vê igualmente que os eleitos deviam ser libertados, de maneira que a maioria, abandonada à sua perda e à sua justa condenação, fosse uma prova contundente do castigo que mereceu a espécie inteira e que os próprios eleitos teriam sofrido legitimamente sem a ajuda da misericórdia divina, à qual eles não teriam nenhum direito.

Com isso, quem quiser se vangloriar de seus méritos, que sua *boca fique fechada*[226] e *Quem quiser se vangloriar, vanglorie-se no Senhor*[227].

Capítulo C

Nenhum acontecimento ocorre fora da vontade de Deus, mesmo quando a contradiz.

Assim *são as obras do Senhor: dignas da admiração de todos os que as amam*[228]. Elas são ordenadas com uma sabedoria infinita, pois, o ser humano e o anjo, tendo pecado, ou, em outros termos, tendo achado melhor seguir sua vontade, invés da do Criador, Deus se serviu de sua própria desobediência para realizar seus desígnios. Em sua bondade soberana, ele tirou partido do mal, condenando aqueles que sua justiça havia predestinado ao castigo eterno e salvando aqueles que sua misericórdia havia predestinado aos favores de sua graça.

[226] Romanos 3: 19.
[227] 1 Coríntios 1: 31.
[228] Salmo 110: 2.

Na medida em que isso foi feito neles, eles resistiram à sua vontade. Mas sua onipotência tornou suas tentativas inúteis e sua própria desobediência se tornou o impulsor de sua vontade.

Sua obra é toda ela majestade e magnificência e conformes aos seus desígnios[229]. Por uma lei de uma profundidade insondável, nenhuma revolta contra sua vontade pode acontecer sem a sua vontade, pois ela só pode acontecer na medida em que ele a permite e ele só a permite na medida em que ele bem quer. Sua bondade não permitiria jamais o mal, se seu poder não tirasse o bem do mal.

Capítulo CI

A vontade de Deus __ sempre com vistas ao bem __ se cumpre nas boas e nas más resoluções humanas.

Às vezes uma boa intenção leva o ser humano a querer o que Deus não quer, por um motivo infinitamente mais elevado e mais puro, pois a vontade divina é sempre conforme ao bem.

Por exemplo: um bom filho pode desejar que seu pai viva, enquanto que Deus, com um objetivo maior, ordena que ele morra.

Pelo contrário, o ser humano pode conceber, com um objetivo culposo, a resolução de que Deus formou um objetivo excelente. Por exemplo: um filho mau pode querer que seu pai morra, ao mesmo tempo em que Deus ordena que isso aconteça.

---

[229] Salmo 110: 2. *Magna opera Domini : exquisita in omnes voluntates ejus*.

No primeiro caso, os desejos do filho não estão de acordo com os desígnios de Deus. No segundo, há uma conformidade perfeita. Todavia, os bons sentimentos do primeiro, embora contrários aos desígnios de Deus, estão mais conformes com a vontade santa do que a impiedade do segundo, embora ela corresponde com seus desígnios.

Como é profunda a diferença que separa nossas resoluções dos desígnios de deus! Como é verdadeiro que a motivação de nossos atos fazem sua bondade ou sua malícia!

Muitas vezes, de fato, Deus emprega a vontade culposa dos ímpios para executar suas vontades sempre boas. Desta forma, a perfídia dos judeus foi o instrumento utilizado para imolar Jesus Cristo e realizar o plano de nossa redenção. Era tal a grandeza desse bem que o apóstolo Pedro, querendo colocar um obstáculo a ele, foi chamado de Satanás[230] pela própria vítima que corria para o sacrifício.

Sem dúvida que os fiéis obedeciam aos motivos mais nobres ao aconselharem Paulo para não ir a Jerusalém e evitar os tormentos que lhe havia revelado o profeta Ágabo[231]. No entanto, Deus quis que Paulo sofresse esses tormentos para divulgar sua Lei. Ele quis colocar à prova o confessor de Jesus Cristo e cumpriu seu desígnios em-

[230] Cf. Mateus 16: 23. *Jesus, voltando-se para ele, disse-lhe: "Afasta-te, Satanás! Tu és para mim um escândalo. Teus pensamentos não são de Deus, mas dos homens!"*
[231] Atos 21: 10-12.

pregando, não a boa vontade dos fiéis, mas a vontade criminosa dos judeus.

A intenção dos fiéis, embora oposta aos seus desígnios, lhe agradava mais do que a dos judeus, que agiam conforme sua vontade, por que eles cumpriam os decretos de sua bondade com uma intenção culposa.

Capítulo CII

A vontade de Deus é onipotente, seja quando tem misericórdia, seja quando endurece.

Por mais poderosa que seja a vontade dos anjos e dos seres humanos, tanto os bons quanto os maus, concordando ou não concordando com os desígnios de Deus, a vontade do Onipotente está acima de todos os obstáculos. Ela jamais tem o mal por objetivo, pois, ao condenar, ela é justa e a justiça é incompatível com o mal.

Deus, portanto, em sua potência absoluta, faz misericórdia a quem ele quer, por um efeito da graça ou endurece com quem ele quer, em virtude de um julgamento justo e jamais age com injustiça. Jamais ele faz algo sem querer e ele faz tudo o que lhe agrada.

Capítulo CIII

A explicação da passagem da Epístola a Timóteo que diz que *Deus quer a salvação de todos*.

Quando ouvimos ou lemos nas santas cartas que Deus *deseja que todos se salvem*[232], embora tenhamos a certeza de que o gênero humano inteiro não deve se salvar, devemos ter o cuidado de não retirar a onipotência da vontade divina. Nas palavras *Deus deseja que todos se salvem*, só serão salvos aqueles que Deus quiser.

O sentido não é que não há ninguém que Deus não queira salvar, mas que ninguém será salvo sem que Deus queira. É por isso que devemos lhe pedir que queira nos salvar, por que sua vontade será infalivelmente cumprida. A prece era, de fato, o alvo dos preceitos do Apóstolo, quando ele pronunciou estas palavras.

Devemos entender da mesma maneira esta passagem do Evangelho: *O Verbo era a verdadeira luz que, vindo ao mundo, ilumina todos*[233]. Estas palavras não significam que não há ninguém que não seja iluminado pelo Verbo, mas que ninguém pode ser iluminado sem sua luz.

Poderíamos também explicar esta passagem sem admitir que não há ninguém que Deus não queira salvar. Isto é um erro manifesto, já que Deus não quis fazer milagres nas cidades que, se os vissem,

[232] 1 Timóteo 2: 4.
[233] João 1: 9.

teriam feito penitência. Esta explicação consistiria em entender por *todos*, as diferentes classes que compõem o gênero humano: reis e súditos, nobres e plebeus, grandes e pequenos, sábios e ignorantes, fortes e fracos, engenhosos e parvos, ricos e pobres e remediados, homens e mulheres, recém-nascidos e crianças, adolescentes e jovens, idosos da mais avançada idade, pessoas, enfim, com todas as variedades estabelecidas pela língua, os costumes, as artes, as profissões, os gostos, os sentimentos.

Por que motivo, de fato, Deus não ia querer escolher seus eleitos entre tantas pessoas diversas e salvá-los pelos méritos de Jesus Cristo seu Filho único, já que, em sua onipotência, ele não poderia querer nada sem obter? Este é o pensamento do Apóstolo, pois ele acabara de recomendar a Timóteo que rezasse por todas as pessoas, designando mais especialmente que isso fosse feito *pelos reis e por todos os que estão constituídos em autoridade*[234], por que era natural acreditar que as pompas e as vaidades do mundo os faziam esquecer a humildade da fé cristã.

Após ter dito que dirigir preces ao céu para os grandes *é bom e agradável diante de Deus, nosso Salvador*[235], ele logo acrescenta para prevenir o desespero, *o qual deseja que todos se salvem e cheguem ao conhecimento da verdade*[236].

---

[234] 1 Timóteo 2: 2.
[235] 1 Timóteo 2: 3.
[236] 1 Timóteo 2: 4.

Deus, de fato, condescendeu, em sua sabedoria, conceder, diante das preces dos pequenos, a salvação dos grandes e vemos hoje seu desígnios se realizar.

Encontramos esta maneira de falar na própria boca do Senhor, quando ele diz aos fariseus: *Pagais o dízimo da hortelã, da arruda e de todos os vegetais*[237]. Aparentemente os fariseus não pagavam o dízimo sobre os produtos estrangeiros ou os produtos colhidos por estrangeiros em todas as terras. Se então devemos entender *todos os vegetais*, os vegetais de todos os tipos, podemos aqui considerar a expressão *todas as pessoas*, como sinônima de todas as classes.

Podemos também adotar outra interpretação qualquer, contanto que ela não traga a consequência de que Deus onipotente tenha estabelecido um desígnio sem poder realizá-lo. Aquele que, como a própria verdade declara sem equívoco, *faz tudo o que lhe apraz*[238], não quis fazer, sem nenhuma dúvida, tudo o que não foi feito.

Capítulo CIV

O desígnio de Deus sobre Adão, cuja falta ele previu.

Deus teria desejado manter o ser humano na perfeição com que foi criado e, após tê-lo visto se tornar pai, não o teria chamado para destinos mais elevados, no momento marcado em seus desígnios, sem fazê-lo passar pela morte, transportando-o para uma morada

[237] Lucas 11: 42. *Sed væ vobis, pharisæis, quia decimatis mentham, et rutam, et omne olus*.
[238] Salmo 113: 11.

onde estaria isento, não somente do pecado, mas da própria intenção de fazer o mal?

Sim, sem dúvida, se ele tivesse previsto que o ser humano jamais perderia a vontade de permanecer na inocência, que era o privilégio de sua origem.

Mas, como ele sabia antecipadamente que ele faria uma mau uso da liberdade; em outros termos, que ele pecaria; ele estabeleceu sua vontade de acordo com sua presciência e resolveu tirar o bem do mal, para que sua vontade sempre boa fosse executada e ficasse longe de ser reduzida à impotência pela vontade criminosa do ser humano.

Capítulo CV

A liberdade no estado primitivo e no estado de perfeição.

O ser humano devia primeiro ser criado com a faculdade de querer igualmente o bem ou o mal, com a condição de ser recompensado ou punido. Na eternidade ele será incapaz de querer o mal, sem perder, no entanto, seu livre arbítrio.

A liberdade será tão perfeita quanto mais ela tiver se libertado do pecado, pois, é preciso depreciar a vontade, negá-la ou lhe recusar a independência, por que temos um instinto tão vivo da felicidade que, não apenas não queremos ser infelizes, como também somos incapazes de querê-lo.

Pois bem! Da mesma forma como nossa alma não pode hoje querer sua infelicidade, assim também, ela não poderá desejar o mal.

Mas Deus quis, para seguir uma gradação legítima, mostrar a grandeza de um ser racional e livre para evitar o pecado, diante de uma impecabilidade que é uma perfeição mais elevada.

Acontece o mesmo com a imortalidade. Menos perfeita, embora real, quando ela não excluía a morte, ela será completa quando não incluir a possibilidade de morrer.

Capítulo CVI

A necessidade da graça, tanto no estado primitivo quando no estado atual.

A natureza humana perdeu, com sua livre vontade, essa imortalidade primitiva. Quanto à segunda, que ela teria conquistado com seus méritos, se ela não tivesse pecado, ela obterá da graça. No entanto, mesmo antes da queda ela poderia merecê-la sem a ajuda da graça. O pecado, sem dúvida, só dependia do livre arbítrio, mas a observação da justiça não dependia dele inteiramente. A ajuda divina era necessária para colocar a liberdade em comunicação com o bem imutável.

O ser humano pode se destruir quando ele quer. Ele possui mil meios de se retirar a vida, como se privar de alimento, só para citar um exemplo. Mas, ele não se basta para querer e para conservar sua

existência. Ele precisa de todos os alimentos e meios para manter a vida.

Esta era a condição do ser humano no paraíso terrestre. Ele era livre para se suicidar, renunciando à justiça, mas, quando ele precisou permanecer fiel a essa justiça, sua vontade se tornou insuficiente e ele precisava ser apoiado pelo Criador.

Depois da queda, a misericórdia de Deus é mais necessária ainda, já que é preciso se livrar da servidão da própria liberdade, que domina o pecado, tendo a morte como companheira.

Ora, não é com suas próprias forças, é com a graça toda pura de Jesus Cristo que o ser humano retoma sua liberdade. Assim como está escrito: "Sua vontade deve ser preparada pelo Senhor", para que ele possa receber todos os dons divinos que lhe valem o dom supremo da vida eterna.

Capítulo CVII

A vida eterna é recompensa e graça ao mesmo tempo.

É neste sentido que o Apóstolo chama a vida eterna de o salário pelas boas obras, o fruto da graça de Deus: *O salário do pecado é a morte, enquanto o dom de Deus é a vida eterna em Cristo Jesus, nosso Senhor*[239].

[239] Romanos 6: 23.

O soldo é, para o soldado, o prêmio por seus serviços; ele não é um dom. Ao chamar a morte de *o salário do pecado*, o Apóstolo nos mostra que ela é o castigo necessário e como que o prêmio pelo pecado.

Quanto à graça, ela seria apenas uma palavra vã, se ela não fosse um favor todo puro. É preciso então admitir que os bens, mesmo os conquistados pelos méritos humanos, são dons de Deus e que, ao receber a vida eterna como prêmio por seus méritos, só se faz receber a *graça sobre graça*[240].

Assim, o ser humano foi criado com um espírito correto e de uma maneira tal, que ele precisava da ajuda de Deus para conservar essa correção e podia falsear sua vontade, abusando de seu livre arbítrio.

Fosse qual fosse a decisão que ele tomasse, ele devia cumprir a vontade de Deus ou vê-la se cumprir nele. Mas ele preferiu seguir a sua vontade e não a de Deus e a vontade de Deus se cumpriu nele.

Da massa viciada que saiu dessa fonte, Deus formou vasos de honra e vasos de ignomínia[241]. De honra, com sua misericórdia; de ignomínia, com sua justiça; para que não haja no ser humano e, por consequência, em si mesmo, um motivo para se vangloriar.

---

[240] João 1: 16.
[241] Cf. Romanos 9: 21. *Ou não tem o oleiro poder sobre o barro para fazer, da mesma massa, um vaso de uso nobre e outro de uso vulgar?*

Capítulo CVIII

Deus é o autor de nossa salvação.

O próprio Jesus Cristo, o Mediador entre Deus e os seres humanos[242], teria sido impotente para nos libertar, se ele não fosse, ao mesmo tempo, humano e Deus.

Quando Adão foi criado, o ser humano era correto e não precisava de um Mediador, mas, quando o pecado cavou um abismo entre Deus e o gênero humano, um Mediador estranho ao pecado teve que nascer, viver e se imolar, para nos reconciliar com ele e nos fazer merecer, com a ressurreição da carne, a vida eterna.

Assim, a humildade de um Deus devia convencer e curar o ser humano de seu orgulho. O ser humano poderia medir a distância que o separava de Deus, ao ver que ele precisou de um Deus encarnado para atravessá-la. Um Deus-humano dando ao ser humano rebelde o exemplo de obediência.

Assim, ao assumir a forma de um escravo até então incapaz de méritos, o Filho unigênito se tornou a fonte da graça. A ressurreição do Redentor se tornou o penhor pela ressurreição da carne prometida àqueles que ele resgatou.

---

[242] Cf. 1 Timóteo 2: 5. *Por que há um só Deus e há um só mediador entre Deus e os seres humanos: Jesus Cristo*.

O demônio foi vencido pela natureza humana que ele gabava de ter seduzido e o ser humano foi coagido a não mais se vangloriar, para prevenir assim o retorno do orgulho.

Estas foram as consequências desse mistério augusto. E eu não falo daqueles que podem descobrir e expressar as almas mais perfeitas ou que a mente contempla sem que a linguagem possa traduzir.

Capítulo CIX

A morada das almas antes da ressurreição.

No intervalo que separa a morte da ressurreição geral, as almas residem em uma morada misteriosa. Lugar de repouso ou de tormento, segundo a sorte que elas mereceram quando estavam presas pelos laços do corpo.

Capítulo CX

Em que medida e para quais almas o sacrifício do altar e as boas obras são eficazes?

É incontestável que as almas dos mortos são aliviadas pela piedade dos vivos, quando é oferecido por elas o sacrifício do Mediador ou quando são feitas boas obras na Igreja. Mas, para receber esse alívio, elas devem tê-lo merecido durante a vida.

Não há um modo de vida tão perfeito para dispensar esse socorro e não tão criminoso que não possa retirar nenhum fruto dele.

Mas, há uma perfeição na virtude que não necessita desses socorros, bem como há no mal um grau em que eles se tornam supérfluos.

Por consequência, depende de nós levar neste mundo uma vida que agrava ou permite o alívio de nossas penas no outro mundo e seria insensato contar, após a morte, com um favor que não se pensou merecer em vida.

Desta forma, o costume da Igreja de rezar pelos mortos não contradiz este pensamento do Apóstolo: *Teremos de comparecer diante do tribunal de Cristo. Ali cada um receberá o que mereceu, conforme o bem ou o mal que tiver feito enquanto estava no corpo*[243], pois estas almas terão merecido, com suas ações neste mundo, os alívios da Igreja.

Nem todos, de fato, recebem esses alívios. E, de onde pode vir essas exceções, se não é da própria diferença de comportamento que tiveram nesta vida?

Portanto, o sacrifício do altar e as boas obras feitas em intenção de todos os fiéis defuntos, são ações de graça para os cristãos cumprirem. Elas são oferendas propiciatórias para os cristãos imperfeitos. Quanto aos ímpios, eles não colhem nenhum fruto delas. Em todos os casos elas servem para consolar os vivos. As almas a quem elas são úteis veem suas penas anuladas ou, no mínimo, aliviadas.

[243] 2 Coríntios 5: 10.

Capítulo CXI

Duas cidades eternas após o julgamento geral.

Após a ressurreição, quando o julgamento de todas as almas tiver terminado, serão separadas as duas cidades: a de Jesus Cristo e a do demônio. Uma será a morada dos bons e a outra a dos maus. Ambas terão, como habitantes, anjos e humanos.

Os bons perderão toda vontade e os maus todo poder de pecar.

A morte desaparecerá, mas uns viverão no seio de uma pura e eterna felicidade, os outros existirão no seio de tormentos e como que em uma morte eterna sem poder morrer, pois a duração das penas, como a felicidade, não terá fim. No entanto, haverá gradações na felicidade e nos suplícios.

Capítulo CXII

O suplício dos condenados deve ser eterno.

É, portanto, erradamente que às vezes, ou melhor, em geral, nos deixamos nos tocar por uma piedade totalmente humana para com os infelizes que devem sofrer um castigo eterno e tormentos sem fins e que imaginamos que essas penas terão um término.

Sem dúvida que não se ataca as Escrituras, mas, obedecendo aos impulsos do coração, as passagens mais severas são suavizadas e inclina-se para um sentido menos rigoroso das palavras em que se quer ver apenas uma ameaça mais do que a verdade.

Dizem que "Deus não se esquecerá de sua piedade e sua cólera não anulará sua clemência"[244]. Estas são, de fato, as expressões do Salmista, mas elas só se aplicam, evidentemente àqueles que são chamados de *vasos de misericórdia*[245]. Gostaríamos que esta passagem se aplicasse indiferentemente a todos?

Não se poderia, sem uma grave consequência, reconhecer um limite ao suplício dos condenados, sobre os quais está escrito: *Estes irão para o castigo eterno*, pois seria preciso, no mesmo ato, admitir que os justos, aqueles que irão *para a vida eterna*[246], verão ser estabelecido um término, cedo ou tarde, à sua felicidade.

Acredite quem quiser que, após um intervalo de tempo, o castigo dos condenados será aliviado, em uma certa medida. Esta hipótese, de fato, não contradiz a verdade.

A ira de Deus[247] é sinônimo de condenação, já que Deus é estranho a qualquer impulso das paixões e ela persiste contra os infelizes condenados e, por consequência, Deus, em sua *ira* __ ou, em outros termos, sem abrir mão de sua ira __ não coloca limites em sua misericórdia. Ele é misericordioso não estabelecendo um término aos

---

[244] Cf. Salmo 76: 10.
[245] Cf. Romanos 9: 22 e 23. *22. Onde, então, está a injustiça em ter Deus __ para mostrar a sua ira e manifestar o seu poder __ suportado com muita paciência os vasos de ira preparados para a perdição, mostrando as riquezas da sua glória para com os vasos de misericórdia, que de antemão preparou para a glória?*
[246] Mateus 25: 46.
[247] Cf. João 3: 36. *Aquele que crê no Filho tem a vida eterna. Quem não crê no Filho não verá a vida, mas sobre ele pesa a ira de Deus*.

tormentos eternos, mas suavizando os suplícios ou temperando-os com alguns alívios.

Desta forma respeita-se o pensamento do Salmista, que não diz que Deus será misericordioso por colocar um término à sua ira ou após ter desistido dela, mas que ele não colocará limites à sua compaixão, mesmo preservando sua ira.

Por mais que se imagine leve a pena a ser sofrida no inferno, se ver morto para o reino de Deus, exilado da Cidade Celeste, estranho à vida de Deus, privado das inumeráveis delícias que Deus reservou para os que o temem e se refugiam nele[248], que suplício! É tão pavoroso em sua duração infinita que não pode ser comparado a nenhum dos tormentos que conhecemos, mesmo que tivessem que ser suportados por *apenas* alguns séculos.

Capítulo CXIII

A perpetuidade da vida dos ímpios e da vida dos santos.

Assim, a morte do condenado __ em outros termos, a privação da vida de Deus __ se perpetuará e será comum a todos os reprovados, qualquer que seja a maneira como, ao dar espaço à imaginação, seja concebida a variedade dos tormentos, o alívio ou a suspensão dos sofrimentos.

[248] Cf. Salmo 30: 20.

A vida dos santos será igualmente eterna e comum a todos os eleitos, nessa hierarquia de glória e de honras que os rodeará.

Capítulo CXIV

A esperança. A Oração do Senhor reúne tudo o que se deve esperar.

Da fé, contida abreviadamente no Símbolo __, cujas expressões são como o leite das criancinhas, mas o sentido profundo só alimenta os fortes __ nasce a sólida esperança dos fiéis e sua companheira: a santa caridade.

Mas, de todas as verdades que se deve acreditar, aquelas contidas na Oração do Senhor formam especialmente o domínio da esperança.

Diz a Escritura divina: "Infeliz daquele que coloca sua esperança no ser humano"[249]. Maldito aquilo que envolve aquele que coloca sua esperança em si mesmo.

É, portanto, unicamente a Deus que devemos dirigir as opiniões que formamos, seja para agir bem, seja para obter o fruto de nossas boas obras.

[249] Cf. Jeremias 17: 5. *"Maldito o homem que confia em outro homem, que da carne faz o seu apoio e cujo coração vive distante do Senhor!"*

Capítulo CXV

Os sete pedidos da Oração do Senhor, segundo São Mateus.

A Oração do Senhor, tal como é encontrada no Evangelho de São Mateus, parece inicialmente reunir sete pedidos. Três objetivam os bens eternos e os quatro outros são relativos aos bens temporais, na medida em que eles servem para obter os bens celestes.

Quando dizemos: "Santificado seja vosso nome; venha a nós o vosso reino; seja feita a vossa vontade, assim na terra como no céu" __ ou, de acordo com uma interpretação muito sensata, *em nossa mente e em nosso corpo* __ nos solicitamos bens imperecíveis. Iniciados neste mundo, eles se desenvolvem em nós na medida em que crescemos em virtudes, até que se completam na outra vida, como devemos esperar, quando então sua posse será eterna.

Mas, quando dizemos: "O pão nosso de cada dia nos dai hoje; perdoai as nossas ofensas, assim como nós perdoamos a quem nos tem ofendido; não nos deixeis cair em tentação, mas livrai-nos do mal"[250], não é nítido que estes pedidos têm relação com as necessidades da vida presente?

É então na vida eterna, objetivo perpétuo de nossas esperanças, que veremos o nome de Deus ser santificado, seu reino chegar e sua vontade ser cumprida em nossas mentes e em nossos corpos, de uma maneira perfeita e imutável.

[250] Cf. Mateus 6: 9-13.

Quanto ao pão nosso de cada dia, ele é chamado desta maneira por que ele é necessário diariamente ao nosso corpo e à nossa alma, de acordo como se tome esta expressão no sentido literal ou figurado.

Mesmo que seja somente neste mundo, no teatro do pecado, que se possa pedir a remissão dos pecados, é neste mundo que se produzem as tentações que atraem ou arrastam para o pecado. É neste mundo que reina o mal, do qual desejamos ser libertados. No céu, esses desejos não terão mais objetivo.

Capítulo CXVI

Os cinco pedidos da Oração do Senhor, de acordo com São Lucas. A concordância entre os dois evangelistas.

A Oração do Senhor, em São Lucas, só oferece cinco pedidos. Este encurtamento, longe de apresentar uma contradição, ajuda a fixar o sentido dos sete pedidos que expõe o primeiro evangelista.

Não é na mente que é santificado o nome de Deus? Não é na ressurreição da carne que brilhará o advento do reino de Deus? É desta forma que, ao dividir o terceiro pedido, São Lucas nos mostra que ele é apenas uma repetição dos dois primeiros.

Ele relaciona, em seguida, os três outros, que são relativos ao pão de cada dia, à remissão dos pecados e à graça de superar as tentações.

As palavras que terminam a oração em São Mateus __ *e livrai-nos do mal* __ são suprimidas em São Lucas, para nos fazer entender que este pedido está contido naqueles sobre a tentação.

O primeiro evangelista, por fim, ao colocar: *mas livrai-nos do mal*, invés de dizer: *e livrai-nos do mal*, deixa claramente perceber que estas duas preces de confundem. Ele apresenta o mesmo pensamento sob a forma de uma antítese, como quando dizemos: *não queira isto, mas queira aquilo*. Assim, ele nos adverte que somos desviados do mal pelo único fato de não sermos induzidos em tentação.

Capítulo CXVII

A caridade e sua união com a fé e a esperança.

Chego à caridade. O Apóstolo a coloca acima da fé e da esperança e, de fato, quanto mais ela é viva, mas aquele que ela anima é perfeito.

Se queremos saber se uma pessoa é do bem, não lhe perguntamos o que ela acredita e nem o que ela espera, mas perguntamos o que ela ama. A pureza do amor gera a pureza da esperança e da fé.

Sem o amor, pelo contrário, a fé é estéril, mesmo quando ela tenha por objetivo a verdade. A esperança é inútil, mesmo quando ela demonstra que suas aspirações tem por objetivo a verdadeira felicidade. É preciso que as crenças e as esperanças se convertam em caridade, por um dom do céus que a prece pode obter.

Mesmo que a esperança seja inseparável do amor, é possível que não se ame os meios de atingir o próprio objetivo que se espera. Por exemplo, pode-se esperar a vida eterna __ e quem não amaria isto? __ sem amar a justiça, que é sua condição primeira.

A caridade, como diz o Apóstolo, é apenas a fé que age através do amor. Se ela observa imperfeições em seu amor, ela pede para receber, busca para encontrar e bate para fazer abrir[251], pois a fé obtém o que a Lei se contenta em ordenar.

Sem o dom de Deus __ em outros termos, sem o Espírito Santo, por quem *o amor de Deus foi derramado em nossos corações*[252] __ a Lei só pode ordenar, mas ela é impotente para ajudar a vontade e só serve para tornar o ser humano prevaricador, ao lhe retirar a ignorância como desculpa.

Os desejos da carne reinam em toda parte onde o amor de Deus está ausente.

Capítulo XCVIII

Os quatro estados ou épocas da humanidade.

Quando a humanidade esteve mergulhada nas mais espessas trevas da ignorância e não encontrava nenhum obstáculo em sua razão contra as paixões da carne, este foi seu início e seu primeiro estado.

[251] Cf. Mateus 7: 7. *Pedi e se vos dará. Buscai e achareis. Batei e vos será aberto*.
[252] Romanos 5: 5.

Quando em seguida veio a Lei para lhe mostrar o mal, sem que o Espírito de Deus apoiasse sua vontade, ela desejou viver conforme esta Lei, mas ela foi vencida, caiu conscientemente no mal e viveu sob o jugo do pecado, pois, *o ser humano é feito escravo daquele que o venceu*[253].

O conhecimento do preceito produz então este efeito: o pecado se transforma em corrupção no ser humano, ao ser acrescido, por assim dizer, do coroamento da prevaricação. Assim se realizaram as palavras do Apóstolo: *Sobreveio a Lei para que abundasse o pecado*[254]. Este foi o segundo estado da humanidade.

Mas, quando Deus dirige seu olhar para a humanidade, a ajuda a cumprir seus próprios mandamentos e a estimula com seu Espírito, os desejos da carne são combatidos pela energia da caridade[255].

Sem dúvida de que há ainda uma luta interior e a fraqueza não é completamente curada. No entanto, o ser humano vive na justiça, pela virtude da fé, na medida em que ele não se deixa arrastar pela concupiscência e cede ao atrativo da justiça. Este é o terceiro estado da humanidade e a época da esperança.

Se caminhamos para a perfeição com uma pia esperança, há ainda um último estado que é o da paz e que consistirá no repouso da alma após a morte e se consumará pela ressurreição da carne.

---

[253] 2 Pedro 2: 19.
[254] Romanos 5: 20.
[255] Cf. Gálatas 5: 17. *Os desejos da carne se opõem aos do Espírito e estes aos da carne, pois são contrários uns aos outros. É por isso que não fazeis o que quereríeis.*

Destas quatro épocas diferentes, a primeira precedeu a Lei; a segunda corresponde ao reino da Lei; a terceira, ao da graça e a última era será aquela de uma paz perfeita e inalterável.

Esta foi a ordem na qual se sucederam através dos tempos os destinados ao povo de Deus, segundo os conselhos Daquele que dispõe *tudo com medida, quantidade e peso*[256].

Este povo, no início, não estava submetido à Lei. Mais tarde ele recebeu a Lei das mãos de Moisés. Depois, ele viveu sob o império da graça, revelada pelo primeiro advento do Mediador[257].

No entanto, não vamos acreditar que a graça tenha faltado nas duas épocas anteriores às almas predestinadas a recebê-la. Não tendo ainda chegado o momento de distribuí-la, ela agia misteriosamente e como que sob um véu, pois os justos da época anterior não puderam se salvar pela fé em Jesus Cristo. No entanto, se ele tivesse permanecido desconhecido deles, eles não poderiam nos revelar sua vinda nas profecias em que, alternadamente, se obscurece e brilha a verdade.

Capítulo CXIX

A escravidão da Lei desconhecida por muitos.

Afinal, qualquer que seja o estado em que a graça da regeneração surpreende o ser humano, ela lhe propicia o perdão de todas as

[256] Sabedoria 11: 20.
[257] Cf. João 1: 17. *A Lei foi dada por Moisés; a graça e a verdade vieram por Jesus Cristo*.

faltas passadas. A pena que o nascimento o condena é apagada no novo nascimento que ele recebe.

Estas palavras divinas: *O Espírito sopra onde quer*[258] são realizadas tão literalmente, que um grande número de pessoas que vivem sob a Lei não conheceu a escravidão, já que elas receberam, ao mesmo tempo, os mandamentos de Deus e a graça necessária para cumpri-los.

Capítulo CXX

A morte da criança batizada.

Antes de receber os mandamentos divinos, o ser humano deve ter recebido a vida física. Mas, assim que é mergulhado no sacramento da regeneração, ele pode morrer sem ter nada que temer.

De fato, *Para isso é que morreu Cristo e retomou a vida: para ser o Senhor tanto dos mortos como dos vivos*[259]. E o império da morte não poderia pesar sobre aquele pelo qual se sacrificou o Deus que é "livre entre os mortos"[260].

[258] João 3: 8. *Spiritus ubi vult spirat*.
[259] Romanos 14: 9.
[260] Salmo 87: 6. *Inter mortuos líber*.

Capítulo CXXI

A caridade é a finalidade de todos os preceitos.

Assim, todos os preceitos divinos levam à caridade, segundo as palavras do Apóstolo: *Esta recomendação só visa a estabelecer a caridade, nascida de um coração puro, de uma boa consciência e de uma fé sincera*[261].

Sim, a caridade é o fim ao qual devem se reportar todos os preceitos. Se os obedecemos em nossos atos por medo do castigo ou por qualquer outro impulso carnal, invés de ter em vista a caridade que o Espírito Santo derrama em nossos corações[262], não realizamos o bem como se deve, mas só em aparência.

A caridade consiste em amar Deus e o próximo. *"Nestes dois mandamentos se resumem toda a Lei e os Profetas"*[263].

Consulte os Evangelhos, consulte as cartas dos Apóstolos; é sempre a mesma doutrina: "A finalidade dos preceitos é a caridade". Ou então: *Deus é caridade e quem permanece na caridade permanece em Deus e Deus nele*[264].

Assim, todos os mandamentos de Deus, como, por exemplo, "Não cometerás adultério"; todos os conselhos evangélicos, como

[261] 1 Timóteo 1: 5.
[262] Cf. Romanos 5: 5.
[263] Mateus 22: 40.
[264] 1 João 4: 16. *Deus caritas est et qui manet in caritate, in Deo manet et Deus in eo*

este: *Seria bom ao homem não tocar mulher alguma*[265], são seguidos corretamente quando eles têm por objetivo amar a Deus e amar ao próximo visando a Deus, seja neste mundo, seja na eternidade.

Hoje amamos Deus com a fé; na eternidade nosso amor desfrutará de sua visão. Aliás, também é pela fé que amamos o próximo.

O ser humano é incapaz de penetrar nos recantos do coração humano, mas *esperai que venha o Senhor. Ele porá às claras o que se acha escondido nas trevas. Ele manifestará as intenções dos corações. Então cada um receberá de Deus o louvor que merece*[266]. Assim, amaremos e louvaremos no próximo as virtudes que a luz divina revelará a todos os olhares.

Por fim, a concupiscência vai se enfraquecendo na medida em que a claridade aumenta, até que ela atinja, enfim, o grau de perfeição que ela não pode ultrapassar.

Ninguém tem maior amor do que aquele que dá a sua vida por seus amigos[267].

Mas, quem poderia explicar o reino da caridade nos corações em que ela não encontrará mais paixão para combater e onde a corrupção está tão completamente aniquilada que a morte não terá mais sobre eles nenhuma força?

---

[265] 1 Coríntios 7: 1.
[266] 1 Coríntios 4: 5.
[267] João 15: 13.

Capítulo CXXII

Conclusão

É tempo de terminar esta obra. Cabe a você avaliar se ela cumpre a ideia que você tem de um manual e se ela merece este título.

Eu não poderia ficar indiferente ao seu ardor pela ciência de Jesus Cristo.

A confiança e a esperança que coloco em sua piedade, apoiada pela graça de nosso Redentor e o amor que me prende vivamente a você, um de seus membros, estes são os motivos que me levaram a escrever este tratado sobre a fé, a esperança e a caridade.

Eu coloquei todas as minhas forças nele. Possa sua utilidade corresponder à sua extensão!

Créditos

Enchiridion de fide, spe et charitate

© 421: Aurelius Augustinus Hipponensis

© 2018: Teodoro Editor - Niterói, Rio de Janeiro, Brasil.

Tradução: Souza Campos, E. L. de, de *Traité de la Foi, de l'Espérance et de la Charité*. Tradução do latim de *M. Raulx*, in *Oeuvres complètes de Saint Augustin*, Bar-le-Duc, 1869.

Cotejado com *Manual de la fe, de la esperanza y de la caridad*, P. Andrés Centeno (OSA).

E

Manuale sulla fede, speranza e carità.

Revisão, diagramação, notas adicionais e edição: Souza Campos, E. L. de.

Conteúdo

Manual sobre a fé, a esperança e a caridade _____ 2

Introdução _____ 2

Capítulo I _____ 2

A verdadeira sabedoria. _____ 2

Capítulo II _____ 3

A sabedoria humana é a piedade. _____ 3

Capítulo III _____ 4

Honra-se Deus através da fé, da esperança e da caridade. __ 4

Capítulo IV _____ 4

As questões colocadas por Laurêncio e as respostas de Santo Agostinho. _____ 4

Capítulo V _____ 5

Resposta à terceira e à quarta questão. _____ 5

Capítulo VI _____ 7

O material que pode conter um manual. _____ 7

Capítulo VII _____ 7

O Símbolo e a Oração do Senhor reúnem a fé, a esperança e a caridade. _____ 7

Capítulo VIII_____ 8

Explicação geral da fé, da esperança e da caridade e sua união indissolúvel. _____ 8

Capítulo IX _____ 11

Os princípios da fé, na própria ordem do símbolo e a ciência necessária ao cristão. _____ 11

Capítulo X_____ 12

A origem do mal. _____ 12

Capítulo XI _____ 13

O mal é apenas a negação do bem._____ 13

Capítulo XII _____ 14

Todos os seres são bons. É a imperfeição de sua natureza que os sujeita à corrupção._____ 14

Capítulo XIII_____ 16

Nenhum mal existiria sem o bem. _____ 16

Capítulo XIV _____ 17

O mal nasce do bem._____ 17

Capítulo XV _____ 19

Uma árvore boa não pode dar maus frutos? _____ 19

Capítulo XVI _____ 20

A ciência não é um elemento essencial à felicidade. _____ 20

Capítulo XVII _____ 21

No que consiste o erro. O erro não é sempre nocivo. _____ 21

Capítulo XVIII _____ 23

Toda mentira é um pecado, mas sua gravidade é relativa. A intenção faz a mentira. _____ 23

Capítulo XIX _____ 25

O erro é sempre um mal, embora em graus diferentes. ___ 25

Capítulo XX _____ 28

Nem todo erro é um pecado. A refutação do ceticismo da Nova Academia. _____ 28

Capítulo XXI _____ 30

O erro, sem ser sempre uma falta, é essencialmente um mal. _____ 30

Capítulo XXII _____ 31

Toda mentira é um pecado. _____ 31

Capítulo XXIII _____ 33

A bondade de Deus é o princípio de todos os bens. O mal vem da revolta da vontade nos seres de perfeição limitada. 33

Capítulo XXIV _____ 34

O mal tem uma segunda causa: a ignorância e a concupiscência._____ 34

Capítulo XXV_____ 34

Os castigos do pecado. _____ 34

Capítulo XXVI _____ 35

A pena acarretada pelo pecado de Adão é transmitida a toda sua descendência. _____ 35

Capítulo XXVII _____ 36

O estado do ser humano após o pecado de Adão e a misericórdia de Deus com relação a ele. _____ 36

Capítulo XXVIII_____ 37

A sorte dos anjos bons._____ 37

Capítulo XXIX _____ 38

A parte do gênero humano que se ergue de sua queda substitui os anjos banidos do céu._____ 38

Capítulo XXX_____ 39

O ser humano não se levanta com seus méritos, mas com o poder da graça. _____ 39

Capítulo XXXI _____ 41

A fé e as boas obras são um dom de Deus._____ 41

Capítulo XXXII _____ 42

A boa vontade depende de Deus. _____ 42

Capítulo XXXIII_____ 45

A necessidade de um mediador e no que consiste a cólera de Deus._____ 45

Capítulo XXXIV_____ 46

E encarnação do Verbo e a refutação dos apolinaristas.___ 46

Capítulo XXXV _____ 48

Jesus Cristo é tanto Deus como ser humano. _____ 48

Capítulo XXXVI_____ 49

A graça brilha na humanidade de Jesus Cristo. _____ 49

Capítulo XXXVII _____ 51

O nascimento de Jesus Cristo, enquanto obra do Espírito Santo, é um efeito da graça. _____ 51

Capítulo XXXVIII _____ 52

Jesus Cristo não é filho do Espírito Santo, mas tem Maria como mãe. 52

Capítulo XXXIX 54

A origem não pressupõe, necessariamente, a filiação. 54

Capítulo XL 55

O nascimento de Jesus Cristo através da ação do Espírito Santo revela a graça que uniu o Verbo à humanidade em uma só pessoa. 55

Capítulo XLI 56

Jesus Cristo e o pecado. 56

Capítulo XLII 58

O batismo. 58

Capítulo XLIII 58

Os pecados apagados no batismo. 58

Capítulo XLIV 59

O singular trocado pelo plural e reciprocamente. 59

Capítulo XLV 60

O pecado original é complexo. 60

Capítulo XLVI 61

O pecado original não é o único que é transmitido com o sangue. _____ 61

Capítulo XLVII_____ 62

Em que geração se interrompe a transmissão das faltas. __ 62

Capítulo XLVIII _____ 63

O pecado original só pode ser apagado por Jesus Cristo.__ 63

Capítulo XLIX _____ 63

O batismo de João não tinha a virtude de regenerar. _____ 63

Capítulo L_____ 65

Jesus Cristo apaga todos os pecados. _____ 65

Capítulo LI _____ 66

A necessidade de ser regenerado em Jesus Cristo._____ 66

Capitulo LII _____ 66

O batismo é representação da morte e da ressurreição de Jesus Cristo. _____ 66

Capítulo LIII_____ 69

A cruz, a sepultura, a ressurreição, a ascensão de Jesus Cristo são símbolos da vida cristã. _____ 69

Capítulo LIV_____ 70

O julgamento final. 70

Capítulo LV 71

O duplo sentido da expressão: os vivos e os mortos. 71

Capítulo LVI 72

O Espírito Santo e a Igreja. As relações entre a Igreja Triunfante e a Igreja Militante. 72

Capítulo LVII 75

A felicidade inalterável da Igreja no céu. 75

Capítulo LVIII 75

A hierarquia dos anjos. 75

Capítulo LIX 76

A forma sob a qual os anjos apareceram. 76

Capítulo LX 77

Os artifícios de Satã para se disfarçar de anjo de luz. 77

Capítulo LXI 78

Jesus Cristo não está morto para os anjos. No que a redenção toca os anjos. 78

Capítulo LXII 79

Jesus Cristo é um princípio de união e de paz. 79

Capítulo LXIII 81

A paz do reino dos céus ultrapassa qualquer inteligência. 81

Capítulo LXIV 82

A remissão dos pecados. 82

Capítulo LXV 84

Quais crimes são redimidos pela Igreja. Fora da Igreja os pecados não podem ser redimidos. 84

Capítulo LXVI 85

A remissão dos pecados tem por objetivo prevenir o julgamento futuro. 85

Capítulo LXVII 86

Todos os fiéis, sejam quais forem seus crimes, serão salvos pelo fogo? 86

Capítulo LXVIII 88

O fogo purificador nesta vida. 88

Capítulo LXIX 90

O fogo purificador no outro mundo. 90

Capítulo LXX 92

Sem a mudança, as boas obras não apagam os crimes. ___ 92

Capítulo LXXI _____ 92

A Oração do Senhor apaga as faltas leves. _____ 92

Capítulo LXXII_____ 93

As diversas formas de boas obras. _____ 93

Capítulo LXXIII _____ 94

A boa ação mais nobre é perdoar seus inimigos. _____ 94

Capítulo LXXIV _____ 96

Deus só perdoa aqueles que perdoam. _____ 96

Capítulo LXXV _____ 97

A boa ação não purifica se não houver correção. _____ 97

Capítulo LXXVI _____ 98

A boa obra consiste primeiramente em ter piedade de si mesmo e viver corretamente. _____ 98

Capítulo LXXVII _____ 101

A boa obra só é eficaz com a condição de se renunciar às iniquidades._____ 101

Capítulo LXXVIII _____ 102

Há pecados que, na avaliação humana, são atos inocentes. 102

Capítulo LXXIX _____ 105

Há pecados que são muito graves, embora pareçam leves. 105

Capítulo LXXX _____ 106

O horror ao crime se enfraquece com o hábito. _____ 106

Capítulo LXXXI _____ 107

Duas causas do pecado: a ignorância e a fraqueza. A necessidade da graça para superar estes obstáculos. ____ 107

Capítulo LXXXII _____ 109

A penitência é uma graça de Deus._____ 109

Capítulo LXXXIII _____ 109

O pecado contra o Espírito Santo _____ 109

Capítulo LXXXIV _____ 110

A ressurreição da carne. _____ 110

Capítulo LXXXV _____ 111

Os abortos. _____ 111

Capítulo LXXXVI _____ 112

O início da vida no ventre materno. _____ 112

Capítulo LXXXVII _____ 112

Os monstros; como eles ressuscitarão? _____ 112

Capítulo LXXXVIII _____ 113

O corpo se recomporá, qualquer que seja a maneira como seus elementos morreram. _____ 113

Capítulo LXXXIX _____ 114

Como voltarão os supérfluos ao corpo. _____ 114

Capítulo XC _____ 115

A altura e os traços não apresentarão irregularidade. ____ 115

Capítulo XCI _____ 116

Os corpos dos santos ressuscitarão em sua substância, dali por diante, incorruptível. _____ 116

Capítulo XCII _____ 117

A situação dos corpos dos condenados após a ressurreição. _____ 117

Capítulo XCIII _____ 118

Quais dos condenados sofrerão o suplício mais suave ___ 118

Capítulo XCIV _____ 119

A verem os castigos dos reprovados, os santos apreciarão melhor sua felicidade. _____ 119

Capítulo XCV _____ 119

Os julgamentos secretos de Deus no mistério da predestinação serão então revelados. _____ 119

Capítulo XCVI _____ 121

Deus faz o bem, mesmo deixando que se faça o mal. ___ 121

Capítulo XCVII _____ 121

A vontade humana pode entravar a vontade de Deus, quando ele resolveu salvar uma alma? _____ 121

Capítulo XCVIII _____ 123

Embora Deus possa converter a todos, ele não é injusto ao não converter todos. _____ 123

Capítulo XCIX _____ 126

Deus concede a graça por sua bondade infinita, assim como endurece sem injustiça. O princípio que nos separa dele. 126

Capítulo C _____ 128

Nenhum acontecimento ocorre fora da vontade de Deus, mesmo quando a contradiz. _____ 128

Capítulo CI _____ 129

A vontade de Deus __ sempre com vistas ao bem __ se cumpre nas boas e nas más resoluções humanas._____ 129

Capítulo CII _____ 131

A vontade de Deus é onipotente, seja quando tem misericórdia, seja quando endurece._____ 131

Capítulo CIII_____ 132

A explicação da passagem da Epístola a Timóteo que diz que *Deus quer a salvação de todos*. _____ 132

Capítulo CIV_____ 134

O desígnio de Deus sobre Adão, cuja falta ele previu.___ 134

Capítulo CV _____ 135

A liberdade no estado primitivo e no estado de perfeição. 135

Capítulo CVI_____ 136

A necessidade da graça, tanto no estado primitivo quando no estado atual. _____ 136

Capítulo CVII _____ 137

A vida eterna é recompensa e graça ao mesmo tempo. __ 137

Capítulo CVIII _____ 139

Deus é o autor de nossa salvação._____ 139

Capítulo CIX_____ 140

A morada das almas antes da ressurreição. _____ 140

Capítulo CX _____ 140

Em que medida e para quais almas o sacrifício do altar e as boas obras são eficazes? _____ 140

Capítulo CXI_____ 142

Duas cidades eternas após o julgamento geral. _____ 142

Capítulo CXII _____ 142

O suplício dos condenados deve ser eterno. _____ 142

Capítulo CXIII _____ 144

A perpetuidade da vida dos ímpios e da vida dos santos._ 144

Capítulo CXIV _____ 145

A esperança. A Oração do Senhor reúne tudo o que se deve esperar. _____ 145

Capítulo CXV _____ 146

Os sete pedidos da Oração do Senhor, segundo São Mateus. _____ 146

Capítulo CXVI _____ 147

Os cinco pedidos da Oração do Senhor, de acordo com São Lucas. A concordância entre os dois evangelistas. _____ 147

Capítulo CXVII _____ 148

A caridade e sua união com a fé e a esperança. _____ 148

Capítulo XCVIII _____ 149

Os quatro estados ou épocas da humanidade. _____ 149

Capítulo CXIX _____ 151

A escravidão da Lei desconhecia por muitos. _____ 151

Capítulo CXX _____ 152

A morte da criança batizada. _____ 152

Capítulo CXXI _____ 153

A caridade é a finalidade de todos os preceitos. _____ 153

Capítulo CXXII _____ 155

Conclusão _____ 155

Créditos _____ 156

Conteúdo _____ 157